



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DA UFBA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

LUTÉCIA MACIEL NÓBREGA

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR:
ESTUDO DE CASO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**

Salvador
2016

LUTÉCIA MACIEL NÓBREGA

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR:
ESTUDO DE CASO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Administração do Núcleo de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Guimarães Cardoso
Coorientador: Prof. Dr. Helinando Pequeno de Oliveira

Salvador
2016

Escola de Administração - UFBA

N754 Nóbrega, Lutécia Maciel.

Internacionalização da educação superior: estudo de caso dos cursos de pós-graduação da Universidade Federal do Vale do São Francisco / Lutécia Maciel Nóbrega. – 2016.
140 f.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Guimarães Cardoso.

Coorientador: Prof. Dr. Helinando Pequeno de Oliveira.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

1. Universidade Federal do Vale do São Francisco – Cooperação internacional - Estudo de casos. 2. Educação (Superior) – Brasil – Cooperação internacional. 3. Pós-graduação – Brasil – Cooperação internacional. 4. Universidades e faculdades – Cooperação internacional. I. Universidade Federal da Bahia. Escola de Administração. II. Título.

CDD – 378.05

LUTÉCIA MACIEL NÓBREGA

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR:
ESTUDO DE CASO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração, junto à Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 02 de junho de 2016.

Banca Examinadora

Claudio Guimarães Cardoso - Orientador
Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea
Universidade Federal da Bahia

Helinando Pequeno de Oliveira - Coorientador
Doutor em Física
Universidade Federal de Pernambuco

Maria Clotilde Meirelles Ribeiro
Doutora em Administração
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido o dom a vida e por ter me dado à capacidade física e mental para concluir essa dissertação.

À minha família que me apoiou em todos os momentos dessa caminhada, especialmente minha mãe Lourivalda e minha irmã Natécia.

Ao meu esposo lindo, maravilhoso e bem humorado Thiago, pela paciência e incentivo durante esse período, pois sem ele ao meu lado eu não conseguiria ter chegado até aqui.

Ao meu orientador Prof. Dr. Claudio Guimarães Cardoso pelas orientações precisas e por todo apoio.

Ao meu coorientador Prof. Dr. Helinando Pequeno de Oliveira pela ajuda e confiança no meu trabalho.

Aos professores da Univasf Ricardo Santana e Mônica Tomé pelas palavras de incentivo em momentos decisivos no início desse processo.

À Univasf que me proporcionou essa oportunidade e que investiu para que esse mestrado acontecesse.

Aos meus colegas de trabalho da PRPPGI que me apoiaram e me ajudaram dando continuidade as minhas atividades na instituição.

À turma MPA/14 Univasf que enfrentou todas as dificuldades dessa jornada sempre ajudando uns aos outros.

Às meninas do apê pelo convívio mais próximo, de maneira que sempre buscamos ajudar umas as outras.

À equipe do gueto que esteve sempre unida nas atividades e trabalhos realizados, especialmente nas horas de lazer e descanso. Em especial, quero agradecer a Gabi pelo companheirismo, desde os primeiros estudos para ingressarmos no mestrado.

À todos os amigos que contribuíram de forma direta ou indireta, por meio de incentivos e palavras de estímulo.

Enfim, a todas as pessoas que estiveram comigo, muito obrigado!

“Internacionalização é mudar o mundo da educação e globalização é mudar o mundo da internacionalização”.

Jane Knight

NÓBREGA, L. M. **Internacionalização da educação superior**: estudo de caso dos cursos de pós-graduação da Universidade Federal do Vale do São Francisco. 140 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

A internacionalização da educação superior é uma realidade iminente nos dias de hoje, para isso, é preciso que as universidades saibam aproveitar a dinâmica desse processo de cooperação internacional traçando estratégias de melhoria e qualidade institucional. A identificação de ações conjuntas nesse sentido poderá contribuir para que outras instituições reflitam sobre os melhores caminhos para se chegar ao padrão de excelência internacional. Diante disso, o presente trabalho analisa como ocorre a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf tendo em perspectiva os critérios de internacionalização da Capes e o modelo de Knight (1994) denominado círculo da internacionalização. Para tanto, apresentou-se uma revisão de literatura por meio de uma pesquisa de natureza exploratória descritiva com utilização do método de estudo de caso. A pesquisa constatou que a Capes foi identificada como catalisador relevante no processo de internacionalização da educação superior, uma vez que publica sua avaliação nacional por meio desses critérios, atribuindo notas para melhor conceituar os cursos de pós-graduação das universidades brasileiras. A análise dos resultados revelou que a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf ainda é bastante incipiente, já que não existe uma política formalmente institucionalizada com as razões, motivações e estratégias devidamente articuladas entre a Univasf e seus respectivos cursos. Por fim, constatou-se que as ações de cooperação internacional nessa instituição vêm sendo realizadas isoladamente por parte do corpo docente de maneira individualizada, em especial quando analisadas com base nos critérios de internacionalização da Capes. Diante dessa realidade, a formulação de uma política com o apoio e envolvimento de toda a comunidade acadêmica seria crucial para a definição de um processo sustentável de internacionalização na instituição. Somado a isso, sugere-se uma pesquisa mais aprofundada sobre esse tema para estudos futuros que tratem mais efetivamente desse assunto no sentido de auxiliar na definição de planejamentos e estratégias no âmbito internacional para as Instituições de Ensino Superior brasileiras.

Palavras chave: Internacionalização da educação superior. Cooperação internacional. Cursos de pós-graduação.

NÓBREGA, L. M. **Internationalization of higher education**: a case study of postgraduate courses at Federal University of São Francisco Valley. 140 f. Dissertation (Master in Administration) - Federal University of Bahia, Salvador, 2016.

ABSTRACT

Internationalization of higher education is an imminent reality today, so it is necessary that universities know how to take advantage of the dynamics of this international cooperation process outlining improvement and institutional quality strategies. The identification of joint activities in this direction can contribute so as to other institutions could reflect on the best ways to reach the international standard of excellence. Thus, the present study analyzes how is the internationalization of the Univasf post-graduate courses taking into perspective the Capes internationalization criteria and the Knight model (1994), called internationalization circle. Therefore, we performed a literature review through a descriptive exploratory research using the case study method. The study found that Capes was identified as an important catalyst in the international cooperation process, as it publishes its national assessment through these criteria, assigning grades to better conceptualize post-graduate courses in Brazilian universities. The results revealed that the internationalization of Univasf post-graduate courses is still incipient, since there is no formally institutionalized politics with the reasons, motivations and properly articulated strategies between Univasf and its corresponding courses. Finally, it was found that the cooperation international actions in this institution have been executed in isolation by the teaching staff in an individualized way, especially when these actions are analyzed based on the Capes international criteria. Given this reality, the formulation of a policy with the support and involvement of the entire academic community would be crucial to the definition of a sustainable process of internationalization in the institution. Adding to this, it is suggested further research on this subject for future studies that deal more effectively with this matter in order to assist in defining plans and strategies at the international level for Brazilian Higher Education Institutions.

Key words: Internationalization of higher education. International cooperation. Postgraduate courses.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fluxograma das etapas do estudo	17
Figura 2	Círculo da internacionalização	32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Programas de cooperação internacional da Capes	25
Quadro 2	Acordos e programas de cooperação internacional do CNPq	27
Quadro 3	Razões e motivações para a internacionalização acadêmica	33
Quadro 4	Estratégias programáticas e organizacionais: suporte necessário para a internacionalização	36
Quadro 5	Abrangência da internacionalização	40
Quadro 6	Ações de internacionalização da USP	46
Quadro 7	Protocolos de cooperação e convênios da UFRGS	50
Quadro 8	Situações relevantes para diferentes estratégias de pesquisa	55
Quadro 9	Relação dos entrevistados	59
Quadro 10	Matriz de análise	62
Quadro 11	Cursos de pós-graduação da Univasf	66
Quadro 12	Programa Vale sem Fronteiras da Univasf	72
Quadro 13	Acordos de cooperação da ARI	73
Quadro 14	Critérios de internacionalização da Capes (Área - Materiais)	80
Quadro 15	Critérios de internacionalização da Capes (Área - Zootecnia/Recursos Pesqueiros)	84
Quadro 16	Critérios de internacionalização da Capes (Área - Ciências Agrárias I)	88
Quadro 17	Critérios de internacionalização da Capes (Área - Farmácia)	92
Quadro 18	Critérios de internacionalização da Capes (Área - Interdisciplinar)	97
Quadro 19	Critérios de internacionalização da Capes (Área - Medicina Veterinária)	100
Quadro 20	Resultado dos critérios de internacionalização da Capes	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARI	Assessoria de Relações Internacionais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
C&T&I	Ciência, Tecnologia e Inovação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CsF	Ciência sem Fronteiras
DP	Diretoria de Pesquisa
DPG	Diretoria de Pós-Graduação
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EUA	Estados Unidos da América
FACEPE	Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
FAUBAI	Associação Brasileira de Educação Internacional
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FMI	Fundo Monetário Internacional
IAU	Associação Internacional das Universidades
IES	Instituição de Ensino Superior
IETS	<i>International Embryo Transfer Society</i>
IFET	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
IsF	Idioma sem Fronteiras
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia Inovação
MEC	Ministério da Educação
MEI	Mobilidade Estudantil Internacional

MIT	<i>Massachusetts Institute of Technology</i>
MRE	Ministério de Relações Exteriores
NUcLI	Núcleo de Línguas
OCDE	Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONGs	Organizações não governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PNPG	Plano Nacional de Pós-Graduação
PROAP	Programa de Apoio à Pós-Graduação
PRPPGI	Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação
RUF	<i>Ranking</i> Universitário Folha
SRCA	Secretaria de Registro de Controle Acadêmico
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIVASF	Universidade Federal do Vale do São Francisco
UPM	Universidade Presbiteriana <i>Mackenzie</i>
USAID	<i>United States Agency for International Development</i>
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	13
1.2 DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	14
1.2.1 Objeto de estudo	14
1.2.2 Problema de pesquisa	15
1.2.3 Objetivo Geral	15
1.2.4 Objetivos Específicos	15
1.2.5 Pressupostos	15
1.2.6 Corte temporal	15
1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	16
2. REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR.....	18
2.1.1 Cooperação internacional nas universidades brasileiras	21
2.1.2 Cooperação internacional e as agências de fomento - Capes e CNPq	23
2.2 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA	29
2.2.1 Razões, motivações, estratégias, benefícios, riscos e obstáculos para o processo de internacionalização	33
2.3 EDUCAÇÃO SUPERIOR E A PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA NO ÂMBITO INTERNACIONAL	41
2.3.1 Universidades brasileiras consideradas mais internacionalizadas	44
2.3.2 Avaliação da pós-graduação e os critérios de internacionalização da Capes	51
3. METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO	55
3.1 METODOLOGIA E ESTRATÉGIA DA PESQUISA	55
3.2 ETAPAS DO ESTUDO E COLETA DE DADOS.....	56
3.2.1 Protocolo de estudo de caso	57
3.3 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS	57
3.3.1 Observação direta	57
3.3.2 Análise de documentos	58
3.3.3 Entrevistas	58
3.3.4 Modelo de análise de dados	60

4. ESTUDO DE CASO: INTERNACIONALIZAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVASF.....	65
4.1 A UNIVASF NO ÂMBITO INTERNACIONAL - DIMENSÃO INSTITUCIONAL	65
4.2 CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVASF E SUA INSERÇÃO INTERNACIONAL - DIMENSÃO TÉCNICA	78
4.2.1 Pós-Graduação em Ciência dos Materiais (Área – Materiais)	78
4.2.2 Pós-Graduação em Ciência Animal (Área - Zootecnia/Recursos Pesqueiros).....	82
4.2.3 Pós-Graduação em Engenharia Agrícola (Área - Ciências Agrárias I)	86
4.2.4 Pós-Graduação em Recursos Naturais do Semiárido (Área – Farmácia)..	89
4.2.5 Pós-Graduação em Ciência da Saúde e Biológicas (Área – Interdisciplinar).	93
4.2.6 Pós-Graduação em Ciências Veterinárias no Semiárido (Área - Medicina Veterinária).....	98
4.2.7 Pós-Graduação em Agronomia - Produção Vegetal (Área - Ciências Agrárias I).....	101
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO	104
5.1 CRITÉRIOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA CAPES.....	105
5.2 CÍRCULO DA INTERNACIONALIZAÇÃO	113
6. CONCLUSÃO	121
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICE A - Protocolo de Estudo de Caso.....	130
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com o Reitor da Univasf	132
APÊNDICE C - Roteiro de entrevista com o Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Univasf.....	134
APÊNDICE D - Roteiro de entrevista com o Assessor de Relações Internacionais da Univasf	136
APÊNDICE E - Roteiro de entrevista com os Coordenadores dos Cursos de Pós-Graduação da Univasf.....	138

1. INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

As universidades sempre sofreram influência internacional por meio da globalização, devido à presença de professores advindos de diversas partes do mundo que estimulavam a troca de experiências entre formadores de conhecimento. Esse cenário pode ser caracterizado pela chamada internacionalização, que se apresenta como consequência desse processo global fortemente inserido na educação superior. Atualmente esse tema vem sendo sistematicamente estudado, justificando sua frequente presença no ambiente acadêmico, por meio de políticas e planejamentos estratégicos institucionais, constituindo-se numa realidade iminente, inclusive para os cursos de pós-graduação das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Sendo assim, as universidades que sempre tiveram influência internacional sofrem os impactos desse processo, já que possuem um papel muito importante na difusão do conhecimento, não somente dentro do seu contexto local, mas também para além das suas fronteiras.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) tem um papel muito importante nesse cenário, já que vem atuando na expansão e consolidação da pós-graduação brasileira, na avaliação dos cursos, no acesso e divulgação a produção científica, nos investimentos na formação de recursos de alto nível no país e no exterior e na promoção da cooperação científica internacional. Essa agência de fomento vem utilizando ainda critérios de internacionalização para atribuir notas aos cursos de pós-graduação de acordo com as ações desenvolvidas por eles, de acordo com cada área de conhecimento.

Nessa perspectiva, é urgente que a Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) obtenha conhecimento e faça uso desses critérios para melhoria na qualidade dos seus cursos, e conseqüentemente para alcançar uma melhor nota na avaliação da Capes. Para isso, se faz necessário escolher a melhor maneira para se adaptar a esse ambiente acadêmico internacional, dentro da sua autonomia, já que a internacionalização tende a acontecer de maneira reativa às demandas existentes, necessitando estabelecer um modelo alinhado aos objetivos

institucionais que apresente de maneira clara, quais as razões, motivações e estratégias para uma melhor apropriação dos seus benefícios, bem como, sem deixar esquecer ainda os riscos e obstáculos advindos desse processo.

Diante disso, tomando como base o contexto apresentado, justifica-se o tema escolhido por apresentar relevância e por exigir uma pesquisa mais aprofundada a respeito da internacionalização da educação superior, de maneira que o emprego de seus resultados possa fornecer um estudo mais propositivo e discussões futuras que tratem mais efetivamente desse assunto. A aplicabilidade dessa pesquisa deve ser destacada por entender que a internacionalização está cada vez mais presente nas políticas nacionais da educação superior, devendo ser caracterizada por ações formalizadas e contínuas, por intermédio das missões, valores e estratégias institucionais.

Sendo assim, a motivação para essa pesquisa partiu da necessidade de se analisar que contribuições a internacionalização poderia fornecer para a melhoria da qualidade dos cursos de pós-graduação da Univasf, e conseqüentemente dos seus conceitos, já que todos esses cursos receberam nota 3 na última avaliação trienal da Capes realizada em 2013. Como decorrência, a internacionalização poderá facilitar ainda a comunicação e a aproximação entre pesquisadores e formadores de conhecimento e possibilitar uma maior troca de experiências entre a Univasf e outras universidades em diversas partes do mundo. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa com o emprego do método de estudo de caso, em relação à internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf, buscando enfatizar esse tema e contextualizá-lo nos processos de globalização que envolve a educação superior brasileira, principalmente no que diz respeito à pós-graduação, de maneira que estejam inseridos nesse processo por meio da qualificação e capacitação dos seus profissionais, visando ao alcance de uma universidade com prestígio acadêmico internacional.

1.2 DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

1.2.1 Objeto de estudo

O objeto de estudo dessa pesquisa é a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf.

1.2.2 Problema de pesquisa

Por meio do estudo da internacionalização, bem como do contexto em que esse processo ocorre, esta pesquisa busca encontrar respostas para identificar a seguinte questão de partida: Como ocorre a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf?

1.2.3 Objetivo Geral

Tendo como base a questão de partida acima citada, este estudo tem como objetivo geral: Analisar como ocorre a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf.

1.2.4 Objetivos Específicos

- a) Identificar as razões, motivações, estratégias e benefícios da internacionalização;
- b) Apresentar os riscos e obstáculos da internacionalização;
- c) Descrever as ações de internacionalização que estão sendo executadas pelos cursos de pós-graduação da Univasf;
- d) Analisar o processo de internacionalização com base nos critérios de internacionalização da Capes e no modelo de Knight (1994).

1.2.5 Pressupostos

- a) As políticas de internacionalização são informais, e não com base em um planejamento estratégico por parte da instituição;
- b) O processo de internacionalização ocorre principalmente a partir de ações individuais por parte do corpo docente;
- c) As demandas de internacionalização são influenciadas principalmente pelas políticas nacionais de pós-graduação.

1.2.6 Corte temporal

O corte temporal para a pesquisa é de 2008 a 2016, período em que compreende o início do primeiro curso de pós-graduação da Univasf.

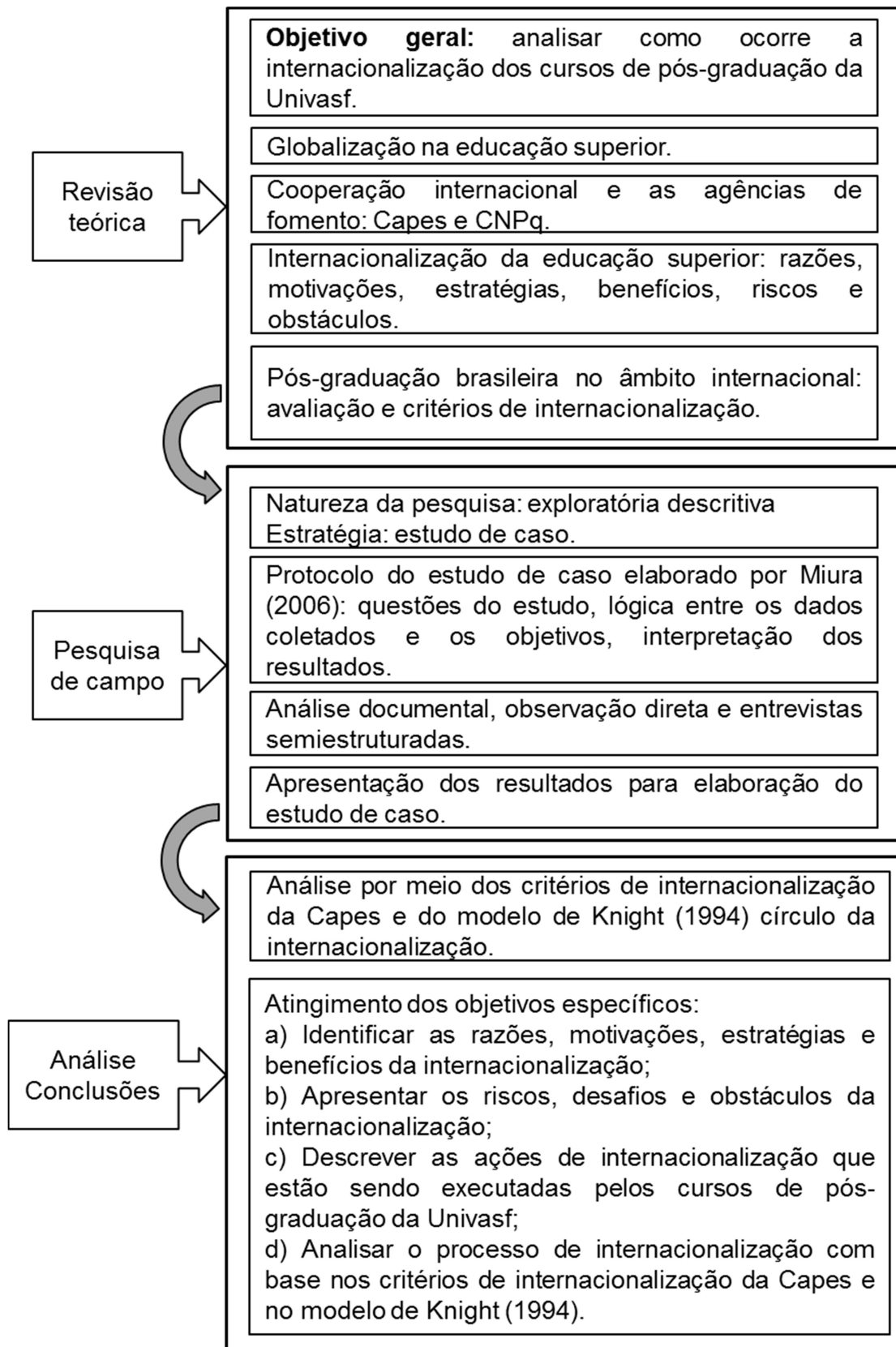
1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

De maneira resumida, este trabalho apresenta a seguinte divisão: Na primeira etapa foi disponibilizada uma breve introdução contextualizando o tema de pesquisa escolhido, visando acentuar a sua relevância para os cursos de pós-graduação da Univasf. Apresentou-se o problema de pesquisa que buscou ser respondido ao longo de todo trabalho, bem como, seus objetivos e pressupostos. Em seguida, procurou-se entender o contexto do processo de internacionalização para as IES brasileiras, pautados no referencial teórico a respeito da globalização e cooperação internacional e seus reflexos na educação superior, apresentando as razões, motivações, estratégias e benefícios da internacionalização, bem como, identificando seus riscos e obstáculos.

Seguindo o ordenamento das etapas previstas, apresentou-se toda a metodologia utilizada para estruturar o trabalho. Na sequência, descreveu-se a realidade empírica do estudo de caso em questão no que tange à internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf por meio da utilização das múltiplas fontes de evidências coletadas, tendo em vista a dimensão institucional e técnica. Posteriormente, foi feita uma análise dos resultados obtidos em relação a esses cursos, para que houvesse um diálogo maior entre o referencial teórico apresentado e a realidade empírica. Na conclusão, apontaram-se os caminhos para a efetivação da internacionalização para os cursos de pós-graduação da Univasf, bem como a indicativa de estudos futuros por parte de outros pesquisadores.

Tendo em vista as informações acima apresentadas, a figura 1 a seguir fornece um fluxograma dessas etapas, ilustrando mais claramente os conceitos abordados na revisão teórica, servindo de indicador para os procedimentos da pesquisa de campo com os passos da metodologia utilizada para facilitar ainda mais a compreensão do leitor em relação à estrutura do trabalho.

Figura 1 - Fluxograma das etapas do estudo



Fonte: Elaborado pela autora

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

A economia em todo mundo vem sendo marcada pela globalização por meio da liberação do comércio de bens e serviços, provocando ainda mais a competição e a cooperação entre os países envolvidos.

Segundo Therborn (2001, p. 126), a globalização caracteriza-se como um processo que se apresenta em diversos setores abrangendo aspectos relacionados à

[...] economia, finanças, ciência, tecnologia, comunicação, educação, cultura e política, podendo cobrir um número infinito de aspectos da vida social, isto é, variar em amplitude, de apenas multicontinental até rigorosamente planetária, e pode ser movida por dinâmicas diferentes.

Essa compreensão pode ser refletida pela interdependência desses setores, como resultado do rápido aumento do fluxo de bens, serviços, pessoas e informações, e assim, tem modificado cada vez mais o cenário mundial político, social, econômico e educacional. Nesse sentido, a globalização pode ser considerada o resultado inevitável das amplas tendências econômicas, tecnológicas e científicas que diretamente afetam a educação superior. Vale ressaltar que essa tendência global não se limita apenas a aspectos econômicos, mas englobam várias outras modalidades que atuam como um meio de mudança social, criando um cenário cada vez mais competitivo, inclusive no que diz respeito à produção e difusão do conhecimento.

Esse posicionamento é compartilhado por Miura (2006, p. 3) ao afirmar que “a globalização é um processo que provoca impactos em diversos setores da economia dos quais, a educação é apenas um deles”. Esses impactos impõem aos países a necessidade de abrirem suas fronteiras diante desse processo global, acima mesmo de eventuais diferenças existentes, pois nos dias atuais não tem sido admissível uma postura de isolamento, de maneira que essa inserção global é de suma importância.

No entanto, surgem opiniões divergentes nesse cenário quando se trata do tema da globalização na área educacional. De um lado, os críticos que “temem a invasão dos espaços locais, o deterioro da identidade, o fim das tradições, o

definhamento dos valores”, adicionada a perda da autonomia nacional, incluindo riscos para as economias locais e regionais. Em contrapartida, os favoráveis apontam com entusiasmo “a integração de países e regiões isoladas, a disseminação das conquistas da ciência e tecnologia e, a perspectiva de uma governança mundial” (GOERGEN, 2012, p. 248).

De qualquer maneira, independente de qual seja o posicionamento, a globalização apresenta-se como um fenômeno incontestável e as universidades precisam se apropriar das oportunidades e benefícios advindos desse processo. Para tanto, ignorar completamente os efeitos da globalização pode ser prejudicial à sobrevivência das instituições, visto que o ambiente acadêmico é altamente afetado por padrões internacionais por meio da difusão do conhecimento, levando em consideração a propriedade intelectual, o recebimento de recursos, dentre outros aspectos.

Na área educacional, a globalização vem lançando novos desafios e permitindo uma maior interação entre os povos, devido a crescente necessidade de se investigar temas cada vez mais emergentes e conseqüentemente encontra-se inserida no contexto da educação superior, principalmente dentro das universidades, consideradas “tradicionalmente, instituições de produção e disseminação do conhecimento” e conhecidas como instituições autônomas, “protegidas de interferências políticas e com um alto grau de independência em relação às influências exercidas por outros atores no âmbito internacional” (DUARTE; LIMA JÚNIOR; BATISTA, 2007, p. 159).

Dessa forma, as Instituições de Ensino Superior (IES) buscam adequar-se a esse cenário, construindo uma educação de qualidade que possibilite maior integração de todas as dimensões do ser humano, já que uma vez influenciadas pela globalização, essas instituições precisam responder às exigências impostas, criando estratégias que correspondam a essa nova realidade, a fim de proporcionar diversas experiências internacionais para todos os envolvidos nesse processo, por meio de diferentes conhecimentos, culturas e línguas.

Esse fenômeno global fez também crescer qualitativamente a relação entre países de diversas partes do mundo, de maneira que, a educação superior no Brasil vem vivenciando essa cooperação acadêmica internacional, na busca por um modelo de desenvolvimento que oportunizará maior acesso à globalização em curso, contribuindo com as universidades na apresentação de soluções para esses

desafios. Para isso, é preciso atentar para o fato de que estando “a educação intimamente imbricada no processo de globalização, é no sistema de ensino superior que ocorre o maior impacto”. Naturalmente, pelo conhecimento representar um dos principais valores e, este, “advindo de patamares superiores, onde a busca de educação e certificação continuada se faz presente”, promovendo a valorização da universidade que passa a adquirir valor e concepção de liberdade, através do ensino superior (MOROSINI, 2006, p. 112).

Outro aspecto relevante nesse contexto de globalização é que as políticas de educação superior sempre foram influenciadas por organizações internacionais que assumiram uma postura mais decisiva no desenvolvimento dos sistemas educacionais, impondo medidas e reformas para ajustar os países em desenvolvimento, de maneira a condicioná-los. Tais medidas têm gerado ainda hoje várias discussões no ambiente acadêmico sob a justificativa de que a educação não poderia ser regida por uma lógica de mercado. Assim, essas organizações possuem estratégias específicas, as quais devem ser levadas em conta ao analisar sua influência e ação nas políticas de caráter internacional apresentada as IES brasileiras. Porém aos poucos, cada vez mais as IES estão evoluindo de uma ótica mais receptora e passiva para um modelo mais igualitário, de maneira que os países em desenvolvimento como o Brasil, têm buscado um diálogo mais justo, solidário e inclusivo, reivindicando uma maior interação nas posições e tomadas de decisões.

Dentre as organizações diretamente envolvidas nesse processo, destacam-se: USAID, Fundo Monetário Internacional (FMI), Organização Mundial do Comércio (OMC), Organização das Nações Unidas (ONU), Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), Banco Mundial e UNESCO (LAUS, 2012, p. 40). É importante garantir que as decisões estabelecidas entre essas organizações e os países envolvidos não se caracterizem apenas por relações de colonialismo, mas sim, pela produção coletiva e pela troca do conhecimento entre as partes, já que muitas vezes, essa cooperação sofre forte influência de tendências internacionais fomentadas por interesses divergentes.

Diante disso, além da educação superior é influenciada por desses organismos internacionais, sofrendo ainda interferência dos órgãos governamentais nacionais por meio das relações com o Estado. Assim, é preciso ter bastante ponderação ao considerar os efeitos da globalização na educação superior, principalmente dentro das universidades, visualizadas muitas vezes apenas como

um serviço comercial regulamentado e como ferramenta para promover as instituições de ensino, geralmente motivadas por interesses financeiros, em vez da concepção de educação como um bem público. É preciso levar em consideração que a globalização na educação superior sempre trouxe consigo essa influência internacional com o objetivo de estimular o progresso da ciência e solucionar os problemas comuns da sociedade e não como algo apenas comercial.

No entanto, apesar de não haver uma definição jurídica que caracterize esses aspectos dentro das universidades, cabe a cada uma delas, dentro da sua autonomia fazê-la, para que a inserção internacional se desenvolva da melhor maneira possível. Para isso, a ideia de inserir a educação no contexto global deve visualizar o verdadeiro sentido que ela representa que é a da cooperação científica e educacional. Diante disso, as universidades precisam entender o real significado da sua missão, para não cometer falhas no seu processo institucional de inserção internacional. Sendo assim, é imperativo ao ambiente acadêmico desempenhar seu papel internacional e acompanhar as demandas da globalização para não ficar de fora desse processo.

2.1.1 Cooperação internacional nas universidades brasileiras

Ao longo dos anos, a cooperação internacional visa à busca do conhecimento a ser compartilhado entre os povos de diferentes nações, por meio da participação de professores de diversas partes do mundo, objetivando ampliar as informações sobre temas variados. Nesse contexto, as universidades sempre contribuíram para as transformações ocorridas na sociedade, sendo possível vivenciar essa cooperação por meio das suas missões institucionais como parte integrante desse processo. Porém, essa ideia de cooperação internacional pode ser utilizada em diferentes contextos, e isso tem causado algumas divergências entre pesquisadores que nem sempre estão afinados com o significado desse tema.

Tomaremos como referência de cooperação internacional, do ponto de vista de Santos (2015, p. 32), que acredita ser “sinônimo de abertura de oportunidades para o desenvolvimento, onde os parceiros maximizam os interesses”. Essa cooperação pode ser entendida como uma inter-relação por meio da consciência obtida pela diversidade cultural entre os povos, visando aos interesses dos atores envolvidos para benefício mútuo.

Stallivieri (2014, p. 1) considera ser o principal benefício dessa cooperação internacional, ou seja, o “objetivo comum das sociedades científicas mundiais (...) assegurar a qualidade e a eficácia na renovação e na socialização do conhecimento produzido”, implicando na disseminação do conhecimento entre as diversas instituições, por meio da divulgação de pesquisas realizadas por profissionais capacitados nas mais diversas áreas do conhecimento, e não apenas como resposta às pressões da globalização.

No cenário atual, as políticas e programas das universidades brasileiras no âmbito da cooperação internacional, principalmente nos cursos de pós-graduação, apresentam-se por meio de diferentes instituições governamentais que promovem o desenvolvimento de recursos humanos, através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o desenvolvimento científico e tecnológico por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Essas instituições vêm desenvolvendo um conjunto de programas e ações com foco na cooperação internacional, de forma a colocar o Brasil nesse cenário, criando ambientes favoráveis para a atração de melhores pesquisadores e qualificação recursos humanos. Nesse sentido, é necessário que a educação superior ganhe maior visibilidade e demonstre capacidade para responder aos desafios em questões mais complexas para uma melhor socialização e transferência de conhecimentos, experiências e tecnologias, que enriquecerão ainda mais as ações de cooperação dentro das instituições. Desse modo, o governo passa a atuar como facilitador e estimulador dessas ações de cooperação, criando parcerias que possibilitem a capacidade de ampliação do conhecimento entre os povos. Para tanto, é necessário incentivar essa cooperação de tal forma, que esse trabalho conjunto se torne devidamente institucionalizado, por meio da criação de políticas e estratégias para a formação de pessoal qualificado nas atividades de pesquisa e pós-graduação.

Sendo “considerada parte integrante da política de um país”, a cooperação internacional, também segundo Souto e Reinert (2004, p. 1), é a “expressão de um trabalho conjunto entre nações, visando contribuir e operar na busca de objetivos de interesse para todos os participantes envolvidos”.

A construção de redes acadêmicas apoiadas pela cooperação internacional também direciona o desenvolvimento de pesquisas com outros centros de formação no exterior. Sendo assim, é preciso desenvolver processos ágeis com

normas claras e transparentes, contribuindo assim, para o desenvolvimento da cooperação científica, tecnológica e educacional, o que se traduz diretamente em benefícios tanto para a comunidade acadêmica quanto para a ciência e tecnologia do país. Vale ressaltar que a educação superior brasileira precisa estimular cada vez mais a cooperação acadêmica internacional, sem deixar de lado os aspectos econômicos, políticos e socioculturais, e aumentar a sua produção científica com forte participação internacional em instituições de excelência. Essa cooperação precisa ter como premissa a produção e socialização do conhecimento como um todo, contudo sem deixar de respeitar as individualidades de cada cultura, povo ou nação.

2.1.2 Cooperação internacional e as agências de fomento - Capes e CNPq

As agências de fomento vêm desempenhando um papel fundamental dentro das instituições, através da formação de recursos humanos e intercâmbio de conhecimentos entre pesquisadores e grupos de pesquisa no âmbito internacional. O que se vem percebendo é uma aproximação maior do Estado com as universidades, através da definição de políticas públicas no ensino superior, com base em valores de cooperação internacional, integração, parceria, troca e benefícios mútuos.

No Brasil, a cooperação internacional foi alavancada com a criação de bolsas de estudos no exterior e intensificada, anos mais tarde, com programas de financiamento à pesquisa por agências federais, tendo se mostrado bastante presente no cenário atual por meio das demandas principalmente da Capes e do CNPq. Essas agências possuem uma diversidade de demandas a serem concedidas às IES, nas quais podem ser destacadas: financiamentos de missões de trabalho, financiamentos de projetos conjuntos de pesquisa, visitas científicas, bolsas de estudo, acordos bilaterais, dentre outras. Elas passaram a atuar em todo o meio acadêmico nacional incentivando as instituições a reagir e a criar mecanismos de adequação a essa nova realidade, principalmente na pós-graduação. Sendo assim, as ações desenvolvidas por essas instituições são imprescindíveis, e as universidades públicas federais são apontadas como as principais beneficiárias dessas políticas públicas demandadas pelo governo.

Para Méa, Schuch Junior e Gomes (2011, p. 5) a cooperação internacional possibilita as IES tornarem-se,

[...] centros de excelência influenciando diretamente na política de desenvolvimento consubstanciada nos planos de governo... é uma ferramenta útil para ajudar as instituições a fixar pontos de referências e sair com soluções inovadoras em relação a gerência, a academia e à investigação.

Nessa perspectiva, os cursos de pós-graduação também precisam encarar esses desafios institucionais na busca de se tornarem centros de excelência e conseqüentemente melhor a qualidade dos seus cursos e os conceitos nas avaliações.

De acordo com o Plano Nacional de Pós-Graduação (2010, p. 231),

[...] a presença da ciência brasileira no cenário internacional pode ser aferida, pela atuação de cientistas brasileiros nas principais instituições internacionais de ciência, frequentemente em posições de primeira importância, através de notáveis ações de cooperação científica internacional, promovidas pelas agências de fomento, federais e estaduais.

Considerando que a produção do conhecimento sempre esteve presente nas universidades e levando em conta o seu caráter internacional de aquisição do conhecimento, essas ações promovidas pelas agências de fomento, tem sido muito importantes para a melhoria da qualidade do ensino e da pesquisa, criando condições para o desenvolvimento da educação superior brasileira.

Diante desse contexto, a mobilidade de estudantes vem sendo apontada como o fator mais importante dessa cooperação, inspiradora das políticas e práticas, tanto em nível nacional quanto institucional, no que se refere à certificação de qualidade, credenciamento bem como aos aspectos acadêmicos, curriculares e culturais (DE WIT, 2008 p. 1). Essa mobilidade tem se intensificado ainda mais por meio de conexões e redes de saber universal que aproximam as comunidades científicas em diferentes partes do mundo, e tem ocorrido predominantemente do Sul para o Norte. Dessa maneira, a Capes tem um papel muito importante nesse processo, já que ao longo dos anos, a sua atuação na área de cooperação internacional vem sofrendo alterações substanciais e adquirindo papel decisivo na formação de recursos humanos, através da criação de bolsas de estudo, programas e estabelecimento de parcerias com organismos internacionais.

No entanto, o trabalho realizado pela Capes favorece ainda a

[...] formalização de trabalhos conjuntos entre pesquisadores, estudantes e docentes, em torno de objetivos comuns, direcionados à pesquisa científica em geral ou à modernização institucional de universidades e centros de pesquisa (ROSA, 2008, p. 4).

Assim, o objetivo da cooperação internacional na Capes é desenvolver as atividades da pós-graduação na conjuntura mundial, através do apoio aos grupos de pesquisa internacionais, visando a melhoria da área de pós-graduação brasileira. Para isso, realiza acordos bilaterais, onde programas encabeçam projetos conjuntos de pesquisa entre grupos brasileiros e estrangeiros, financiando intercâmbio de professores e bolsas de estudo para alunos, promovendo meios de pesquisa com recursos humanos de alto nível, e também programas de parcerias universitárias binacionais visando o aumento do intercâmbio de estudantes de graduação, pós-graduação e professores (CAPES, 2015).

Dessa forma, diversas parcerias vêm sendo atualmente realizadas pela Capes com instituições estrangeiras, através dos programas de cooperação internacional. O quadro abaixo apresenta os programas disponíveis:

Quadro 1 - Programas de cooperação internacional da Capes

Doutorado Pleno no Exterior	Destinado a candidatos de comprovado desempenho acadêmico e que se dirijam a instituições de excelência e prestígio internacional, em áreas de reconhecida carência. Oferece bolsas para os programas de pós-graduação no Brasil, amplia o nível de colaboração e de publicações conjuntas entre pesquisadores que atuam no Brasil e no exterior, proporciona maior visibilidade internacional e amplia o acesso de pesquisadores brasileiros a centros internacionais de excelência;
Doutorado Sanduíche no Exterior (PSDE)	Qualifica profissionais por meio da concessão de cotas de bolsas de doutorado sanduíche às IES brasileiras que possuam curso de doutorado recomendado e reconhecido com nota igual ou superior a 3. As bolsas são destinadas aos alunos brasileiros matriculados nos cursos de doutorado com potencial científico para o desenvolvimento dos estudos propostos no exterior;
Pesquisa Pós-Doutoral	Destina-se a realização de estudos avançados por pesquisador com o título de Doutor há menos de 8 anos para complementar a formação com desenvolvimento de projetos conjuntos e em parceria com instituições de excelência no exterior. Aprimora a produção e qualificação científicas, funcionando como atividade de treinamento prático e avançado em pesquisa, desenvolvendo métodos e trabalhos em parceria com pesquisadores estrangeiros de reconhecidos méritos científicos;
Estágio Sênior no Exterior	Destinado a pesquisadores doutores, com vínculo empregatício em instituição brasileira de ensino ou pesquisa no Brasil, que possuam título de doutor há 8 anos ou mais com o objetivo de contribuir para o estabelecimento de intercâmbio científico e tecnológico e abertura de novas linhas de pesquisa de relevância para o desenvolvimento das diversas áreas no país. Visa fomentar a execução de projetos conjuntos, incentivar a criação de parcerias e o iniciar ou consolidar uma rede de pesquisa existente;

Programa de Áreas Estratégicas e Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia	Concede bolsas de estágio no exterior relacionadas às áreas do conhecimento de natureza estratégicas para o país, com vistas à inserção internacional de estudantes e pesquisadores, estabelece intercâmbio científico e à abertura de novas linhas de pesquisa. Contempla pesquisas que não possam ser realizadas no Brasil;
Prêmio Capes de Teses	Estágio Pós-Doutoral no exterior junto com orientadores, apresentando trabalhos científicos em eventos no exterior. Concede bolsa de estágio pós-doutoral em instituição nacional por até 5 anos, converter 1 ano em estágio pós-doutoral no exterior em uma instituição de notória excelência na área de conhecimento do premiado.

Fonte: Adaptado do site da Capes (2015)

Além desses programas de cooperação internacional, o programa Ciência sem Fronteiras (CsF), vem ganhando bastante visibilidade na Capes, cuja finalidade é promover a consolidação, expansão e cooperação internacional da ciência, tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira através de intercâmbio e mobilidade internacional com a utilização de bolsas para alunos de graduação e pós-graduação. Esse programa objetiva atrair pesquisadores do exterior interessados em fixar morada no Brasil ou estabelecer parcerias com os pesquisadores brasileiros nas áreas prioritárias, facilitando o treinamento de pesquisadores no exterior. De acordo com a Capes (2015), o Programa Ciência sem Fronteiras já implementou um total de 92.880 bolsas financiadas com recursos do Governo Federal e com recursos da iniciativa privada nas modalidades de:

- Graduação sanduíche no exterior..... 73.353;
- Doutorado sanduíche no exterior..... 9.685;
- Doutorado no exterior 3.353;
- Atração de jovens talentos..... 504;
- Pós-doutorado no exterior..... 4.652;
- Pesquisador visitante especial..... 775 e;
- Bolsa para mestrado profissional..... 558.

Os estudantes e pesquisadores contemplados com essas bolsas terão treinamento nas melhores instituições e grupos de pesquisa disponíveis no mundo, prioritariamente entre os mais bem conceituados para cada grande área do conhecimento, de acordo com os principais *rankings* internacionais. Para os bolsistas de pós-graduação, as instituições de destino são analisadas por comissões de especialistas, considerando as propostas apresentadas pelos candidatos. No entanto, mesmo diante desses números, diversos problemas vêm sendo encontrados ao longo dos anos e novas ações de melhoria estão sendo desenvolvidas para que o real objetivo desse programa seja atingido.

Essa cooperação internacional também se faz presente nas atividades do CNPq, que tem como propósito fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros. Esse propósito tem sido ampliado ao longo dos anos através da reformulação de alguns convênios com outros países congêneres buscando o fortalecimento dos programas, fator decisivo para “fortalecer e aperfeiçoar a colaboração internacional em ciência, tecnologia e inovação”, angariando convênios no Brasil e no exterior, com a finalidade de qualificar pessoas para promover “pesquisa, desenvolvimento e inovação” (CNPq, 2015). Para isso, o CNPq possui acordos e parcerias com diversas instituições de ensino ao redor do mundo, facilitando ainda mais o acesso às informações sobre chamadas disponíveis e sobre os parceiros em cada um dos países de destino.

Por meio da Coordenação Geral de Cooperação Internacional (CGCIN), o CNPq (2015) apoia a formação de recursos humanos no exterior e no Brasil mediante a

[...] concessão de bolsas de estudos nas modalidades de especialização, doutorado, doutorado-sanduíche e pós-doutorado, obedecendo a critérios estabelecidos entre o CNPq e as agências estrangeiras. A CGCIN apoia à mobilidade de pesquisadores no desenvolvimento de pesquisas por meio da participação em organismos internacionais, em diversos segmentos: financiamento a projetos conjuntos de pesquisa (intercâmbio científico e tecnológico interinstitucional) e visitas científicas; formação e capacitação de brasileiros em outros países; formação e capacitação de estrangeiros no Brasil; participação direta com outras agências de cooperação internacional em projetos e programas de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico e formação de recursos humanos e acompanhamento de delegações estrangeiras; missões exploratórias no exterior.

No que diz respeito aos acordos e programas de cooperação internacional, destacam-se:

Quadro 2 - Acordos e programas de cooperação internacional do CNPq

Acordos Bilaterais	Apoiam a mobilidade de pesquisadores no âmbito de projetos conjuntos de pesquisa, desenvolvimento e inovação em áreas de comum acordo e compartilham a mobilidade dos pesquisadores em missões de curta duração;
Programa Colaboração Interamericana em Materiais (CIAM)	De caráter multilateral, estabelece ações cooperativas no Continente Americano, com intercâmbio de alto nível na área de Ciência e Engenharia dos Materiais, com ênfase em Materiais Avançados e apoia à mobilidade de pesquisadores, onde cada país é responsável pelo financiamento de seus pesquisadores;
Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (CERN)	Congrega 20 Estados-membros, 6 Estados e 2 organizações internacionais como observadores, 28 participantes não-membros, entre estes o Brasil que realiza trabalhos nos laboratórios, nas áreas de física de partículas (teórica e experimental), engenharia de detectores, aceleradores e <i>software</i> do CERN;

Programa Ciências do Mar (CT-Mar)	Induz projetos integradores em temáticas relacionadas à: manejo costeiro; poluição marinha; recursos vivos; oceano profundo e portos. O programa visa o aprofundamento do conhecimento da área marítima brasileira para a formulação de políticas nacionais para a área;
Programa de Cooperação em Matéria de Ciências Sociais para os Países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (PCS/CPLP)	Apoia iniciativas em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia, Antropologia e Ciência Política, de interesse comum entre os países da CPLP, ampliando a cooperação, capacitação e intensificando os esforços cooperativos de pesquisa em Ciências Sociais, com articulação entre os organismos multilaterais e projetos de cooperação;
Programa Sul-Americano de Apoio às Atividades de Cooperação em Ciência e Tecnologia (PROSUL)	Apoia atividades de cooperação em Ciência, Tecnologia e Inovação (C&T&I) entre grupos brasileiros e países sul-americanos, para o desenvolvimento científico e tecnológico da região, mediante a geração e a apropriação de conhecimento e a elevação da capacidade tecnológica dos países;
Sistema Internacional de Estudos sobre Recursos Hídricos e Gerenciamento de Impactos devido ao Aquecimento Global na Bacia do Paraguai (SINERGIA)	Criação de uma ampla rede de pesquisadores em âmbito multinacional - Brasil, Argentina, Bolívia e Paraguai para dialogar com redes locais de <i>stakeholders</i> a respeito dos impactos das mudanças climáticas sobre o uso dos recursos hídricos na bacia do Paraguai;
Programa de Cooperação Temática em Matéria de Ciência e Tecnologia (PROÁFRICA)	Eleva a capacidade científica tecnológica dos países africanos e financia a mobilidade de cientistas e pesquisadores com atuação em projetos nas áreas de relevância estratégica e interesse prioritário para a cooperação científico-tecnológica;
Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG)	Atividade de cooperação entre países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo de cooperação educacional, cultural ou de ciência e tecnologia. Concede bolsas de mestrado e doutorado para realizar estudos em IES brasileiras que emitam diplomas de validade;
Programa de Apoio à Cooperação Científica e Tecnológica Trilateral entre Índia, Brasil e África do Sul (IBAS)	Tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento científico e tecnológico dos três países, mediante a geração e a apropriação de conhecimento, e a elevação da capacidade tecnológica desses países;
Programa de Pós-Graduação CNPq/Ministério de Ciência e Tecnologia de Moçambique (CNPq/MCT-Mz)	Incentiva a participação de estudantes moçambicanos em cursos de pós-graduação no Brasil, por meio da concessão de bolsas para desenvolvimento de projetos de pesquisa em áreas relevantes e de interesse do Governo de Moçambique.

Fonte: CNPq (2015)

Existem ainda no CNPq outras políticas e programas de cooperação internacional sendo desenvolvidos com países latino-americanos por meio de relações bilaterais e multilaterais que visam fomentar a integração solidária e o diálogo entre eles, no sentido de estabelecer novas relações sociais voltadas para os problemas regionais. Todos os programas promovidos por essas agências de

fomento têm ampliado ainda mais as oportunidades internacionais para as IES, e por isso, precisam ser conduzidas de maneira eficaz para uma melhor apropriação dos seus benefícios por toda comunidade acadêmica, inclusive pelos cursos de pós-graduação.

2.2 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA

O fenômeno de intercâmbio entre instituições de diferentes países ficou conhecido como internacionalização, que pode ser definido ainda como uma troca de experiências “entre formadores de conhecimento de diversas partes do mundo que impulsiona a promoção e o desenvolvimento de ideias completamente novas” (MARIANI; PÊGO-FERNANDES; SAMANO, 2013, p. 1). Após anos de desenvolvimento, nota-se o aumento desse fenômeno por meio de políticas e estratégias institucionais, tendo em vista a busca contínua das universidades brasileiras em adequarem suas estruturas acadêmicas às políticas governamentais vigentes.

Literalmente a internacionalização denota o processo de se tornar internacional, ou seja, “é o processo de integrar uma dimensão internacional e intercultural nas funções de ensino, pesquisa e extensão de uma instituição” (KNIGHT, 2004, p.9). Desse modo, a autora afirma que a internacionalização está transformando o mundo da educação superior e a globalização está transformando o mundo da internacionalização por meio de um processo dinâmico. Nessa perspectiva, a internacionalização pode ser encarada ainda como uma série de atividades com enfoque internacional dentro das instituições, capaz de melhorar a qualidade e o potencial de ensino e pesquisa, por permitir maior visibilidade nas redes internacionais de educação superior. O entendimento dessa internacionalização precisa estar integrado na cultura organizacional da educação superior, como forma de demonstrar o seu caráter internacional que se apresenta internamente ligado ao processo de difusão do conhecimento.

Para Laus (2012, p. 81), a internacionalização de uma universidade:

[...] corresponde ao processo de diálogo (trabalhos conjuntos, cooperação, intercâmbio, adequação das estruturas institucionais, conflitos e problemas surgidos) com outras universidades ou organizações variadas (empresas, governos, agências internacionais, ONGs) do mundo exterior à fronteira

nacional na concepção, desenvolvimento ou implementação de suas funções de ensino, pesquisa e extensão.

Todavia, para que esse processo aconteça efetivamente, é preciso garantir clareza nas políticas nacionais, missões, visões, valores e estratégias institucionais, de maneira que haja uma compreensão mais abrangente desse tema por parte de toda a comunidade acadêmica.

Percebe-se ainda necessidade de compreensão desse tema pelas instituições de ensino, no sentido de desenvolver trabalhos na dimensão internacional, que segundo Hawawini (2011), ao reafirmar que tais ações permitem a visibilidade ao mundo do conhecimento, para que seja possível apropriar-se dos seus benefícios, seja na etapa estrutural do processo de ensino aprendizagem ou na operacionalização das ações.

No entanto, para Krawczyk (2008, p. 43), a necessidade de internacionalização do ensino tem sido orientada pela demanda social e do mercado. Assim, as políticas nacionais vêm mudando o foco de ensino e pesquisa nas universidades públicas, “deixando de ter como principal preocupação as indagações e curiosidades científicas, passando a privilegiar os interesses comerciais e estratégicos”, já que o mundo está se movendo na direção de internacionalizar a educação superior, sendo as universidades uma resposta a essa necessidade de mercado.

Para Stallivieri (2014, p. 3) a internacionalização das universidades é uma questão de sobrevivência, ou seja, é necessário internacionalizar para poder competir em níveis de igualdade com as melhores instituições de ensino superior nacionais e estrangeiras. Essa condição permite a preparação de cidadãos para atuar em um mundo interligado na qual o conhecimento direto e o respeito pela diversidade cultural provem do entendimento e o respeito pela multiplicidade de valores e a tolerância entre os povos.

Diante desses posicionamentos, percebeu-se que inicialmente a internacionalização do ensino superior partiu de um processo cuja base estava solidamente firmada em “valores de cooperação, parceria, troca, benefícios mútuos e aprimoramento de capacidade”. Porém, na atual conjuntura, a internacionalização também vem sendo caracterizada pela “concorrência, pelo mercantilismo, pelo interesse individual e pela construção de status” (KNIGHT, 2012, p. 1). No entanto, é importante ressaltar que não existe uma definição dos objetivos que caracterizem o

processo de internacionalização dentro do sistema de educação superior, já que cabe a cada IES dentro de sua autonomia científica e administrativa desenvolvê-lo por meio das pró-reitorias, cursos, departamentos, colegiados e setores que tratem a questão da internacionalização nas instituições como um todo.

Esse enfoque internacional vem sendo mais evidenciado por meio de ações isoladas do corpo docente, que realiza contatos com professores de universidades estrangeiras, principalmente de língua inglesa. No entanto, em muitos casos, essas ações se deparam com a falta de recursos financeiros e tendem a acontecer de maneira reativa às demandas estabelecidas pelas agências de fomento, havendo a necessidade de se desenvolver estratégias alinhadas aos objetivos institucionais.

Para Miura (2006), a internacionalização do ensino é definida como o processo de integração na dimensão internacional, intercultural e global

[...] como uma tríade e como conceitos complementares. *Internacional* refere-se às relações entre nações, culturas ou países. *Intercultural* é usada para enfatizar a importância da tolerância e da diversidade cultural que existe dentro de países, comunidades e instituições e, *global* refere-se ao escopo amplo e mundial. (MIURA, 2006, p. 32)

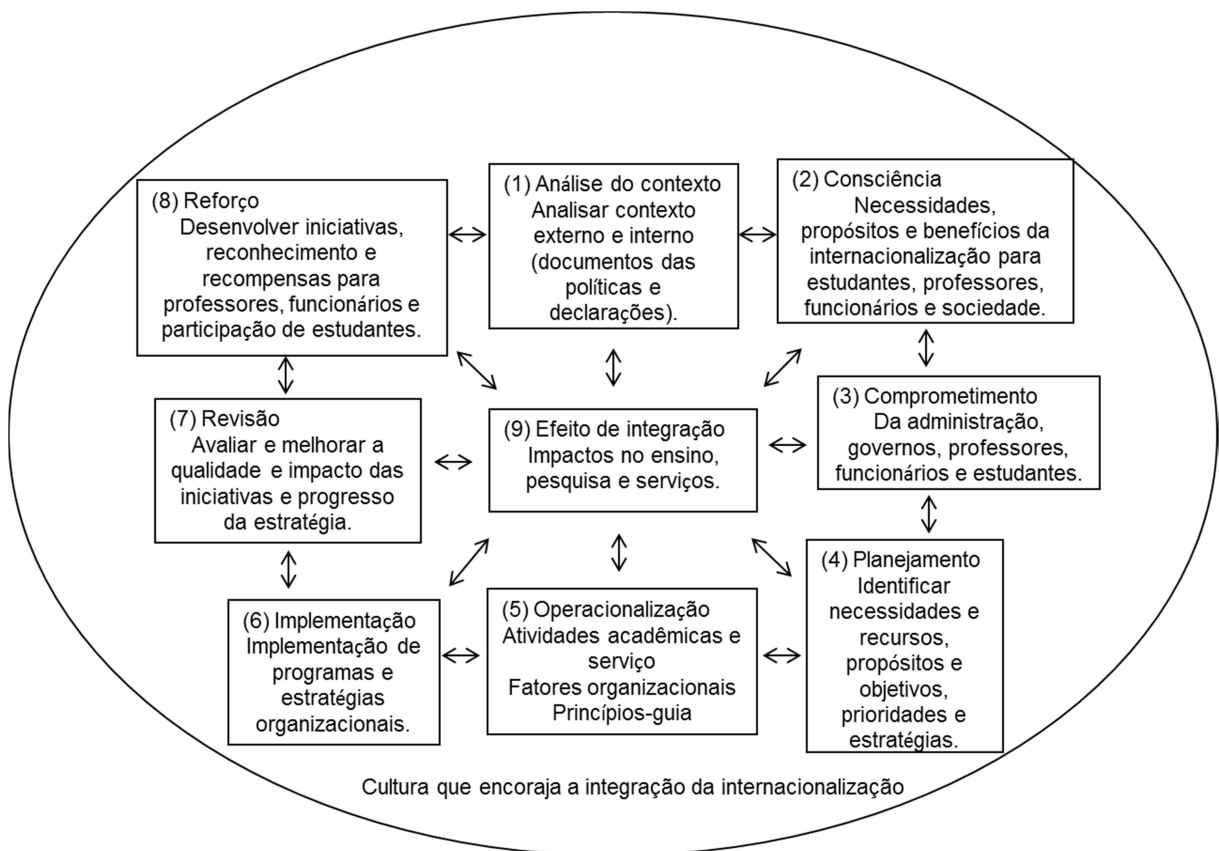
Todavia, independente dos posicionamentos, é preciso levar em conta que a internacionalização da educação superior não pode ignorar questões pertinentes que dizem respeito ao aspecto local, social e cultural, para não incorrer no risco de perder o seu verdadeiro sentido. Logo, o objetivo deve ser complementar a dimensão local, e não de dominá-la, pois caso isso não aconteça, existe a forte possibilidade de uma reação negativa, levando a internacionalização a ser vista apenas como agente homogeneizante que visa apenas os interesses exclusivos de mercado.

Dessa maneira, percebe-se que esse tema vem ganhando novas formas que, de acordo com Knight (2012, p. 1), “vem ajudando no desenvolvimento do conhecimento, das habilidades e dos valores internacionais e interculturais entre os povos” através das frequentes e necessárias melhorias no ensino, possibilitando a mobilidade internacional e o currículo inclusivo, no que diz respeito a “elementos comparativos, internacionais e interculturais”. No entanto, nota-se ainda a existência de uma lacuna na literatura em relação à definição dos conceitos sobre internacionalização da educação superior, fundamentado na ausência de um

consenso entre os pesquisadores sobre as razões e os rumos da internacionalização. Essa ausência permitiu a criação de alguns modelos que tentam explicar o processo de internacionalização com o objetivo de demonstrar a importância de uma política institucional de internacionalização nas IES.

Portanto, com base nas informações descritas acima, será apresentado a seguir o processo de internacionalização com base no modelo denominado “círculo da internacionalização” de Knight (1994) que serviu de base para a fundamentação das análises presente nesse estudo, pois ofereceu uma visão mais ampla de todo o processo de internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf, apresentado durante a pesquisa. Esse modelo considera o processo de internacionalização baseada num ciclo contínuo de avaliação e aprimoramento, e não como algo linear ou estático e considera as ligações entre o nível institucional e seus departamentos, estabelecendo uma visão mais ampla desse processo de uma cultura que encoraja a integração da internacionalização.

Figura 2 - Círculo da Internacionalização



Fonte: Versão modificada de Knight (1994)

2.2.1 Razões, motivações, estratégias, benefícios, riscos e obstáculos para o processo de internacionalização

As razões e motivações para a internacionalização podem ser consideradas para muitos autores como sinônimos, e ocorre tanto no nível nacional, através da área econômica, política, cultural e social, quanto no nível institucional por meio da área acadêmica. No entanto, como a universidade é o foco deste trabalho, foi considerada a análise na área acadêmica, por refletir alguns aspectos institucionais tais como: produção e difusão do conhecimento, absorção de tecnologia e profissionais estrangeiros qualificados, *status* acadêmico internacional para as IES brasileiras, consolidação da dimensão internacional/intercultural na pesquisa e no ensino, dentre outras. (KNIGHT; DE WIT, 2005).

Sob essa perspectiva, é importante considerar que para esses autores é no nível institucional que efetivamente o processo de internacionalização se materializa. O quadro abaixo apresenta algumas razões e motivações que podem ser encontradas no processo de internacionalização.

Quadro 3 - Razões e motivações para a internacionalização

Razões e motivações	País
Econômicas	Crescimento econômico e competitividade; Captação de recursos para as atividades de ciência, tecnologia e inovação; Abertura de novos mercados e novas parcerias; Absorção de tecnologia e profissionais estrangeiros qualificados; Consolidação de liderança científico/tecnológica.
Políticas	Ampliação do <i>soft power</i> da política externa; Fortalecimento da posição do país como formador das elites, principalmente da América Latina e da África; Consolidação de liderança científico/tecnológica no Mercosul; Retenção de pesquisadores e diminuição da fuga de cérebros; Segurança nacional; Fortalecimento da paz e do entendimento mútuo entre as nações.
Acadêmicas	Produção e difusão do conhecimento; Absorção de tecnologia e profissionais estrangeiros qualificados; Consolidação da dimensão internacional/intercultural na pesquisa e no ensino; Ampliação do horizonte acadêmico e fortalecimento das IES; Visibilidade internacional; <i>Status</i> acadêmico internacional para as IES brasileiras; Competitividade das IES para a obtenção de fundos para pesquisas e aceitação em redes internacionais.

Culturais e sociais	Desenvolvimento de Recursos Humanos; Adequação dos jovens para viver e trabalhar em um mundo cada vez mais internacional e intercultural; Promoção de mudança pessoal no estudante/professor que se move; Desenvolvimento social e comunitário.
----------------------------	--

Fonte: Adaptado de Knight e De Wit (2005)

Knight (2005) aponta como principais fatores que influenciam as razões acadêmicas para a internacionalização a sua missão, a população discente, o perfil dos docentes, a localização geográfica, as fontes de financiamento bem como os recursos disponíveis como a orientação para interesses internacionais, nacionais e locais. A expressão clara dessas razões pode ser considerada a causa que delinea e direciona os resultados das estratégias, programas, políticas e resultados institucionais.

Para Velho (1998 apud SILVA, 2012, p. 5), as principais motivações para a internacionalização podem ser consideradas conforme descrito a seguir:

- Fortalecimento da pesquisa nacional mediante acesso à infraestrutura disponível no exterior;
- Preparo das condições para que as inovações nacionais sejam comercializadas no exterior e contribuam para a solução de desafios globais;
- Solução de problemas científicos específicos que requeiram colaboração de vários grupos internacionais; ampliação da abrangência da pesquisa;
- Melhoria da produtividade internacional e a
- Visibilidade de pesquisas; e contribuição para a construção de capacidades de pesquisa.

Segundo Miura (2006), as instituições se motivam para desenvolver ações de internacionalização por várias razões, sejam elas comerciais, políticas, socioculturais e acadêmicas. Nesse sentido, a internacionalização pode vista como um processo que leva à integração dessas dimensões aos objetivos e planejamentos institucionais.

Trata-se de um processo de mudança, adaptado para atender necessidades e interesses de cada instituição de acordo com suas especificidades. Dessa forma, não existe um modelo definido para a internacionalização, no entanto, espera-se que haja propósitos institucionais com base numa articulação harmoniosa dos próprios objetivos e dos resultados esperados.

Dentre outras razões institucionais para a internacionalização pode-se destacar:

- Mobilidade e intercâmbio para estudantes e professores;
- Ensino, colaboração e projetos de pesquisa;
- Padrões acadêmicos e qualidade;
- Desenvolvimento curricular;
- Conhecimento internacional e intercultural;
- Visibilidade institucional;
- Questões regionais e de integração e;
- Recrutamento estudantil (MIURA, 2006).

De acordo com Bittar, Oliveira e Morosini (2008, p. 291), as IES devem tomar a iniciativa de internacionalização tendo como base as recomendações da Associação Internacional de Universidades (IAU), ligada à Unesco através da

[...] formulação de políticas institucionais e, especificamente, de currículos para a formação de cidadãos internacionais e de garantia da qualidade no processo de internacionalização; expansão dos fluxos de internacionalização para as regiões subdesenvolvidas baseada em códigos de ética internacionais e no desenvolvimento de parcerias entre iguais; remoção de obstáculos à mobilidade e o aproveitamento de professores aposentados no processo; e necessidade de fóruns para a discussão.

Diante desse contexto, é necessário identificar o motivo, ou seja, a razão para o desenvolvimento do processo de internacionalização nas instituições, para que posteriormente se desenvolva estratégias que atendem a essa demanda de maneira mais eficiente, facilitando o desenvolvimento de ações que integrem valor as instituições. Stallivieri (2014, p. 24) afirma que a definição clara de estratégias de internacionalização, “facilita o avanço de ações proativas com vistas à busca de resultados concretos, de ganhos institucionais e de desenvolvimento equitativo”. Para isso, cada universidade deve observar o princípio de sua autonomia, de acordo com os objetivos e razões anteriormente definidos e consensuais por parte da comunidade acadêmica.

Segundo Knight (2004), as estratégias de internacionalização podem ser consideradas pragmáticas e/ou organizacionais, adotadas ao nível institucional, e podem ser decorrentes do crescimento da internacionalização das IES. Elas se tornam importantes para as instituições que querem desenvolver processos de internacionalização, de maneira que, a ausência delas pode acarretar num obstáculo para que esse processo se desenvolva.

Quadro 4 - Estratégias programáticas e organizacionais: suporte necessário para a internacionalização

Estratégias Programáticas	Estratégias Organizacionais
<p>Programas acadêmicos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Intercâmbio de estudantes; - Dimensão internacional do currículo; - Estudos temáticos; - Trabalho/estudo no exterior; - Processo de ensino-aprendizagem; - Programas de duplo diploma; - Treinamento intercultural; - Mobilidade professores/funcionários; - Professores e palestrantes visitantes. 	<p>Governança</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compromisso expresso por líderes; - Envolvimento ativo do corpo de funcionários; - Razões e objetivos para internacionalização bem articulados; - Reconhecimento da dimensão internacional na missão, planejamento e documentos de política.
<p>Atividades relacionadas à pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> - Área e centros temáticos; - Projetos de pesquisa conjunta; - Conferências e seminários internacionais; - Artigos e trabalhos publicados; - Acordos internacionais de pesquisa; - Programas de intercâmbio para pesquisa. 	<p>Operações</p> <ul style="list-style-type: none"> - Integradas ao planejamento, orçamento e sistemas de revisão de qualidade em nível institucional e departamental; - Estruturas organizacionais apropriadas: sistemas formais e informais para comunicação, ligação e coordenação; - Equilíbrio entre promoção centralizada e descentralizada e gestão da internacionalização; - Apoio financeiro adequado e sistemas de alocação de recursos.
<p>Relações Exteriores (doméstico e <i>cross-border</i>)</p> <p>- Plano Doméstico -</p> <ul style="list-style-type: none"> - Parcerias <i>community-based</i> com grupos de organizações não-governamentais ou grupos do setor público-privado; - Serviço comunitário e projetos de trabalho intercultural. <p>- Cross-border -</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Entrega cross-border</i> de programas educacionais (comerciais e não-comerciais); - Vínculos, parcerias internacionais e redes. 	<p>Serviços</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apoio de unidades de serviços da instituição: acomodação para estudantes; - Tecnologia de informação; - Envolvimento de unidades de apoio acadêmico: biblioteca, ensino e aprendizado, desenvolvimento do currículo, treinamento do corpo de funcionários; - Serviços de apoio estudantil para estudantes recebidos e enviados: programas de orientação, conselheiros, treinamento <i>cross-cultural</i>, conselhos sobre vistos.
<p>Atividades Extracurriculares</p> <ul style="list-style-type: none"> - Clubes e associações de estudantes; - Eventos internacionais/interculturais (<i>campus</i>); - Ligação entre grupos étnicos e culturais da comunidade; - Programa e grupos de <i>peer support</i> 	<p>Recursos Humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Processos de seleção e recrutamento que reconheçam a experiência internacional; - Políticas de recompensa e promoção para reforçar contribuições dos professores e funcionários; - Atividades de desenvolvimento profissional dos professores e funcionários; - Apoio para trabalhos internacionais e concessão de licenças para fins de estudo (<i>sabbaticals</i>).

Fonte: Adaptado de Knight (2004)

As estratégias pragmáticas estão mais voltadas para a dimensão internacional do currículo, harmonização de créditos e acordos internacionais de

pesquisa. Já as estratégias organizacionais estão relacionadas às políticas de internacionalização e com as razões e objetivos na missão das IES. Assim, é possível verificar a existência de uma inter-relação entre as estratégias apresentadas e as razões e motivações acadêmicas abordadas anteriormente. Outras estratégias utilizadas para o processo de internacionalização podem ser consideradas bases para o “planejamento da estruturação organizacional e apoio às ações”, garantindo a ocorrência das etapas até a sua completa finalização através da “reforma curricular, pesquisas conjuntas, acordos internacionais, intercâmbio de estudantes e professores”, considerados pontos essenciais para a internacionalização de uma instituição (MIURA, 2006).

Entretanto é importante verificar que, a formulação dessas estratégias, políticas, programas e planejamentos de internacionalização não garante a efetividade desse processo, já que essas estratégias pode significar apenas uma simples formalização das ações que estão sendo desenvolvidas por parte das IES. Porém, a ausência delas pode ser considerada um obstáculo para a internacionalização, razão pela qual, é preciso que os atores envolvidos estejam comprometidos com esse processo. Nessa perspectiva, as instituições têm buscado se adaptar a essa nova realidade, visando ainda os benefícios que o processo de internacionalização pode trazer por meio da consolidação de um modelo acadêmico que seja capaz de se harmonizar mundialmente (MIURA, 2006, p. 15).

Esse processo pode permitir também que as instituições se apropriem de desses benefícios, na qual podem ser destacados:

- Melhoria na qualidade e no conceito dos cursos;
- Maior autonomia e captação de recursos;
- Enriquecimento cultural;
- Aperfeiçoamento de docentes e discentes;
- Ampliação e divulgação de pesquisas;
- Aumento da competitividade;
- Adequação aos padrões de qualidade no âmbito internacional;
- Melhoria nos planos e políticas institucionais e;
- Fluência linguística em outros idiomas (MIURA, 2006).

Dessa forma, as instituições precisam estar motivadas para se apropriarem desses benefícios, promovendo uma melhor convivência entre os atores envolvidos nesse processo e influenciando positivamente na vida acadêmica das universidades como um todo. Nesse sentido, outros benefícios ainda podem ser

considerados para as IES, como: redução nas carências de ofertas de intercâmbio em instituições estrangeiras; maior incentivo para manter a credibilidade dos serviços educacionais, e educação de alto nível, com formação de parcerias em cooperação com instituições internacionalmente reconhecidas, dentre outros.

É necessário ressaltar que diante desse cenário, o mercado de trabalho vem se apresentando cada vez mais competitivo e necessitando de profissionais capacitados, com conhecimento acerca de outros idiomas e maior sensibilidade e tolerância às diferentes culturas existentes no mundo. Assim, o conhecimento de outras culturas e idiomas, principalmente da língua inglesa, pode ser considerado um benefício de suma importância para que um profissional possa se inserir nesse mercado.

Dessa maneira, o domínio da língua inglesa é imprescindível por ser a língua mais utilizada nos padrões acadêmicos internacionais, vista como a linguagem da comunicação nos dias de hoje, e considerada como segunda língua em diversos países. Razão que justifica sua ampla apreensão, considerando ser um dos investimentos que “visam ao objetivo de inserção dos alunos no mercado educacional e profissional transnacional” (AGUIAR, 2009, p. 71).

De qualquer modo, o objetivo da inserção internacional não deve ser apenas o currículo mais internacionalizado nem um aumento na mobilidade acadêmica por si mesma. Em vez disso, é importante garantir que os estudantes estejam mais preparados para viver e trabalhar num mundo cada vez mais multicultural. Com base nisso, a real compreensão dessa dimensão internacional precisa estar integrada às principais funções do ensino, da pesquisa e da produção do conhecimento, e embora haja diversos benefícios para a internacionalização, manter o foco somente nos benefícios significa ignorar os riscos e as consequências negativas intrinsecamente envolvidas nesse processo.

A eminência desses riscos vem acirrando inclusive as discussões sobre a importância da internacionalização na educação superior, no sentido também de evitar a perda de força de trabalho, já que muitas vezes profissionais são tentados a migrar para outros países em busca de melhores salários e melhores condições de trabalho para o desenvolvimento de suas carreiras.

Assim, alguns riscos também podem ser visualizados no processo de internacionalização, como:

- Educação vista apenas como um grande negócio;
- Postura colonizada e imitativa dos padrões americanos;
- Fuga de cérebros (*brain drain*);
- Problemas de identidade cultural;
- Inadequação dos conteúdos da formação adquirida no exterior pelos estudantes brasileiros e;
- Má gestão do processo de internacionalização por parte das instituições (MIURA, 2006).

Dentre outros aspectos julgados negativos para a internacionalização, encontram-se as dificuldades de adaptação ou discriminação, atrasos escolares no retorno ao Brasil, minimizados pelo valor do processo considerado como uma “experiência que não tem preço”, que “vale a pena o risco” (AGUIAR, 2009, p. 75). Além desses riscos, é preciso considerar também alguns obstáculos que devem ser levados em conta para a devida efetivação do processo de internacionalização, a saber:

- Ausência de políticas públicas;
- Monitoramento e avaliação das atividades;
- Falta de recursos financeiros;
- Falta de iniciativa federal mais abrangente;
- Ausência de sensibilização por parte da comunidade acadêmica;
- Inexistência de estratégias claras para a internacionalização e;
- Barreiras de comunicação em língua estrangeira (MIURA, 2006).

Miura (2006) considera ainda que a maioria desses obstáculos que inibem o processo de internacionalização é consequência de fatores relacionados aos aspectos organizacionais das IES. Logo, é preciso que as instituições estejam comprometidas com esse processo no sentido de desenvolverem políticas formais de internacionalização por meio dos seus setores, principalmente o de relações internacionais. A ausência de uma política formalmente institucionalizada esbarra na alta administração por meio da qualificação do seu quadro de servidores que dão suporte a essas atividades. Nesse aspecto, caso não haja uma formação adequada e sólida, esses servidores podem deixar de exercer suas funções com a mudança da gestão, impedindo uma maior qualificação e desenvolvimento das suas habilidades técnicas.

Sendo assim,

[...] a descontinuidade nos trabalhos, resultantes da mudança dos gestores das assessorias, coordenações, diretorias ou secretarias de relações ou de cooperação internacional, a existência de pessoal fixo e qualificado de apoio às suas atividades, acrescida pela ausência de políticas duradouras de caráter institucional se refletem, em muitos casos na baixa qualidade dos resultados obtidos (LAUS, 2012, p. 125).

Essa carência de apoio técnico pode dificultar a implementação de programas e estratégias de internacionalização, impedindo o desenvolvimento de uma gestão e uma equipe de trabalho com as qualificações necessárias ao exercício das funções e, ainda, pode gerar falta de interesse em investimentos e captação de recursos. Outro obstáculo a ser destacado trata da transferência de créditos em relação à mobilidade discente, já que deveria haver uma padronização do sistema de educação superior para que esses estudantes não fossem prejudicados.

De qualquer maneira, o processo de internacionalização pode abranger algumas questões e características importantes, como: aprimoramento e respeito ao contexto local, processo adaptável e benefícios e riscos não intencionais, que devem ser analisadas, conforme apresenta o quadro abaixo:

Quadro 5 - Abrangência da internacionalização

Aprimoramento e respeito o contexto local	A internacionalização tem como objetivo complementar, harmonizar e estender a dimensão local - e não dominá-la. Se essa verdade não for respeitada, existe a forte possibilidade de uma reação negativa, levando a internacionalização a ser vista como agente homogeneizante ou hegemônico. Se ignorar o contexto local, a internacionalização vai perder seu verdadeiro norte, bem como seu valor.
Processo adaptável	A internacionalização é um processo que leva à integração da dimensão internacional, intercultural e global às metas, funções e implementação do ensino superior. Consequentemente, não existe um modelo "genérico" para a internacionalização. Cada instituição precisa determinar sua abordagem individual para a internacionalização com base na articulação coerente de seus próprios objetivos e dos resultados esperados.
Benefícios e riscos consequências não intencionais	O atual conceito de circulação de cérebros não reconhece a ameaça da mobilidade acadêmica nem a grande disputa por cérebros provenientes dos países situados no extremo inferior da cadeia intelectual. Além disso, a busca pela qualificação internacional está levando à recorrente emissão de títulos fraudulentos oferecidos por fábricas de diplomas, à multiplicidade de credenciais associadas a programas de dupla titulação e à ascensão de indústrias de certificação que aprovam operações questionáveis. A crescente comercialização dos programas de certificação e diplomação dupla entre países e seu tratamento como <i>commodity</i> estão ameaçando a qualidade e a relevância do ensino superior.

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Knight (2012, p. 1).

Nesse contexto é possível verificar a necessidade de comprometimento da alta administração, dos docentes, pesquisadores, discentes e servidores, atuando conjuntamente para a obtenção de resultados significativos nas atividades de ensino, pesquisa e extensão na instituição. No entanto, infelizmente, algumas instituições brasileiras não têm adotado esse processo de internacionalização como objetivo de melhoria, mas sim, apenas na perspectiva de atender a um conjunto de exigências que lhes são impostas pelas políticas governamentais, sem um prévio

planejamento entre os agentes envolvidos e sem uma efetiva compreensão institucional desse tema. Dessa maneira, faz-se necessário que cada IES se aproprie dessas informações para que possam desenvolver políticas e estratégias bastante claras no que diz respeito à internacionalização da educação superior, na busca de alcançar o padrão de universidade com prestígio acadêmico internacional.

2.3 EDUCAÇÃO SUPERIOR E A PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA NO ÂMBITO INTERNACIONAL

A pós-graduação tem sua origem datada de 1930, nos moldes usados pelas primeiras universidades brasileiras na qual atraíam professores estrangeiros que desembarcavam no Brasil “em missões acadêmicas que contavam com a colaboração do governo europeu” (BALBACHEVSKY, 2014, p. 276).

Por volta da década de 50, quem almejasse adentrar em algum curso de educação superior no Brasil, normalmente tinha que se deslocar para o exterior. Essa situação sofreu mudanças significativas em 1952, mediante acordos entre os Estados Unidos e o Brasil, firmando convênios entre escolas e universidades de ambos os países que permitiam tanto “a saída de brasileiros para estudar na América do Norte, quanto a entrada de pesquisadores e professores para atuar em cursos de pós-graduação no Brasil” (SANTOS, 2002, p. 480).

A partir de 1960, tanto a economia brasileira, quanto a educação foi marcada pela influência internacional de maneira mais significativa, por meio da participação de agentes externos inseridos na política nacional. Porém, essa influência foi considerada a responsável pela aquisição de mais conteúdo acadêmico no contexto da educação superior, principalmente para os cursos de pós-graduação.

Com a aprovação do Parecer 977 pelo Conselho Federal de Educação, surge o formato institucional da pós-graduação brasileira já com uma atividade mais autônoma por meio da organização de departamentos. Nesse período, a pós-graduação foi submetida a um conjunto mais consistente de políticas que lhe permitiu crescer com qualidade. Na década de 70, o número de docentes qualificados nos cursos de pós-graduação ainda era bastante reduzido, e isso justificou o envio de professores para o exterior, com o objetivo de melhorar as qualificações existentes e adquirir novas. Esse procedimento possibilitou que os

cursos de pós-graduação dessem um salto maior na definição de políticas de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico no país.

Com o passar dos anos, o governo brasileiro desenvolveu alguns documentos importantes, tais como: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG), que apresentavam características desse novo modelo educacional de maneira mais cooperativa e solidária, no intuito de contribuir para a melhoria na formação de pesquisadores, docentes e discentes através da troca de experiências com pessoas de todo o mundo. A Política Nacional de Ciência e Tecnologia, determinada pelos Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPGs), tinha como objetivo a expansão da pós-graduação e a qualificação desses profissionais. Nessa época, foi aprimorado também o sistema de avaliação baseado no julgamento por pares, estabelecendo um padrão mínimo de qualidade acadêmica para os cursos de pós-graduação no Brasil.

Somente a partir dessa legalização, a pós-graduação brasileira foi ganhando mais espaço no cenário educacional por meio da criação de leis, decretos, programas e instituições que estimulavam ainda mais as atividades nessa área. Esses anos foram marcados por mudanças e reformas na sociedade e na economia brasileira e acarretou em fortes impactos no sistema de educação superior. As agências de fomento, tais como Capes e CNPq, também começaram a oferecer maior apoio, através de recursos para capacitação de pessoal e desenvolvimento tecnológico voltado para a pós-graduação. Atualmente, o Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) 2011-2020 tem como objetivo definir novas diretrizes, estratégias e metas para dar continuidade a esse desenvolvimento, avançando ainda mais nas propostas para uma política de pós-graduação e pesquisa no Brasil de qualidade, inclusive inserindo o aspecto internacional, de acordo com as seguintes modalidades:

- Ampliação do atual modelo de parceria institucional, dentro de uma relação de reciprocidade e simetria entre instituições nacionais e estrangeiras;
- Intensificação dos programas de intercâmbio, visando ao compartilhamento na orientação de doutorandos com pesquisadores atuando no exterior em áreas de interesse estratégico para o país;
- Apoio a estágio de pós-doutoramento para jovens doutores, tendo como base a qualidade do projeto a ser desenvolvido;
- Ampliação do intercâmbio institucional de estudantes de graduação, visando a seu futuro ingresso na pós-graduação; e

- Estímulo a parcerias e formação de redes de pesquisa na cooperação Sul-Sul, como suporte à formação de recursos humanos em áreas prioritárias e de interesse comum (CAPES, 2010, p. 35-36).

Sendo assim, a busca pela cooperação, qualificação, formação de recursos humanos, incentivo ao desenvolvimento científico e tecnológico, dentre outros, estão previstos nesse plano como diretrizes para a efetivação do processo de internacionalização na educação superior. Com os investimentos do governo no desenvolvimento científico das universidades públicas, os cursos de pós-graduação começam a desempenhar um papel mais definitivo na consolidação desse sistema, de acordo com critérios definidos globalmente. Isso levou a iniciativas para o aperfeiçoamento do papel da cooperação acadêmica internacional, como principal instrumento da internacionalização, direcionando aos interesses nacionais e institucionais por meio de políticas mais efetivas.

As discussões sobre internacionalização da educação superior dentro das instituições passaram a incorporar tendências internacionais por meio ainda da criação de programas de mobilidade, intercâmbios, acordos e convênios e ainda de setores que tratassem exclusivamente de demandas no âmbito internacional.

Nesse cenário, os setores de assessorias internacionais tinham a finalidade de auxiliar as universidades brasileiras, bem como estruturá-las “para cooperação direta, que até então era privilégio de órgãos oficiais como o governo e seus ministérios” (SOUTO; REINERT, 2004, p. 2). A criação dessas assessorias, nessa perspectiva, vem estimulando o processo de internacionalização nas IES, por se tratar do setor responsável pelo acompanhamento das atividades internacionais como um todo, atuando juntamente com os demais setores das instituições.

Atualmente, a educação superior brasileira por meio dos seus cursos de pós-graduação pode ser considerada como o berço da produção científica e da circulação de conhecimento. As instituições como um todo encaram desafios muito mais exigentes e complexos em relação ao ambiente competitivo em que estão inseridas, e a educação superior brasileira não pode ficar de fora.

Por essa razão, o compartilhar do conhecimento, a cooperação internacional e as novas tecnologias é uma maneira de oferecer oportunidades para as instituições, já que sem uma educação superior de qualidade que forme massa crítica de pessoas qualificadas, nenhum país pode assegurar um desenvolvimento sustentável.

2.3.1 Universidades brasileiras consideradas mais internacionalizadas

Desde o seu início, as universidades brasileiras sempre estiveram envolvidas em demandas internacionais de desenvolvimento e pesquisa, principalmente devido à valorização do conhecimento. Outro fator que contribuiu para essa corrida em busca de conhecimento dinâmico em outras partes do mundo foi a atual conjuntura econômica, onde o mercado de trabalho inserido nesse cenário passou a exigir profissionais mais capacitados, “com conhecimento acerca de outros idiomas e maior sensibilidade e tolerância às diferentes culturas existentes no mundo”. Nesse modelo de mercado altamente competitivo e globalizado, o nível de conhecimento, o desenvolvimento de habilidades e competências são fatores indispensáveis para o profissional ter sua inserção garantida (DUARTE; LIMA JÚNIOR; BATISTA, 2007, p. 159).

A democratização da informação também possibilitou maior acesso de forma rápida e fácil ao maior número de conhecimento diversificado e sem limites. Fato que justifica o desenvolvimento de algumas estratégias, principalmente nas instituições de ensino superior, visando qualificar profissionais para alcançar uma posição estratégica na nova configuração econômica de globalização.

Assim, a responsabilidade pela qualificação e capacitação de um grande número de profissionais recai sobre as universidades, e conseqüentemente pelas ações de internacionalização desempenhadas por elas, garantindo valor internacional “decorrente de sua capacidade de colaborar para o desenvolvimento científico em nível supranacional, seja pelas suas atividades de formação, seja pela qualidade de sua pesquisa” (MARRARA, 2007, p. 248).

Concordando com essa ideia, Christino (2013, p. 40) afirma que

[...] para suprir a necessidade de integração do conhecimento e cultura influenciada pela globalização, diversas instituições de ensino buscam se adaptar a essa nova realidade, pois elas têm a reponsabilidade de preparar seus alunos para as novas competências globais.

As instituições de ensino superior têm atendido a necessidade imposta pela nova dinâmica do mercado de trabalho, capaz de acolher profissionais em busca de desenvolvimento, aprimoramento e conhecimento, qualificando e treinando

esses profissionais para que se adaptem e trabalhem de maneira eficiente em qualquer parte do mundo.

Dessa forma, o processo de internacionalização vem se tornando uma constante nas relações entre as IES, de maneira que algumas universidades se destacam por desenvolverem ações e estratégias no âmbito internacional de acordo com os *rankings* acadêmicos que analisam os possíveis instrumentos para a internacionalização das IES e são utilizados como ferramenta para o desenvolvimento no sentido de uma certificação de qualidade e visibilidade.

Esses *rankings* apresentam indicadores que apontam uma posição comparativa das instituições em diferentes aspectos e desempenhos, conferindo maior visibilidade e incentivando a competição entre as instituições na busca de um padrão de qualidade internacional, por meio de indicadores estabelecidos principalmente por instituições dos países de língua inglesa.

Os indicadores por sua vez, podem apresentar aspectos em relação à produção científica, número de trabalhos publicados em artigos e revistas internacionais, citações, relatórios, grupos de pesquisa, colaboração internacional, dentre outros, e têm sido utilizados ainda na obtenção de recursos por parte das instituições fazendo com que aquelas melhor avaliadas se tornem mais entusiasmadas em dar publicidade aos resultados obtidos.

Nessa perspectiva, a divulgação de uma boa posição obtida por uma IES pode servir como um incentivo aos docentes e pesquisadores resultando na atração de estudantes e de importantes parcerias internacionais.

Informações disponíveis na Folha de São Paulo (2015) através da sua mídia eletrônica disponibiliza o *Ranking* Universitário Folha (RUF), trazendo as universidades brasileiras consideradas mais internacionalizadas nesse ano, expresso como uma maneira de “medir a qualidade das universidades do país a partir de metodologia própria”.

Nesse *ranking*, alguns critérios são considerados, como: qualidade de ensino e pesquisa, avaliação do mercado, inovação e internacionalização. No que tange à internacionalização, é considerado o número de citações de trabalhos da instituição por grupos de pesquisa internacionais e a proporção de publicações feitas com coautoria internacional. As 5 universidades brasileiras consideradas mais internacionalizadas tendo em vista o RUF foram respectivamente:

- Universidade de São Paulo (USP):

A USP é uma universidade pública, mantida pelo Estado de São Paulo, ligada à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia. A internacionalização nessa universidade está inserida desde a sua fundação, quando na ocasião professores estrangeiros advindos da França, Itália e Alemanha ministravam aulas. Atualmente a USP intensificou seu processo de internacionalização ampliando o número de docentes e estudantes em intercâmbio, através da Vice-Reitoria Executiva de Relações Internacionais (VRERI), órgão responsável em apoiar o desenvolvimento da internacionalização de todas as unidades. No contexto atual, a USP (2015) afirma que os auxílios financeiros de cooperação acadêmica internacional são de natureza complementar, e têm por objetivo apoiar docentes em ações que visem à internacionalização institucional ou possibilitem a ampliação das relações internacionais.

As linhas de auxílios abrangem algumas ações de internacionalização, conforme apresentado no quadro abaixo:

Quadro 6 - Ações de internacionalização da USP

Vinda de docentes e pesquisadores estrangeiros	Vinda de professor estrangeiro para atividades em Unidades da USP, que envolvam diretamente alunos de graduação e pós-graduação.
Iniciativa docente à internacionalização institucional	Visitas de docentes da USP para acompanhamento e/ou verificação da implantação das atividades de convênios vigentes e ainda, da fase final da negociação dos convênios de intercâmbio, envolvendo alunos da USP no exterior.
Projeto internacionalização Institucional	Iniciativas que visem levantar recursos junto a organismos/universidades estrangeiras e que resultem no financiamento de intercâmbio para alunos da USP. Nesse caso, será exigido um projeto contendo objetivos, metas e ações, que explicita a contribuição para a internacionalização institucional, com documentação do histórico de atividades e negociações já mantidas e manifestação de endosso da instituição do exterior.

Fonte: USP (2015)

A Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP tem como uma de suas diretrizes a internacionalização da pós-graduação, e nesse sentido, vêm sendo desenvolvidas ações com vistas à maior visibilidade dessa instituição no contexto mundial. As agências de fomento como a Capes e CNPq possuem um papel muito importante nesse processo, já que financiam vários programas no âmbito

internacional, sendo a oficialização dessas parcerias efetuada por meio de convênios acadêmicos.

A internacionalização se efetua ainda, especialmente, por meio de acordos bilaterais, em que se desenvolvem projetos conjuntos de pesquisa entre grupos brasileiros e estrangeiros. Há ainda financiamento de missões de trabalhos, realizadas por docentes, missões de estudo, envolvendo o intercâmbio entre alunos, e custeio de atividades de caráter internacional (USP 2015).

- Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ):

A Universidade Federal do Rio de Janeiro é uma autarquia de direito público, vinculada ao Ministério da Educação. É reconhecida nacionalmente e internacionalmente pela sua produção científica, artística e cultural. Detém certificação internacional, na qual “o mestrado é o único da América Latina listado entre os 100 melhores do mundo” (CHRISTINO, 2013, p. 86).

A Diretoria de Relações Internacionais (DRI) da UFRJ tem sido responsável pela coordenação dos programas de intercâmbio internacional, voltados para ampliar os horizontes dos alunos por meio do convívio com outras culturas. Ao desenvolver essa cooperação com outras universidades estrangeiras, os alunos da UFRJ podem cursar disciplinas de sua área no exterior e os alunos estrangeiros beneficiários desses acordos internacionais podem ser acolhidos na instituição (UFRJ 2015). Seu processo de internacionalização ocorre ainda através da formação de alianças estratégicas. Os acordos de intercâmbio na sua maioria consistem no recebimento estudantes da América do Sul e do Norte, Europa Ocidental e Oriental, Ásia, Oceania e da África.

- Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG):

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) é uma autarquia em regime especial, mantida pela União, com sede em Belo Horizonte. Tem por objetivos essenciais a geração, o desenvolvimento, a transmissão e a aplicação de conhecimentos por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, de forma indissociada entre si e integrados na educação do cidadão, na formação técnico-

profissional, na difusão da cultura e na criação filosófica, artística e tecnológica (UFMG 2016).

Em 2002 foi criado o Comitê de Internacionalização, tendo em vista o crescimento das atividades de caráter internacional. Seu papel é essencial e estratégico para a consolidação e ampliação da política de internacionalização, agindo como interlocutor entre os diversos setores e analisando processos relacionados à internacionalização para posterior emissão de parecer. É importante salientar que a participação nesse comitê leva em conta a experiência dos docentes em atividades de intercâmbio e cooperação acadêmica internacional, e que seja integrado por professores pertencentes a diversas áreas disciplinares. Além disso, discute os critérios para a implementação do fundo para internacionalização, que auxiliará ainda mais na divulgação de chamadas de projetos internacionais e de programas de intercâmbio.

O resultado obtido pela UFMG na última avaliação trienal da Capes realizada em 2013, chamou a atenção para o trabalho realizado pelos seus programas de pós-graduação. Naquele período, “dos 63 programas de doutorado, 31 foram apontados como de padrão internacional, ou seja, foram classificados com as notas 6 e 7”, o que demonstra a grande importância das ações de internacionalização que vêm sendo desenvolvidas nessa instituição (UFMG 2016).

Tendo em vista todo esse processo para uma maior projeção mundial e de interlocução com outros países, em 2014 a UFMG criou um Centro de Internacionalização permitindo a universidade dar nova configuração à sua política de internacionalização, cujos fundamentos deixam de estar calcados apenas na mobilidade de docentes e alunos e passam a incorporar outros parâmetros e objetivos mais abrangentes. Em 2015 foram realizados os seguintes seminários: Seminário de Internacionalização na UFMG: O papel das línguas estrangeiras na internacionalização, com o objetivo de ampliar o diálogo sobre o papel central da proficiência linguística em línguas estrangeiras no processo de internacionalização no âmbito da graduação e da pós-graduação, bem como na consolidação de projetos de pesquisa em certas áreas do conhecimento; e o Seminário de Internacionalização: pós-graduação em pauta, com o objetivo de ampliar o diálogo sobre o processo de internacionalização no âmbito da pós-graduação, bem como criar oportunidades para a consolidação da internacionalização, com a aproximação das instituições representadas.

- Universidade Estadual de Campinas (Unicamp):

A Unicamp é uma autarquia, autônoma em política educacional, mas subordinada ao Governo Estadual no que se refere a subsídios para a sua operação. No entanto, os recursos financeiros são obtidos principalmente do Governo do Estado de São Paulo e de instituições nacionais e internacionais de fomento (Unicamp 2016).

Essa instituição vem ampliando significativamente o seu grau de internacionalização, principalmente nos últimos dois anos. Segundo a Coordenadoria de Relações Institucionais e Internacionais (CORI), os indicadores tomados para análise nesse período confirmam que essa universidade vem trilhando um caminho sólido na sua consolidação como uma universidade de classe mundial (JORNAL DA UNICAMP, 2012, p.1).

Esses indicadores experimentaram um expressivo crescimento nos últimos anos, com o projeto de internacionalização dessa instituição. Em 2012 e 2013 estudantes foram enviados ao exterior em instituições de ensino como: Estados Unidos, Portugal, Espanha, Austrália, Alemanha e Canadá, entre outros. A internacionalização é evidenciada, também, pelo crescente número de alunos participantes de programas de duplo diploma, que envolvem boas universidades estrangeiras. O Programa de intercâmbio *Erasmus Mundus* criado e financiado pela Comissão Europeia, prevê a concessão de bolsas para estudantes de graduação e pós-graduação, além de docentes, para o cumprimento de um período de estudos em universidades distribuídas em 17 países do Continente.

Essa instituição enviou à Europa 15 professores, 37 doutorandos e 31 alunos de graduação e recebeu 5 docentes, 1 doutorando e 9 graduandos no mesmo período. Atualmente responde por 15% da pesquisa acadêmica no Brasil e mantém a liderança entre as universidades brasileiras no que diz respeito a patentes e número de artigos publicados anualmente em revistas indexadas.

- Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS):

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é uma instituição pública federal, autarquia que tem autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial regida por lei federal. A qualificação do seu corpo

docente, composto em sua maioria por mestres e doutores, a atualização permanente da infraestrutura, o incremento à assistência estudantil, bem como a priorização de sua inserção nacional e internacional são políticas em constante desenvolvimento nessa universidade (UFRGS 2016).

A Secretaria de Relações Internacionais da UFRGS é encarregada de fomentar, articular e administrar a cooperação com outras instituições e nações ao redor do mundo, visando contribuir para a formação de profissionais globalizados. Seu objetivo é consolidar o nome da UFRGS no exterior, por meio da inter-relação da universidade com o mundo, através da mobilidade acadêmica internacional e da articulação de ações de cooperação com o compromisso do desenvolvimento científico.

Atualmente a UFRGS apresenta protocolos de cooperação e convênios com as seguintes instituições no exterior:

Quadro 7 – Protocolos de cooperação e convênios da UFRGS

África do Sul	Costa Rica	Moçambique
Alemanha	Croácia	Noruega
Argentina	Cuba	Nova Zelândia
Austrália	Dinamarca	Paraguai
Áustria	Equador	Peru
Bélgica	Espanha	Portugal
Cabo Verde	Estados Unidos	Reino Unido
Canadá	França	República Tcheca
Chile	Holanda	Suécia
China	Israel	Turquia
Cingapura	Itália	Ucrânia
Colômbia	Japão	Uruguai
Coréia do Sul	México	Venezuela

Fonte: UFRGS (2016)

Segundo Mueller (2013, p. 100), a UFRGS vem disponibilizando bolsas de estudo conforme descrição a seguir:

- Alemanha: *Heidelberg, Tübingen, Paderborn, Bayreuth, Bamberg* e TUM;
- Argentina: *Cuyo*, UBA, Córdoba e Universidade Nacional de Rio Cuarto;
- Canadá: UdeM e CREPUQ;
- China: CUC e *Harbin*;
- Coréia do Sul: *Hankuk* e KAIST;

- Espanha: Politécnica de Valencia, Granada, *Rovira i Virgili*, Universidade de Vigo e Universidade Sevilla;
- EUA: U. Texas at Austin e UNCW;
- EUBRANEX: acordo multilateral Brasil/Europa;
- França: *Grenoble*, IEP Rennes, *Toulouse leMirail*, *Montpellier*, *Euromed Marseille* e *Tolouse*;
- Holanda: *Leiden*, VU.
- Itália: Polito e Polimi;
- Nova Zelândia: Unitec;
- Portugal: Porto, Coimbra, Lisboa, Minho, Algarve, Aveiro, ISCTE e Instituto Politécnico de Beja;
- Suécia: KTH e Lund.

Disponibiliza ainda 4 projetos no âmbito internacional:

- Programa Brésil France Ingenieur Technologie: Engenharia e Informática na França;
- CAPES FIPSE: Ciências Sociais e Agronomia nos Estados Unidos;
- Programas de Dupla Diplomação: Engenharia e Informática na França e na Itália;
- UNIBRAL: Direito na Alemanha.

Conforme o exposto, essas instituições vêm desenvolvendo ações e estratégias de internacionalização, de maneira mais planejada e comprometida, colocando-as nas as melhores posições nesse *ranking*. Sendo assim, as demais universidades devem ampliar suas linhas de discursão, principalmente as concernentes as práticas a serem adotadas a fim de garantir que os critérios de internacionalização sejam aplicados em toda comunidade acadêmica.

2.3.2 Avaliação da pós-graduação e os critérios de internacionalização da Capes

De acordo com a Capes (2016), a avaliação dos cursos de pós-graduação das universidades brasileiras é orientada pela sua Diretoria de Avaliação, e é realizada com a participação da comunidade acadêmico-científica por meio de consultores *ad hoc*. Tal avaliação é atividade essencial para assegurar e manter a qualidade dos cursos de mestrado e doutorado no país, considerando as questões regionais, nacionais e internacionais de cada instituição, de acordo com suas especificidades.

Esse processo vem sendo aperfeiçoado ao longo dos anos, ajustando-se às mudanças e necessidades de acordo com as áreas de conhecimento. Essa

avaliação alavancou uma questão muito importante, quando se explicitou por parte da Capes, a necessidade do estabelecimento de critérios internacionais para a avaliação das atividades de pós-graduação e pesquisa nos programas. Sendo assim, a Capes examina a qualidade dos programas de pós-graduação em função de uma série de fatores por meio de diretrizes mais gerais e de critérios mais específicos em cada área do conhecimento.

Na avaliação, programas que possuem apenas curso de mestrado, tem como teto máximo o conceito 5. Os conceitos 6 e 7 refletem o alto padrão internacional, e são possíveis apenas para os programas que ofereçam cursos de doutorado, o que para eles, a questão da internacionalização é requisito indispensável. Os programas de mestrado e doutorado que recebem o conceito 4 são classificados como de bom desempenho e o conceito 3, por sua vez, significa desempenho regular, que atende a um padrão mínimo de qualidade. Já os programas que porventura sejam avaliados com conceito 1 e 2 são automaticamente descredenciados pela Capes.

Com a adoção desses critérios para atender aos padrões de qualidade aceitos internacionalmente e a imposição de parâmetros para avaliação do desempenho dos cursos de pós-graduação, a Capes demonstra que a internacionalização é uma condição necessária para a concessão de notas máximas na sua avaliação. Com a obtenção dessa nota, os cursos se tornam cada vez mais bem avaliados e reconhecidos nacionalmente e internacionalmente.

Dessa forma, visando a necessidade de regular, acompanhar e avaliar os programas de mestrado e doutorado, a Capes desenvolveu um modelo de avaliação para os programas de pós-graduação *stricto sensu* que incorpora critérios no âmbito internacional. Esses critérios englobam a experiência internacional dos docentes, pesquisadores e discentes ao conteúdo curricular e às práticas acadêmicas, de forma a agregar elementos de internacionalização a instituição como um todo e são fundamentais na corrida para a internacionalização, principalmente dentro das universidades públicas, tendo em vista a busca de qualificação de seus programas que os habilite às disputas por recursos públicos, tanto nacionais quanto internacionais e a busca da qualificação de seu corpo docente e discente, por meio da sua inserção internacional.

Nesse sentido, o papel das agências de fomento nesse processo, especialmente da Capes, tem sido de fundamental importância no apoio à criação

de centros de pesquisa transnacionais, através de programas de intercâmbio envolvendo pesquisadores, docentes e discentes da educação superior. Para a Capes (2016), essa inserção internacional visa à “diversificação de ideologias e conceitos, contribuindo com a qualificação do ensino, pesquisa e extensão, e difusão do conhecimento científico na comunidade internacional”.

A sua inserção internacional pode ser visualizada ainda por meio de acordos e convênios, organização de eventos, participação em comitês e diretorias, publicação de artigos em periódicos internacionais, programas de distribuição de bolsas, etc. que passaram a permitir o desenvolvimento de várias ações no âmbito internacional para as universidades brasileiras. O desenvolvimento dessas ações pode ser característica de instituições ou programas com adequado grau de internacionalização. Para isso, a Capes utiliza critérios específicos de cada área para avaliar a internacionalização dos programas de pós-graduação por meio da inserção internacional e da produção acadêmica internacional em diversos aspectos.

Com base nisso, a internacionalização dos cursos de pós-graduação deve ser caracterizada por ações contínuas, baseadas em planos de ação estratégicos definidos tanto pelos programas de pós-graduação quanto pelas IES e que estejam de acordo com os critérios da Capes. Dessa forma, no sentido de estruturar às suas políticas institucionais de internacionalização, os cursos de pós-graduação têm buscado se adequar a essas mudanças ocorridas no cenário atual para alcançarem um padrão internacional por meio de estratégias de gestão mais eficientes.

Esse tema vem sendo tratado pelos governantes brasileiros via adoção de políticas nas universidades, para a construção conjunta de um conhecimento mais globalizado. Para isso, é preciso buscar as ferramentas e os meios necessários para uma educação mais adequada a essa nova realidade.

Nesse sentido, nos capítulos 4 e 5 serão apresentados e analisados mais detalhadamente os critérios de internacionalização da Capes referente aos cursos de pós-graduação da Univasf. Abaixo segue os critérios considerados comuns a esses cursos, de acordo com cada área específica, para posterior análise, a saber:

- 1) Receber docentes e discentes de instituições estrangeiras;
- 2) Enviar docentes e discentes para instituições no exterior;
- 3) Possuir acordos, contratos e convênios em parceria com instituições internacionais;

- 4) Desenvolver projetos conjuntos em parceria com instituições estrangeiras;
- 5) Participar de grupos de pesquisa em parceria com instituições estrangeiras;
- 6) Receber recursos financeiros de órgãos de fomento internacionais;
- 7) Participar de comitês organizadores de congressos e corpo editorial de periódicos internacionais;
- 8) Escrever e publicar artigos em periódicos e revistas no âmbito internacional;
- 9) Ministras aulas em língua inglesa e;
- 10) Receber de bolsa de pesquisa, estágios, missões, doutorado pleno, doutorado sanduíche e/ou estágio pós-doutoral de caráter internacional.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO

3.1 METODOLOGIA E ESTRATÉGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, relatou-se como foi estruturada a pesquisa, descrevendo suas etapas de acordo com a metodologia estabelecida por Yin (2005) referente ao estudo de caso, obedecendo a todas as suas etapas previstas, no sentido de nortear e fornecer o rigor necessário à pesquisa. O estudo de caso tem sido bastante utilizado na área de comportamento organizacional, especialmente quando se pretende compreender ainda os processos de inovação e mudanças organizacionais. Segundo o autor, esse método é adequado quando se pretende investigar como e porquê de um conjunto de fenômenos contemporâneos dentro do seu contexto real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o seu contexto não são claramente definidos.

Quadro 8 - Situações relevantes para diferentes estratégias de pesquisa

Estratégia	Forma de questão da pesquisa	Exige controle sobre eventos comportamentais?	Focaliza acontecimentos contemporâneos?
Experimento	Como, porque	Sim	Sim
Levantamento	Quem, o que, onde, quantos, quantas	Não	Sim
Análise de arquivos	Quem, o que, onde, quantos, quantas	Não	Sim/Não
Pesquisa histórica	Como, porque	Não	Não
Estudo de caso	Como, porque	Não	Sim

Fonte: YIN (2005)

O autor esclarece ainda que tal escolha da metodologia depende do tipo de questão de pesquisa, da amplitude e controle do pesquisador sobre os eventos contemporâneos reais e do grau de enfoque dos acontecimentos históricos ou contemporâneos. Com isso, buscou-se durante toda a pesquisa um diálogo entre a metodologia escolhida, o debate teórico e a realidade empírica.

Dessa maneira, tendo em conta a revisão de literatura feita sobre o tema e a aplicabilidade do estudo de caso, optou-se por buscar nessa metodologia a aplicação do referencial teórico sobre internacionalização da educação superior por meio de observação direta, análise documental e entrevistas semiestruturadas.

A estratégia metodológica utilizada no presente estudo foi a pesquisa qualitativa de natureza exploratória descritiva para examinar o fenômeno mediante os dados coletados por meio dos aspectos qualitativos da mensagem, a fim de compreendê-lo de maneira mais aprofundada. Assim, esse estudo pretende analisar como ocorre a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Universidade Federal do Vale do São Francisco, sendo que para isso, a pesquisa exploratória descritiva foi considerada a mais adequada.

Ainda como forma de estruturar a pesquisa, apoiou-se na teoria de Yin (2005) para aplicação de alguns princípios que foram importantes para validar a pesquisa, tais como: Princípio de múltiplas fontes de evidências - através da observação direta, análise documental e entrevistas semiestruturadas; Princípio da criação de uma base de dados do estudo de caso - através do registro para posterior disponibilização de todas as evidências referente ao estudo de caso em questão; e Princípio da manutenção de uma cadeia de evidências - no sentido de melhorar a fidedignidade desse estudo para aqueles que futuramente irão observar as evidências obtidas e relacioná-las com as conclusões.

3.2 ETAPAS DO ESTUDO E COLETA DE DADOS

O presente estudo contemplou as seguintes etapas:

- a) Apresentação de uma revisão de literatura sobre globalização, cooperação internacional, internacionalização e educação superior brasileira;
- b) Identificação das razões, motivações, estratégias, benefícios, riscos e obstáculos da internacionalização;
- c) Levantamento dos critérios de internacionalização da Capes;
- d) Análise da internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf.

3.2.1 Protocolo de estudo de caso

Segundo Yin (2005), o protocolo de estudo de caso se faz necessário na etapa preparatória à coleta de dados como uma forma de aumentar a confiabilidade da pesquisa. O autor sugere que esse instrumento possua as seguintes seções: a) uma visão geral do projeto; b) procedimentos de campo; c) questões do estudo de caso; e d) guia para o relatório.

O protocolo de estudo de caso apresentado no Apêndice A, baseou-se no modelo elaborado por Miura (2006), pesquisadora da USP, através da sua tese de livre docência com o tema: O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo de caso em três áreas do conhecimento. Esse protocolo de estudo de caso levou em conta as seções previstas no método, procurando coletar as fontes de evidências sugeridas.

A coleta de dados dessa pesquisa foi guiada ainda por um conjunto de perguntas previamente estabelecidas com base no referencial teórico e nos critérios de internacionalização da Capes e no modelo de Knight (1994), no sentido de que as informações coletadas pudessem se contrapor umas as outras e certificar as evidências coletadas. Para isso, utilizou-se a triangulação dos dados proposto por YIN (2005, p. 126), que afirma que “qualquer descoberta ou conclusão de um estudo de caso provavelmente será muito mais convincente e acurada se baseada em várias fontes distintas de informação, obedecendo a um estilo corroborativo de pesquisa”.

3.3 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS

3.3.1 Observação direta

A observação direta pode ser utilizada como um instrumento de coleta de informações dos respondentes para servir ao objetivo formulado na pesquisa e para se conhecer a situação na realidade. Assim, é importante como complemento na aplicação das entrevistas permitindo ao investigador sentir as motivações, interesses e crenças dos respondentes. No caso dessa pesquisa, a observação direta foi realizada na Assessoria de Relações Internacionais (ARI), por se tratar do setor responsável pelas atividades no âmbito internacional da Univasf, por meio de visitas

da pesquisadora e da participação da mesma em reuniões do Grupo Temático e do Comitê de Relações Internacionais dessa assessoria, no sentido de verificar as demandas levantadas e as ações desenvolvidas nesse setor em relação à internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf, com o propósito de contribuir para o desenvolvimento dessa pesquisa.

3.3.2 Análise de documentos

Para análise documental dessa pesquisa foram consideradas algumas evidências institucionais importantes, tais como: acordos, convênios, programas, slides, instruções normativas, termos de compromisso, resoluções, Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Univasf de 2009 a 2014 e site dos cursos de pós-graduação da Univasf. Outras evidências foram coletadas por meio de informações disponibilizadas em documentos externos através da Plataforma Sucupira da Capes, e dos relatórios da Avaliação Trienal de 2013 da Capes.

3.3.3 Entrevistas

Outra fonte utilizada para aprimoramento das informações levantadas a partir da análise documental foram as entrevistas semiestruturadas, consideradas nessa pesquisa como importantes fontes de informação que conduzem o pesquisador a conclusões mais adequadas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas por meio de questões pré-determinadas colocadas em ordem sistemática, e quando houve necessidade, o entrevistador explorou mais respostas do que o previsto anteriormente. Os entrevistados foram divididos em: Dimensão Institucional (Reitor, Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação e Assessor de Relações Internacionais) e Dimensão Técnica (Coordenadores dos cursos de pós-graduação). O roteiro elaborado para as entrevistas teve como objetivo coletar a percepção desses informantes-chaves que atuam mais diretamente na questão da internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf. É importante salientar que alguns desses informantes optaram, alegando ausência de tempo, em responder um questionário ao invés de participar da entrevista. Dessa forma, esse questionário foi elaborado com as mesmas informações contidas nas entrevistas semiestruturadas, não havendo assim prejuízo para a pesquisa.

Nessa etapa, é importante destacar ainda que um fator que muito contribuiu na formulação das questões do roteiro de entrevistas, além dos pressupostos teóricos abordados durante toda a pesquisa, foram os critérios de internacionalização estabelecidos pela Capes, já que se trata da agência de fomento que avalia todos os cursos de pós-graduação das instituições brasileiras. Foram ainda abordados aspectos relacionados à percepção institucional e técnica sobre a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf, por meio do modelo de Knight (1994), círculo da internacionalização, bem como os benefícios, motivações, estratégias, riscos e obstáculos para esse processo.

Segue abaixo a relação dos informantes-chaves entrevistados:

Quadro 9 - Relação dos entrevistados

Entrevistados	Dimensão	Respondente	Cargo
1	Institucional	Julianeli Tolentino de Lima	Reitor
2	Institucional	Helinando Pequeno de Oliveira	Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação
3	Institucional	Isnaldo Jose de Souza Coêlho	Assessor de Relações Internacionais
4	Técnica	Wagner de Assis Cangussu Passos	Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência dos Materiais
5	Técnica	Mário Adriano Ávila Queiroz	Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal
6	Técnica	Sílvia Helena Nogueira Turco	Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola
7	Técnica	Jackson Roberto Guedes da Silva Almeida	Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Semiárido
8	Técnica	Márcia Bento Moreira	Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas
9	Técnica	Maria Helena Tavares de Matos	Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias no Semiárido
10	Técnica	Francine Hiromi Ishikawa	Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Agronomia - Produção Vegetal

Fonte: Elaborado pela autora

3.3.4 Modelo de análise de dados

Conforme descrito anteriormente, foram consideradas dimensões estratégicas para essa pesquisa com base na revisão de literatura, nos critérios de internacionalização da Capes e no modelo de Knight (1994). Para cada uma das dimensões apresentadas, foram utilizados indicadores que pudessem trazer elementos a respeito da internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf, a saber:

Dimensão institucional: Reitor, Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação e Assessor de Relações Internacionais

- Setores envolvidos no processo de internacionalização;
- Existência de ações de internacionalização;
- Existência de indicadores para avaliar as ações de internacionalização;
- Comissões/comitês e assessorias;
- Acordos, contratos, convênios e parcerias internacionais; e
- Principais razões, estratégias, benefícios, riscos e obstáculos para a efetivação do processo de internacionalização.

Dimensão técnica: Coordenadores dos cursos de pós-graduação

- Docentes e discentes estrangeiros recebidos;
- Docentes e discentes do curso enviados ao exterior;
- Projetos e grupos de pesquisa com instituições estrangeiras;
- Existência de comitês organizadores de congressos e corpo editorial de periódicos internacionais;
- Publicações de artigos, periódicos e revistas no âmbito internacional;
- Oferta de disciplinas em língua estrangeira;
- Principais razões, estratégias, benefícios, riscos e obstáculos para a efetivação do processo de internacionalização;
- Recebimento de bolsa de doutorado pleno, doutorado sanduíche ou estágio pós-doutoral para estudarem em instituições no exterior; e
- Existência de captação de recursos de órgãos de fomento internacionais.

Nessas dimensões, foram encontrados dados relevantes que apresentaram a realidade que se encontra atualmente os cursos de pós-graduação da Univasf, no que diz respeito à internacionalização, e aonde se quer chegar para que os seus cursos alcancem um padrão internacional. Para análise dos dados foram utilizados: Registro de arquivos e informações no computador por meio de quadros e entrevistas, com o objetivo de registrar e disponibilizar posteriormente todas as evidências do caso em estudo, por meio da organização cronológica dos dados, para posterior triangulação e análise das evidências coletadas.

Os dados coletados foram submetidos ainda a uma análise de conteúdo. Segundo Bardin (2009) essa análise considera a descrição ou preparação do material, a inferência ou dedução e a interpretação como os pilares para a análise do conteúdo. Para isso, o pesquisador deve ser capaz de analisar os produtos da comunicação social que podem ser documentos escritos ou transcrições de comunicações verbais, no caso dessa pesquisa, as entrevistas semiestruturadas. Dessa forma, optou-se por utilizar a análise qualitativa documental e a leitura analítica das entrevistas, considerando que somada à observação direta e a análise documental, conferiu precisão acerca das informações levantadas. Por fim, a pesquisa considerou principalmente os indicadores elencados na matriz de análise e na apreensão das falas e respostas dos entrevistados para interagir com o que se buscava, levando em conta ainda o embasamento na revisão de literatura apresentada que deu maior suporte ao estudo.

Quadro 10 - Matriz de análise

<p>Contexto:</p> <p>O fenômeno de intercâmbio entre instituições de diferentes países ficou conhecido como internacionalização e esse tema é de suma importância nos dias atuais para o desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão nas universidades por meio de políticas de planejamento e estratégias institucionais. Tendo em vista que as IES são responsáveis pela qualificação e capacitação de um grande número de profissionais, as universidades inevitavelmente precisam se adequar a esse processo de globalização. Assim, os cursos de pós-graduação da Univasf precisam estar inseridos nesse processo para se adequarem às novas exigências que lhes são impostas, por meio da qualificação e capacitação dos seus profissionais desenvolvendo estratégias institucionais para melhorarem seus conceitos na avaliação da Capes.</p>	<p>Objeto de Estudo (fenômeno):</p> <p>A internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf.</p>
<p>Problema:</p> <p>Como ocorre a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf?</p>	<p>Pressupostos:</p> <p>a) As políticas de internacionalização são informais, e não com base em um planejamento estratégico por parte da instituição; b) O processo de internacionalização ocorre principalmente a partir de ações individuais por parte do corpo docente; c) As demandas de internacionalização são influenciadas principalmente pelas políticas nacionais de pós-graduação.</p>
<p>Objetivo Geral:</p> <p>Analisar como ocorre a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf.</p> <p>Objetivos Específicos:</p> <p>a) Identificar as razões, motivações, estratégias e benefícios da internacionalização; b) Apresentar os riscos e obstáculos da internacionalização; c) Descrever as ações de internacionalização que estão sendo executadas pelos cursos de pós-graduação da Univasf; d) Analisar o processo de internacionalização com base nos critérios de internacionalização da Capes e no modelo de Knight (1994).</p>	<p>Justificativa:</p> <p>Tendo em vista a relevância do tema para as IES, esta pesquisa é motivada pela necessidade de inserir os cursos de pós-graduação da Univasf no processo de internacionalização para que haja maior comunicação e aproximação entre pesquisadores e formadores de conhecimento de diversas partes do mundo. Nesse cenário, é importante levar em conta que esse processo poderá ajudar na melhoria dos conceitos desses cursos. Dessa forma, vale ressaltar ainda a aplicabilidade dessa pesquisa por entender que a temática da internacionalização está cada vez mais presente nas políticas nacionais de educação superior.</p>

Abordagem Teórica: Internacionalização da educação superior.						
Estratégia Metodológica: Pesquisa qualitativa de natureza exploratória descritiva. Método de Estudo de Caso. Análise de conteúdo.			Unidade de Análise: Os cursos de pós-graduação da Univasf.		Corte Temporal: de 2008 a 2016.	
Modelo de Análise			Fonte de Dados	Instrumento de Coleta de Dados	Técnica de Tratamento de Dados	Questões Operacionais
Conceito	Dimensões	Indicadores				
Internacionalização da educação superior Internacionalização de uma universidade corresponde ao processo de diálogo (trabalhos conjuntos, cooperação, intercâmbio, adequação das estruturas institucionais, conflitos e problemas surgidos) com outras universidades ou organizações variadas (empresas, governos, agências internacionais, ONGs) do mundo exterior à fronteira nacional na concepção, desenvolvimento ou implementação de suas funções de ensino, pesquisa e extensão.	Institucional: Reitor, Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação e Assessor de Relações Internacionais.	(1) Setores envolvidos no processo de internacionalização; (2) Existência de ações de internacionalização; (3) Existência de indicadores para avaliar as ações de internacionalização; (4) Comissões/comitês e assessorias; (5) Acordos, contratos, convênios e parcerias internacionais; (6) Principais razões, estratégias, benefícios, riscos e obstáculos para a efetivação do processo de internacionalização.	Observação direta de ambiente e comportamento dos respondentes; Documentos internos como: acordos, convênios, programas, slides, instruções normativas, termos de compromisso, resoluções, PDI 2009-2014 e documentos externos através das políticas governamentais da Capes e CNPq; Observação indireta e entrevistas semiestruturadas.	Guia de análise para os documentos; Entrevistas semiestruturadas.	Registro em arquivos de computador como tabelas, quadros, entrevistas e outros; Organização cronológica dos dados levantados; Triangulação dos dados e análise das evidências coletadas.	Acesso a informações e documentos

	<p>Técnica: Coordenadores dos cursos de pós-graduação</p>	<p>(1) Docentes e discentes estrangeiros recebidos</p> <p>(2) Docentes e discentes do curso enviados ao exterior;</p> <p>(3) Projetos e grupos de pesquisa com instituições estrangeiras;</p> <p>(4) Existência de comitês organizadores de congressos e corpo editorial de periódicos internacionais;</p> <p>(5) Publicações de artigos, periódicos e revistas no âmbito internacional;</p> <p>(6) Oferta de disciplinas em língua estrangeira;</p> <p>(7) Principais razões, estratégias, benefícios, riscos e obstáculos para a efetivação do processo de internacionalização;</p> <p>(8) Recebimento de bolsa de doutorado pleno, doutorado sanduíche ou estágio pós-doutoral para estudarem em instituições no exterior;</p> <p>(9) Existência de captação de recursos de órgãos de fomento internacionais.</p>	<p>Documentos internos como: PDI 2009-2014 e site dos cursos de pós-graduação, e documentos externos como: relatórios da avaliação trienal da Capes 2013 e dados da Plataforma Sucupira e outros considerados relevantes.</p> <p>Observação indireta e entrevistas semiestruturadas.</p>	<p>Guia de análise para os documentos;</p> <p>Entrevistas semiestruturadas.</p>	<p>Registro em arquivos de computador como tabelas, quadros, entrevistas e outros;</p> <p>Organização cronológica dos dados levantados;</p> <p>Triangulação dos dados e análise das evidências coletadas.</p>	<p>Acesso a informações e documentos</p>
--	--	--	--	---	---	--

Fonte: Elaborado pela autora

4. ESTUDO DE CASO: INTERNACIONALIZAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVASF

Para posterior análise dos resultados obtidos nesse estudo de caso, foram elaborados indicadores para os informantes-chaves da dimensão institucional e técnica disponíveis na matriz de análise apresentada anteriormente, que permitiram aferir as concepções dos respondentes em relação aos temas abordados no referencial teórico, bem como aos aspectos relacionados aos critérios de internacionalização da Capes e ao modelo de Knight (1994), denominado círculo da internacionalização.

4.1 A UNIVASF NO ÂMBITO INTERNACIONAL - DIMENSÃO INSTITUCIONAL

A região do Vale do São Francisco é conhecida tanto nacionalmente quanto internacionalmente, dentre vários aspectos, pela atividade de fruticultura irrigada. Contudo, essa região oferece baixo nível de internacionalização, caracterizada pela ausência de conteúdos informativos produzidos em idiomas estrangeiros, tanto para divulgação dos seus produtos e atrativos turísticos, quanto para orientação de visitantes oriundos de outros países. Nesse sentido, é preciso desenvolver ações capazes de enaltecer as riquezas dessa região, tarefa que a Universidade do Vale do São Francisco (Univasf) precisa protagonizar perante seu entorno institucional ao buscar tornar-se uma universidade com visibilidade internacional. Sendo assim, investir em ações efetivas de caráter internacional se torna uma política institucional de suma importância, visto que a internacionalização está cada vez mais ganhando espaço nas agendas das universidades brasileiras.

A Univasf é uma instituição nova que tem prioritariamente o semiárido nordestino como referência. Efetivamente com suas primeiras atividades, entrou em funcionamento no ano de 2004 com a missão de ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas do conhecimento e promover a extensão universitária. Atualmente alcança três Estados no Brasil, com *campus* nas cidades de Petrolina-PE, Juazeiro-BA, Senhor do Bonfim-BA, São Raimundo Nonato-PI e recentemente em Paulo Afonso-BA. Do ponto de vista geográfico e estratégico, a Univasf configura-se como opção de fomento científico e agente de modificação da realidade socioeconômico e cultural de toda essa região.

A Univasf conta com cursos de graduação e pós-graduação, nesse último, os cursos são disponibilizados em nível *lato sensu* e *stricto sensu*. O primeiro mestrado teve início em 2008, e atualmente são 9 (nove) os cursos acadêmicos de pós-graduação *stricto sensu*: Pós-Graduação em Ciência dos Materiais; Pós-Graduação em Ciência Animal; Pós-Graduação em Engenharia Agrícola; Pós-Graduação em Recursos Naturais do Semiárido; Pós-Graduação em Ciência da Saúde e Biológicas; Pós-Graduação em Ciência Veterinária no Semiárido; Pós-Graduação em Agronomia - Produção Vegetal; Pós-Graduação em Psicologia e Pós-Graduação em Educação Física. Esses dois últimos cursos foram criados recentemente, com o início das suas atividades em 2015.2, justificando sua exclusão da pesquisa por se tratarem de cursos bastante novos, fato que impede a coleta de informações.

Abaixo seguem as informações dos cursos que farão parte dessa pesquisa:

Quadro 11 - Cursos de pós-graduação da Univasf

Início	Nome do Curso	Área de Avaliação	Descrição Área	Curso Descrição	Conceito
2007	CIÊNCIA DOS MATERIAIS	MATERIAIS	MATERIAIS	MESTRADO	3
2008	CIÊNCIA ANIMAL	ZOOTECNIA/ RECURSOS PESQUEIROS	ZOOTECNIA	MESTRADO	3
2011	RECURSOS NATURAIS DO SEMIÁRIDO	FARMÁCIA	FARMÁCIA	MESTRADO	3
2011	ENGENHARIA AGRÍCOLA	CIÊNCIAS AGRÁRIAS I	ENGENHARIA AGRÍCOLA	MESTRADO	3
2012	CIÊNCIAS DA SAÚDE E BIOLÓGICAS	INTERDISCIPLINAR	INTERDISCIPLINAR	MESTRADO	3
2013	CIÊNCIAS VETERINÁRIAS NO SEMIÁRIDO	MEDICINA VETERINÁRIA	MEDICINA VETERINÁRIA	MESTRADO	3
2014	AGRONOMIA - PRODUÇÃO VEGETAL	CIÊNCIAS AGRÁRIAS I	AGRONOMIA	MESTRADO	3

Fonte: Elaboração da autora com os dados da Capes (2015)

A presença desses cursos no semiárido brasileiro visa impulsionar a geração da ciência e tecnologia, contribuindo para a diminuição das desigualdades entre as regiões e para o crescimento do país como um todo. No entanto, mesmo a Univasf sendo uma instituição jovem e fortemente inserida no aspecto regional, algumas ações de internacionalização também começam a ganhar destaque nesse ambiente acadêmico mais voltado para a realidade local.

De acordo com o Reitor da Univasf, o Prof. Julianeli Tolentino de Lima:

O processo de internacionalização da educação superior e, conseqüentemente, das universidades, é essencial para a atuação conjunta das instituições no sentido de proporcionar a oferta de cursos de formação complementar/capacitação, atividades em laboratórios multiusuários, publicação de artigos/periódicos, execução de eventos, dentre outros, além do intercâmbio de estudantes, técnicos e docentes.

Do ponto de vista dele, a internacionalização é considerada uma ferramenta imprescindível para que as instituições possam se integrar e interagir, visando ações conjuntas que contribuirão para o desenvolvimento intelectual dos atores envolvidos nesse processo, mesmo não havendo ainda uma política formal de internacionalização na instituição. Para isso, foi criada a Assessoria de Relações Internacionais (ARI) da Univasf objetivando assessorar as atividades exclusivamente voltadas para o aspecto internacional da instituição, tanto para os cursos de graduação quanto de pós-graduação. Porém, para assegurar que esse processo aconteça, o Reitor entende que é necessário garantir principalmente o fortalecimento dos cursos de pós-graduação da Univasf como agentes promotores de atividades de cooperação científica com instituições e organizações, tanto nacionais quanto internacionais, por meio de ações tais como:

- Integração, através de convênios com instituições renomadas de vários países;
- Elaboração e publicação de editais para proporcionar intercâmbio de docentes e discentes;
- Fomento e apoio financeiro à participação da ARI em eventos nacionais e internacionais e;
- Investimento em estrutura física e equipamentos para proporcionar a execução de atividades em colaboração com instituições estrangeiras.

Essas ações dependem do estabelecimento de objetivos e estratégias, e conseqüentemente da tomada de decisões administrativas, financeiras e acadêmicas em diversos setores da instituição como reitoria, pró-reitorias, ARI e

colegiados. Com a criação e valorização da ARI pela alta administração da Univasf, tornou-se possível proporcionar outras ações de internacionalização mais pontuais como: elaboração de editais para participação de acadêmicos em ações e instituições internacionais conveniadas e a participação da Univasf em consórcios e acordos com o intuito de firmar parcerias com instituições internacionais.

No entanto, apesar do planejamento inicial adotado pela Univasf, através da alta administração e dos setores envolvidos, o Prof. Julianeli Lima acredita que existem algumas dificuldades e obstáculos inseridos nesse processo, no que diz respeito: ao baixo contingente de servidores capacitados que atendam a toda a demanda de internacionalização, ao baixo volume de recurso orçamentário requerido para a execução dos projetos, à dificuldade de tornar perenes as fontes de recursos que custeiam os editais e ações propostas, e ainda à baixa adesão dos próprios acadêmicos às propostas já implementadas no campo da graduação e da pós-graduação. Todavia, mesmo com esses obstáculos, o Reitor da Univasf afirma que não há riscos no processo de internacionalização, mas apenas benefícios que poderão:

[...] proporcionar mais intercâmbio de estudantes, técnicos e docentes, dentre outras ações interinstitucionais visando ainda à atuação conjunta das instituições para a oferta de cursos de formação complementar/capacitação, e atividades em laboratórios, publicação de artigos científicos, execução de eventos, dentre outros.

Nesse contexto, no período de 2009 a 2014 foi elaborado o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Univasf, fruto do trabalho da comunidade acadêmica, que na soma de esforços, definiu os rumos, objetivos, programas e metas para esse período, trazendo também algumas questões pertinentes para essa instituição. Uma dessas questões diz respeito à internacionalização, que:

[...] deve manter colaboração permanente com outras instituições nacionais e internacionais e institutos de pesquisa, de ensino e de extensão em projetos de interesse comum, conciliando, sempre que possível, o caráter universal da ciência e dos valores fundamentais da humanidade com as características e necessidades locais ou regionais (PDI, 2014, p. 28).

Esse documento foi um dos primeiros a tratar de aspectos no âmbito internacional da Univasf e teve um papel muito importante ainda no fortalecimento dos cursos de pós-graduação, sendo esses considerados agentes promotores de atividades de cooperação científica com instituições e organizações, nacionais e

internacionais. Dessa forma, para os próximos 5 anos, está sendo elaborado uma nova versão do PDI, ainda em fase de ajustes e implementação, para posterior aprovação e publicação, e abordará de maneira mais clara o tema da internacionalização.

No que tange à pós-graduação, a Univasf dispõe de uma Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPPGI), que é responsável por coordenar e supervisionar todas as atividades de pesquisa e de pós-graduação no âmbito institucional. Ela atua junto aos organismos governamentais de fomento da pesquisa, da ciência, da tecnologia e da pós-graduação empreendendo e apoiando iniciativas de inserção e integração da universidade com o desenvolvimento acadêmico, científico e tecnológico, regional, nacional e internacional. Além disso, o papel dessa pró-reitoria é garantir a consolidação da pesquisa na Univasf, a partir de ações como: elaboração de editais de pesquisa, apoio à publicação, fortalecimento de programas de pós-graduação com enxovais específicos e o gerenciamento de projetos institucionais nacionais e internacionais.

Segundo o Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Univasf, Prof. Helinando Pequeno de Oliveira, é importante destacar que antes do desenvolvimento de qualquer ação de internacionalização é necessário:

[...] garantir a consolidação dos mestrados já existentes por meio da fixação de doutores e do fortalecimento de grupos de pesquisa. Sendo necessária ainda a criação de ambientes para instalação de laboratórios, parte relevante para a consolidação dos índices de produção científica dando maior visibilidade nacional e inclusive internacional aos cursos.

Para ele, só depois disso o processo de internacionalização poderá ser inserido mais efetivamente nos cursos de pós-graduação da Univasf, permitindo um avanço sem precedentes, por conduzi-la ao processo global de pesquisa e inovação removendo-a do isolamento geográfico acadêmico na qual se encontra.

Nesse caso, a internacionalização dos cursos de pós-graduação depende também do fortalecimento da pesquisa desenvolvida pelos grupos de pesquisa, para que se tornem atraentes e viáveis a nível internacional, e de parcerias internacionais por meio da qualidade dos trabalhos desenvolvidos, para que essa cooperação aconteça de forma bastante cuidadosa, de tal forma a não configurar dependência extrema de apenas um dos lados.

O Prof. Helinando Oliveira, afirmou ainda que,

[...] a consolidação dos cursos de pós-graduação no âmbito internacional, ocorre mediante o alcance do nível 4 da Capes e pela participação em programas nas universidades estrangeiras e intercâmbios de pesquisadores estrangeiros na Univasf em atividades de pesquisa e pós-graduação.

Nesse aspecto, para garantir ainda a execução das ações de pesquisa e pós-graduação, essa pró-reitoria conta com uma Diretoria de Pós-Graduação (DPG) e uma Diretoria de Pesquisa (DP) para auxiliá-la nesse sentido. A DPG assessora o Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação no planejamento, coordenação e fiscalização das atividades de ensino que dizem respeito à pós-graduação (*stricto sensu* e *lato sensu*), bem como apoia as atividades para capacitação docente. A DP é a diretoria responsável por formular e acompanhar a política de pesquisa da Univasf, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Essas diretorias atuam em conjunto com as demandas da Capes, CNPq, Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), entre outros, por meio do financiamento de bolsas e auxílios em diversas modalidades de caráter nacional e internacional. Dessa forma, são imprescindíveis no apoio a todas as atividades desenvolvidas pelos cursos de pós-graduação da Univasf.

Nesse sentido, para o Prof. Helinando Oliveira, é preciso assegurar ainda que todos esses setores e órgãos estejam alinhados para consolidarem o processo de internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf por meio da parceria natural entre pesquisadores e instituições no exterior, “avaliando criteriosamente as formas de cooperação envolvendo repasse de recursos e propriedade intelectual”. Porém, para ele, torna-se imprescindível também estar atento a alguns aspectos que podem dificultar a consolidação desse processo e criar estratégias de melhoria, em relação à “fluência em língua inglesa, infraestrutura adequada para pesquisa e aos índices de produção científica”.

Diante desse cenário, dado o aspecto institucionalizado e o crescimento da Univasf na busca pela internacionalização, foi criada a Assessoria de Relações Internacionais (ARI) da Univasf, órgão que atua junto à reitoria e as pró-reitorias e trabalha no sentido de propor e fomentar as políticas de internacionalização para a Univasf, facilitando seu processo de execução através de suporte técnico, acadêmico e administrativo às atividades de cooperação internacional, segundo sua

definição institucional. Como demandas recorrentes da atuação da ARI podem ser citadas:

- Coordenação institucional do programa Ciência sem Fronteiras (CsF);
- Acompanhamento de estudantes em mobilidade internacional, antes, durante e após seus intercâmbios;
- Avaliação de processos de afastamento de servidores para visitas a instituições estrangeiras e participações em eventos internacionais no exterior;
- Processamento e encaminhamento de demandas espontâneas por acordos e termos internacionais de cooperação;
- Orientação e processamento de inscrições em programas de mobilidade estudantil internacional;
- Apoio logístico e administrativo a visitantes estrangeiros;
- Planejamento de atividades e ações de promoção à internacionalização da Univasf;
- Encaminhamento de pedidos de reconhecimento de diplomas de egressos para habilitação ao exercício profissional no exterior, e de profissionais estrangeiros no Brasil;
- Encaminhamento de solicitações, por parte de servidores, de informações de cunho internacional junto a outras instituições no exterior, dentre outros.

Diante dessas demandas, a ARI monitorara todas as ações desenvolvidas, no âmbito de cooperação internacional visando uniformizar procedimentos e documentação para futuramente proceder às necessárias avaliações e aprimoramentos dos padrões estabelecidos. Para o Assessor de Relações Internacionais da Univasf, Prof. Isnaldo José de Souza Coêlho, as razões que movem as IES a se internacionalizarem:

[...] se apresentam em resposta às iniciativas de fomento do Governo Federal, devido ao anseio pela projeção internacional das instituições com todos os benefícios advindos deste reconhecimento que, resumidamente, se traduzem em acesso a oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional dos membros de sua comunidade acadêmica, contribuindo para formação de uma imagem positiva da região do Vale do São Francisco para a prosperidade do entorno institucional.

Para ele, os benefícios desse processo estariam relacionados à melhor avaliação da instituição e dos seus cursos de graduação e pós-graduação, junto a órgãos competentes no Brasil e no exterior, decorrente dos “vínculos de cooperação estabelecidos, do incremento da produção acadêmica internacional de pesquisadores e estudantes, e da natural atualização dos conteúdos programáticos dos componentes curriculares”. Já o risco do processo de internacionalização pode residir em se “aprofundar interações internacionais sem o devido investimento

correlato”. Nesse caso, necessário em estruturação dos setores de apoio a visitantes estrangeiros, e em capacitação de docentes em línguas estrangeiras, para prática de ensino para estudantes internacionais. Sendo assim, verifica-se que o principal obstáculo para a internacionalização identificado pela ARI, é o “ceticismo da comunidade acadêmica com a necessidade de ações programáticas de internacionalização universitária como um todo”. Nesse sentido, percebe-se que as ações referentes à internacionalização na Univasf, ainda são bastante recentes.

No dia 07 de dezembro de 2015, durante a XIX Reunião da Regional Nordeste da Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI), no 1º Workshop de Internacionalização da Univasf, foi lançado oficialmente um programa de ações de internacionalização da Univasf. De acordo com o Assessor, esse programa previsto para acontecer no período de 2016 a 2019, é chamado Vale sem Fronteiras e visa fomentar a inserção da Univasf no cenário mundial das universidades contextualizadas com seu entorno institucional e conta com 2 linhas de atuação: Tutores sem Fronteiras (TsF) e o *Fostering Bridges*.

Quadro 12 - Programa Vale sem Fronteiras da Univasf

Tutores sem Fronteiras (TsF)	Programa de ações envolvendo a mobilização de graduandos egressos de intercâmbios no exterior. A visualização das possibilidades de desenvolvimento profissional decorrentes dessas cooperações internacionais transformaria a perspectiva estreita de uma experiência pessoal de intercâmbio numa perspectiva ampla de projetos de futuros para pós-graduação, estágio ou exercício profissional no exterior. Essa prerrogativa atribuída aos estudantes egressos aponta para os seguintes perfis: proficiência em idioma(s) estrangeiro(s); expertise em mobilidade internacional; experiência com processos de ensino/aprendizagem estrangeiros e; rede de contatos no exterior. Além disso, com a disseminação dos conhecimentos adquiridos e o aproveitamento de suas experiências, esses alunos poderão atuar ainda na a tutoria dos outros estudantes afastados para mobilidade internacional, na a elaboração de material multimídia e impresso de propaganda institucional em idiomas estrangeiros, na tradução de artigos científicos, tecnológicos, artísticos ou culturais, na elaboração de termos de cooperação técnica e de convênios internacionais, na assistência a comitivas de estrangeiros em visita à Univasf e no apoio à realização do Workshop de Internacionalização da Univasf.
<i>Fostering Bridges</i>	Programa de mobilização de pesquisadores, professores e TAE's para realização de esforços para construção de propostas de convênios e de acordos de cooperação internacional entre a Univasf e IES ou institutos de pesquisa estrangeiros. Ele coloca a ARI à disposição dos proponentes de projetos para prestar apoio administrativo, técnico e acadêmico na busca por financiamento junto às agências de fomento, além de promover o diálogo entre os parceiros durante a fase de negociação e formalização dos acordos, via teleconferências. A sua sistematização inclui esforços para a ampla divulgação das negociações e das propostas de convênios e acordos internacionais dentro da comunidade acadêmica, com a intenção de atrair potenciais colaboradores e beneficiários para as conversas, e aumentar as chances de sucesso dos acordos.

Fonte: ARI (2016)

Conforme informações disponíveis na ARI (2016), a Univasf também mantém contratos e acordos formais de cooperação com universidades estrangeiras, e atualmente negocia a formalização de mais acordos com algumas universidades e institutos de pesquisa. Os processos podem ser classificados em 3 categorias, de acordo com quadro abaixo:

Quadro 13 - Acordos de cooperação da ARI

Acordos vigentes	<ul style="list-style-type: none"> • <i>State University of New York - campus Oswego</i> (EUA); • Universidade de <i>La Rochelle</i> (França); • <i>Lycée D'Enseignement General Technologique et Professionnel e;</i> • <i>Agricole Louis Pasteur</i> - (França).
Acordos expirados (em processo de revisão para renovação)	<ul style="list-style-type: none"> • Universidade do Porto (Portugal); • Universidade de Lisboa (Portugal); • Universidade dos Açores (Portugal); • Universidade de Trás-os-Montes e Alto D'Ouro (Portugal); • Universidade de Évora (Portugal); • Universidade de <i>Washington - campus Tacoma</i> (EUA); • <i>Albright College</i> (EUA) e; • Universidade de <i>Bergen</i> (Noruega).
Acordos embrionários (em processo de construção)	<ul style="list-style-type: none"> • Universidade do Algarve - Escola superior de educação e comunicação (Portugal); • Universidade Nacional de Rosário; (Argentina); • Universidade de Quebec à <i>Chicoutimi</i> (Canadá); • <i>Universidad Autónoma de Baja Califórnia</i> (México); • <i>Universitätsstraße</i> (Áustria); • <i>Universidad de Cuenca</i> (Equador); • <i>Universidad de Ciencias Medicas de Cienfuegos</i> (Cuba); • <i>Universidad Central Marta Abreu de Las Villas</i> (Cuba); • <i>Cirad - Centre de Coopération Internationale em Recherche;</i> • <i>Agronomique pour Le Développement</i> (França); • <i>Instituto Italiano di Paleontologia Umana</i> (Itália) e; • <i>Institut Deutsch als Fremdsprache</i> (Alemanha).

Fonte: ARI (2016)

É importante frisar a existência de negociações não formalizadas na ARI, que seguem na sua maioria por iniciativas próprias de outros setores e de docentes vinculados aos programas de graduação e pós-graduação da Univasf. Muitos dos convênios que vigoram hoje entre a Univasf e algumas universidades e instituições estrangeiras também não são conhecidos pela maioria dos membros da comunidade acadêmica, por serem diretamente articulados pelos seus interessados, sem que os objetos dos termos de cooperação tenham sido submetidos à apreciação de todos os interessados.

O Prof. Isnaldo Coêlho aponta que a longa lista de negociações revela que há muitos contatos registrados com instituições estrangeiras, mas a

“descontinuidade das negociações na maioria dos casos resulta no engavetamento de muitas dessas iniciativas”.

Essa constatação, segundo o assessor, tem reforçado a necessidade de criação de um escritório especializado em relações internacionais fora da ARI, chamado de *Bureau* de Contatos Internacionais (BCI) para dar maior apoio às demandas da ARI no monitoramento de todas as ações desenvolvidas, em âmbito de cooperação internacional para onde seriam encaminhados os processos de negociação de acordos internacionais já consolidados e devidamente instruídos. Externamente, atuaria junto aos demais setores da estrutura organizacional da Univasf e aos órgãos de fomento com o objetivo de concentrar e articular ações desenvolvidas na região que tenham algum apelo intrinsecamente internacional.

Assim, nesse contexto, essas e outras ações de internacionalização da ARI vêm surgindo na sua grande maioria por meio de iniciativas isoladas, por parte dos pesquisadores/professores que desenvolvem algum tipo de interação com parceiros em instituições estrangeiras, inclusive em casos de visitas de ex-orientadores de trabalhos pregressos de doutorado ou pós-doutorado no exterior e através de contatos espontâneos em participação em congressos internacionais.

Informações disponíveis na ARI (2016) apontam que a mobilidade de docentes e de técnicos administrativos em educação da Univasf tem ocorrido por ocasião de participações em congressos internacionais no exterior, por iniciativa própria e espontânea, como resultado de trabalhos desenvolvidos na Univasf. Já a mobilidade dos discentes, ocorre através de programas de fomento externos à Univasf, como é o caso dos programas Ciência sem Fronteiras e *Erasmus Mundus* da Comissão Europeia. Esses programas possuem orçamentos próprios e recebem inscrições de candidatos através de chamadas e editais públicos via portais específicos na internet.

Segundo Isnaldo Coêlho, para o desenvolvimento dessas e de outras ações em uma articulação feita diretamente pelo Núcleo Gestor do Idioma sem Fronteiras (IsF) com o MEC, o Governo Federal em 2015 anunciou uma ação orçamentária diretamente inserida nas matrizes das Universidades Federais para custeio e investimento em ações de internacionalização universitária que direcionou em princípio para a Univasf o montante de R\$ 127.500,00 (Cento e vinte e sete mil e quinhentos reais). Porém, de acordo com o Assessor, estes recursos sofreram cortes substanciais de 10% dos recursos para custeio e 47% dos recursos

prometidos para capital. A previsão é de que em 2016 a universidade possa contar com recursos da mesma ordem.

Em relação à captação de recursos de empresas ou órgãos de fomento internacionais, ele informou que:

[...] não há captação de recursos diretamente nesse sentido. O que há é uma proposta de levantamento feita pela ARI dessas fontes de financiamento junto a agências de fomento no Brasil e no exterior para viabilização de projetos envolvendo equipes de trabalho cooperativo formadas por pesquisadores/professores, estudantes e TAE's da Univasf e grupos similares em instituições estrangeiras, dentro de termos de cooperação e convênios internacionais firmados anteriormente. Com base no que foi estabelecido na missão da ARI, o papel a ser desempenhado é de suporte técnico, acadêmico e administrativo às atividades de cooperação internacional, cabendo aos próprios proponentes dos acordos a missão de angariar recursos junto às agências de fomento, via editais específicos, pois o acesso a tais editais é condicionado a avaliações dos currículos dos membros dessas equipes dentro da área de conhecimento em que se enquadra o projeto.

O professor argumenta que o papel dessas agências de fomento no Brasil é fundamental nessa questão, já que as universidades não contam com disponibilidade orçamentária para custeio de passagens internacionais e diárias no exterior para atender a essa demanda de mobilidade e intercâmbios. Essas agências estabelecem critérios para concessão de apoio financeiro, bem como critérios técnico-científicos para cobrança de resultados efetivos dos trabalhos em cooperação, promovendo a otimização dos gastos e dos investimentos feitos com o dinheiro público.

Dessa maneira, a ARI está trabalhando para estruturar melhor suas ações de internacionalização na Univasf em parceria com os cursos de graduação e pós-graduação. Inicialmente, será criado um site, pois até o presente momento, não há dados disponíveis na mídia em relação às informações dessa assessoria. O Assessor de Relações Internacionais da Univasf e suas 2 assistentes são fluentes em língua inglesa, facilitando assim o desenvolvimento das suas atividades. Porém verificou-se que esse quantitativo de recursos humanos não é suficiente para atender todas as demandas recebidas pela ARI.

Os indicadores de internacionalização ainda estão sendo formulados com base na definição das metas tangíveis, para alcance dos objetivos do processo de internacionalização. De acordo com o Assessor, são potenciais indicadores:

Número de membros da comunidade acadêmica diagnosticados em seu nível de proficiência em inglês; número de candidatos inscritos em programas de mobilidade estudantil internacional (graduandos e pós-graduandos); número de servidores afastados para mobilidade acadêmica internacional (participações em congressos e reuniões de trabalho); número de convênios e acordos de cooperação internacionais da Univasf; número de mini workshops para celebração formal dos convênios e acordos bilaterais internacionais via teleconferências; número de artigos publicados em parcerias com instituições estrangeiras; e número de inscritos nos workshops anuais de internacionalização da Univasf, organizados pela ARI.

No que tange às ações do programa de internacionalização junto aos cursos de graduação e pós-graduação, a meta de curto prazo consiste na extensão da proposta de mobilização dos discentes que já participaram de intercâmbios, no sentido de capacitá-los a promover articulações dos vínculos junto às instituições visitadas durante seus intercâmbios, integrando a mobilização de docentes, pesquisadores e TAE's para realização de esforços visando a consolidação de convênios e de acordos de cooperação internacional entre a Univasf e instituições estrangeiras.

Segundo ele, esses estudantes possuem diferenciais importantes para atuação no processo de internacionalização, tais como:

- Maturidade acadêmica, necessária para uma atuação mais produtiva junto aos parceiros;
- Experiência internacional anterior, vivenciada durante a graduação através dos programas já citados; e
- Pré-existência de um projeto de pesquisa com plano de trabalho definido, que direciona os interesses de forma mais clara e objetiva.

A princípio, a visualização das possibilidades de desenvolvimento profissional desses estudantes, decorrentes de cooperações internacionais, transformaria a perspectiva estreita de uma experiência pessoal de intercâmbio numa perspectiva ampla de projetos de futuro para pós-graduação, estágio ou exercício profissional no exterior.

Essa prerrogativa atribuída aos estudantes egressos tanto nos cursos de graduação quanto de pós-graduação, está ancorada em 4 premissas, que são na verdade características de discente com este perfil: (i) proficiência em idioma estrangeiro; (ii) expertise em mobilidade internacional; (iii) experiência com processos de ensino/aprendizagem estrangeiros; e (iv) disponibilidade de uma rede de contatos no exterior. No entanto, para a efetivação desse processo, é importante ressaltar que a participação de estudantes egressos na composição das equipes de

trabalho que negociariam os termos internacionais de cooperação é um fator importante, a ser estimulado por motivos evidentes, que de acordo com o Assessor seriam:

- Manter a prática e o aprimoramento do idioma estrangeiro;
- Conhecer as possibilidades e potencialidades das duas instituições parceiras;
- Perceber a importância de uma imagem institucional positiva no exterior;
- Ser profissionais da área de conhecimento contemplada no acordo, o que lhes conferiria propriedade para discutir aspectos técnicos e práticos dos trabalhos em cooperação;
- Poder orientar a continuidade de ações iniciadas anteriormente ao seu retorno;
- Poder ser agentes familiares aos membros nas equipes estrangeiras nas teleconferências, nos casos em que a interação tivesse se iniciado durante a MEI;
- Ter compromisso com o êxito do processo de aproximação, pois seriam futuros beneficiários diretos dos convênios estabelecidos; e
- Ser portadores de diploma de conclusão de curso e de IFES com melhor avaliação perante o MEC, CAPES, CNPq e as agências nacionais e internacionais de fomento à pesquisa.

Assim, além de todos esses aspectos, os resultados esperados do conjunto dessas ações propostas seriam:

- Aumento do número de interessados nos programas de mobilidade e no estudo de línguas estrangeiras, sobretudo da língua inglesa;
- Incremento no número de termos internacionais de cooperação efetivos na Univasf;
- Aprimoramento dos canais de comunicação com as instituições estrangeiras;
- Aumento da procura de estrangeiros pelos campos de investigação oferecidos na Univasf e seu entorno;
- Otimização da utilização dos recursos públicos investidos; e
- Fortalecimento da imagem da Univasf e do Vale do São Francisco no cenário internacional.

Por fim, há muito a ganhar com a formulação e implantação de um programa institucional eficiente para internacionalização da Univasf, o que deve ser uma tarefa articulada conjuntamente, já que nenhuma proposta para uma política de internacionalização nesse sentido terá chance de prosperar sem a efetiva participação de todos os envolvidos direta ou indiretamente com essa temática.

4.2 CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVASF E SUA INSERÇÃO INTERNACIONAL - DIMENSÃO TÉCNICA

A internacionalização de uma universidade, como já afirmado anteriormente, corresponde a um processo de diálogo (trabalhos conjuntos, cooperação, intercâmbio, adequação das estruturas institucionais, conflitos e problemas surgidos) com outras universidades ou organizações variadas (empresas, governos, agências internacionais, ONGs) do mundo exterior à fronteira nacional na concepção, desenvolvimento ou implementação de suas funções de ensino, pesquisa e extensão. No caso da Univasf, percebe-se que a internacionalização nessa instituição vem ocorrendo em paralelo à consolidação de seus cursos de pós-graduação. Dessa maneira, apresenta-se a seguir uma análise com a contextualização dos 7 cursos de pós-graduação *stricto sensu* da Univasf, bem como as considerações e definições sobre internacionalização, seguidas de um quadro com os critérios de internacionalização da Capes, de acordo com cada área específica.

4.2.1 Pós-Graduação em Ciência dos Materiais (Área – Materiais)

O curso de Pós-Graduação em Ciências dos Materiais da Univasf foi aprovado em 2007, com início das aulas somente em 2008. Seu objetivo é estabelecer um ambiente adequado de pesquisa científica aliando novos materiais composto na escala nanométrica, na tentativa de encontrar soluções para os diversos problemas do semiárido nordestino.

O corpo docente dos cursos de Materiais como um todo conta com a marcante presença de brasileiros e estrangeiros das áreas de engenharia, física e química. Sendo assim, esse curso não seria diferente, já que desde o seu início, a presença de professores estrangeiros foi um passo muito importante para a sua inserção internacional. Suas atividades foram iniciadas com a chegada de um grupo de pesquisadores/professores advindos de diversos lugares, com o intuito de criarem um novo centro de pesquisa no interior da Bahia.

Para a Capes (2015), a área de Materiais é recente e vem constituindo um campo de intensa atividade científica, tecnológica e de inovação que envolve pesquisadores com formações diversas de diferentes partes do mundo, sendo a sua

estruturação claramente vinculada ao avanço da pós-graduação brasileira. Desse modo, essa área vem buscando sua inserção internacional por meio de questões voltadas à sua produção científica, projetos de pesquisa, intercâmbios e participações em eventos científicos, tanto no nível nacional quanto internacional.

Nesse sentido, dados do Curso de Pós-Graduação em Ciência dos Materiais da Univasf disponíveis na Plataforma Sucupira da Capes (2015) apontam para algumas ações realizadas no âmbito internacional, por meio de intercâmbio com algumas instituições estrangeiras, verificadas em publicações, mobilidade, parcerias, estágios e convênios.

De acordo com o coordenador do Curso de Pós-Graduação em Ciência dos Materiais, Prof. Wagner de Assis Cangussu Passos,

[...] as publicações realizadas pelos docentes com a participação dos discentes do programa são preferencialmente em periódicos de circulação internacional. Outras ações têm fortalecido o programa como o incentivo aos docentes para ingressarem no pós-doutorado no exterior, criando e mantendo uma colaboração profícua com os egressos, mesmo após a volta deles e a seleção de estudantes provenientes do exterior, pois em seu retorno, eles podem conseguir uma boa posição acadêmica em seu país, mantendo uma colaboração importante com o nosso programa.

Dados ainda disponíveis na Plataforma Sucupira da Capes (2015) revelam que esse curso já recebeu 3 professores visitantes estrangeiros e conta com 1 docente regular, sendo que já enviou para o exterior 2 professores para estágio com duração superior a 6 meses. Alguns professores também participam ou já participaram de congressos internacionais, visitas a laboratórios científicos de curta duração, e ainda de comitês organizadores de congressos e de corpo editorial de periódicos internacionais.

É importante ressaltar que o professor e ex-coordenador desse curso, Helinando Pequeno de Oliveira tem mantido convênio com um grupo de pesquisa no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), nos Estados Unidos e o Prof. Alan Christie da Silva Dantas esteve em um estágio pós-doutoral no *Bundesanstalt für Materialforschung und -prüfung* (BAM), na Alemanha, interagindo também com outros grupos internacionais de pesquisa. Porém, essas atividades não podem ser consideradas políticas ou programas formalmente institucionalizados de internacionalização, são apenas ações estabelecidas de maneira individual entre os pesquisadores do curso, em parceria com instituições no exterior.

O Curso de Pós-Graduação em Ciência dos Materiais também vem buscando investimentos para montar estruturas de trabalho que possam atender e/ou complementar as tecnologias ofertadas pelos grandes institutos de pesquisa internacionais. Todavia, os cursos mais consolidados nessa área são aqueles que estão inseridos nas universidades nas quais há forte investimento financeiro e gerencial nas ações de internacionalização, o que não tem ocorrido nesse curso.

De qualquer maneira, o seu processo de internacionalização, de acordo com o coordenador:

[...] é desejável e de grande importância, visto que a área de Materiais da Capes tem uma forte abrangência nesse sentido e esse processo trazer melhoria de qualidade nas publicações, qualificação do corpo docente, acesso a novas tecnologias, busca da melhoria do conceito na Capes, etc. Para isso, estão sendo realizadas algumas ações de internacionalização, garantindo assim maior visibilidade ao programa, melhoria de qualidade e acesso à grupos internacionais mais estabelecidos nessa área.

Essa colocação do professor tem estreita ligação com as considerações e definições sobre internacionalização/inserção internacional apresentada na avaliação trienal 2013 da Capes, na Área de Materiais em que

[...] a internacionalização pode ser considerada como uma disposição e disponibilidade para parcerias com instituições estrangeiras, envolvendo fluxos de discentes e docentes nos dois sentidos, minimizando os impactos/dificuldades impostos pelas barreiras burocráticas e culturais que naturalmente existem. Institucionalmente existem ações que podem ser características de instituições/programas com adequado grau de internacionalização (CAPES, 2014a, p 40).

Nesse contexto, segue abaixo os critérios de internacionalização disponíveis na avaliação trienal 2013 da Capes para a área de Materiais:

Quadro 14 - Critérios de internacionalização da Capes (Área - Materiais)

Participação de docentes e discentes em intercâmbios, eventos científicos, seminários, conferências e palestras internacionais
Participação de docentes em comitês organizadores de congressos internacionais
Participação de docentes em corpo editorial de periódicos internacionais
Organização/participação de congressos, simpósios e <i>workshops</i> internacionais

Publicação em periódicos de circulação internacional
Mobilidade de docentes e discentes, <i>in e out</i>
Oferta de disciplinas em língua inglesa em parceria com instituições internacionais
Participação de grupos e projetos de pesquisa em parceria com instituições estrangeiras
Captação recursos financeiros de órgãos de fomento internacionais
Realização de acordos e convênios com instituições estrangeiras
Publicação de artigos, revistas e periódicos em língua inglesa
Recebimento de bolsa de pesquisa, doutorado pleno, doutorado sanduíche ou estágio pós-doutoral de caráter internacional

Fonte: Elaborado pela autora de acordo com avaliação trienal 2013 da Capes

Diante dos critérios de internacionalização apresentados, visualizaram-se outras ações na Plataforma Sucupira da Capes (2015) que vêm sendo desenvolvidas por esse curso, tais como: recebimento de bolsa por parte de docentes e discentes, desenvolvimento de projetos de pesquisa e participação de grupos de pesquisa em parceria com instituições estrangeiras, principalmente aqueles docentes que fizeram pós-doutorado no exterior e ainda mantém essa cooperação. Porém, a captação de recursos financeiros por órgãos de fomento internacionais e a oferta de disciplinas em língua inglesa não foram visualizadas e podem ser considerados um obstáculo para a efetivação desse processo no curso.

Atualmente é possível verificar que os cursos de pós-graduação nessa área estão estabelecidos em diferentes níveis que podem determinar o grau de internacionalização de cada um deles. Para os cursos mais jovens, como no caso desse curso, a internacionalização pode ser entendida ainda pela Capes (2015) como um “investimento na formação e qualificação de pessoal, por meio da cooperação com instituições no exterior”. Nessa perspectiva, as atividades de cooperação internacional dos diferentes programas e cursos vêm refletindo o histórico da criação dessa área e as diversas formas de entendimento do conceito de internacionalização por parte das IES dentro da sua autonomia.

Assim, nota-se que mesmo não havendo uma política institucional clara de internacionalização nesse curso, é possível verificar que ainda existem iniciativas específicas para permitir um fluxo de pesquisadores no âmbito internacional. Essas

iniciativas parecem estar mais relacionadas por meio de ações individuais, por parte do corpo docente, do que devido às políticas de internacionalização da própria instituição ou do curso. Portanto, espera-se futuramente a melhoria do conceito desse mestrado na avaliação da Capes para alcançar o nível suficiente de abertura do doutorado por meio do desenvolvimento dessas ações de internacionalização. Para isso, de acordo com Passos (2015), outras iniciativas se fazem necessárias como a contratação de mais professores doutores com dedicação integral, “preferencialmente com experiência de orientação e pós-doutorado, no país ou no exterior” e que atuem na editoração de periódicos, consultorias, intercâmbios, e participem em redes de pesquisa internacionais.

4.2.2 Pós-Graduação em Ciência Animal (Área - Zootecnia/Recursos Pesqueiros)

A área de Zootecnia/Recursos Pesqueiros na Capes tem atingido níveis de excelência em termos qualitativos, os quais se expressam no incremento da produção acadêmico científica dos docentes e discentes envolvidos na pós-graduação. O Curso de Pós-Graduação em Ciência Animal da Univasf inserido nessa área visa qualificar recursos humanos pautados nos princípios da conservação e preservação dos recursos naturais renováveis, produzir tecnologias inovadoras compatíveis com o desenvolvimento regional e direcionadas ao agronegócio, desenvolver sistemas de produção animal sustentáveis e aumentar a produção e a produtividade animal no semiárido brasileiro. A proposta ainda desse curso é preencher uma lacuna existente na região e atender a demanda de profissionais qualificados de áreas afins, como medicina veterinária, ciências biológicas, zootecnia, e recursos pesqueiros (UNIVASF 2015).

Os docentes que atuam nesse mestrado têm

[...] participado de atividades em conjunto, correlatas à biologia e anatomia animal, fisiologia vegetal, genética molecular, distúrbios nutricionais e reprodutivos, biotecnologias ligadas à reprodução, microbiologia animal e de solos, além de manejo e conservação de animais silvestres (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2015).

Tendo sido aprovado em um projeto Casadinho em parceria com a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e em outros projetos aprovados no pró-equipamentos da Capes e CT-INFRA da Finep, o Curso de Pós-Graduação em

Ciência Animal vem buscando ainda fortalecer ainda mais as suas linhas de pesquisa. A fixação de docentes e discentes na região, visando a melhoria de mão de obra especializada no semiárido e a criação de um doutorado nessa área seria de suma importância, já que muitos discentes que estão finalizando o mestrado estão sendo obrigados a se deslocarem para outras cidades e Estados que ofertam doutoramento.

Outra questão pertinente diz respeito às discussões ocorridas entre os professores em relação à importância de se criar mecanismos e estratégias para a melhoria do conceito do curso junto a Capes, e a sua inserção internacional poderia ser um aspecto considerável nesse sentido. Para isso, vem buscando relatar elementos que evidenciem sua relevância e impacto regional, nacional, mas também internacional.

Segundo o coordenador do curso Mário Adriano Ávila Queiroz a internacionalização nessa área é necessária para “melhorar e aumentar a qualidade das produções científicas e a formação de recursos humanos”. No entanto, embora esse curso não possua políticas de internacionalização, algumas ações individuais foram efetivadas por parte de alguns docentes que fixaram convênios com laboratórios de pesquisa, e que participam em eventos internacionais. Vale ressaltar, também, o constante incentivo feito aos discentes para realizarem cursos em língua inglesa.

De acordo com informações disponíveis na Plataforma Sucupira da Capes (2015), alguns docentes desse curso já viajaram para apresentar palestras em congressos e trabalhos científicos, destacando o 40th *International Embryo Transfer Society* (IETS) em Reno Nevada, nos EUA e o 5º Simpósio Internacional de Nutrição e Saúde de Peixes. Os pesquisadores vinculados a esse mestrado também têm conseguido financiamentos junto a diferentes agências de fomentos como CNPq, Facepe e Banco do Nordeste (BNB), porém não recebem nenhum recurso financeiro de agências de fomento internacionais para essas ações.

Outras informações ainda disponíveis na Plataforma Sucupira da Capes (2015), apontam que esse curso mantém convênio de cooperação internacional com a *University of Davis* e com a *Ohio State University*, e já recebeu docentes e discentes dessas instituições internacionais e enviou docentes e discentes ao exterior para viagens de pesquisa, além de possuir acordos, outros convênios e parcerias com instituições estrangeiras. No ano de 2011, o curso recebeu 2

estudantes americanas para treinamento e coleta de amostras de leite caprino na região semiárida, contribuindo ainda mais para a motivação dos discentes a respeito do aprimoramento da língua inglesa e da perspectiva de visitas aos Estados Unidos. Sendo que esses intercâmbios podem proporcionar também uma maior troca de experiências e melhoria nos processos de formação e pesquisa do curso. Em 2013 não houve intercâmbios internacionais formalizados, apenas contatos entre pesquisadores do curso e da Europa em projetos específicos de reprodução.

Outra ação importante a ser destacada foi a do discente, Ruan Emmanuell Franco de Abreu, bolsista da Capes e brasileiro selecionado para participar de um curso internacional, promovido pelo Centro Brasileiro-Argentino de Biotecnologia (CBAB) em *San Miguel de Tucumán*, na Argentina. Todas as despesas do mesmo foram financiadas pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), sendo essa ação considerada uma experiência muito importante, já que o discente retornou ao curso com uma visão ampliada do seu campo de pesquisa.

O Prof. Mário Queiroz ressaltou que alguns docentes do curso são bolsistas de produtividade do CNPq e desenvolvem projetos conjuntos em parceria com instituições estrangeiras, participam de grupos de pesquisa e de comitês organizadores de congressos e de corpo editorial e publicam artigos e periódicos de circulação internacional.

Em relação às considerações e definições sobre internacionalização/inserção internacional apresentada na avaliação trienal 2013 da Capes, na Área de Zootecnia/Recursos Pesqueiros, a internacionalização:

[...] pode ser definida em dois níveis: a inserção internacional e as ações que visam à internacionalização. A dimensão da inserção internacional resulta da qualidade científica do programa de pós-graduação. O aspecto mais básico é a qualidade dos periódicos utilizados para a divulgação dos resultados das pesquisas e o reconhecimento pelos pares, que é evidenciado pelas citações (CAPES, 2014b, p 30).

O quadro abaixo apresenta os critérios de internacionalização para a Área Zootecnia/Recursos Pesqueiros, segundo os parâmetros da Capes.

Quadro 15 - Critérios de internacionalização da Capes
(Área - Zootecnia/Recursos Pesqueiros)

Intercâmbio e inserção dos docentes em redes de pesquisa internacionais
Participação em comitês, diretorias, sociedades e programas internacionais
Colaboração internacional (docência, consultorias, editoria, visitas)
Participação em intercâmbios e convênios de cooperação internacionais
Realização de acordos e convênios com instituições estrangeiras
Cooperação e fomento de instituições internacionais (cooperação formal e financiamentos do exterior) com intercâmbio de alunos e de docentes
Participação docente e discente em atividades e em publicações no exterior
Realização, organização e participação em eventos internacionais qualificados
Recebimento de bolsas e recursos financeiros de órgãos internacionais
Presença de docentes, pós-doutores ou discentes estrangeiros no programa
Participação em projetos e grupos de pesquisa internacionais

Fonte: Elaborado pela autora de acordo com avaliação trienal 2013 da Capes

Porém, mesmo diante das informações apresentadas, ressalta-se que esse curso não recebeu ou recebe nenhum tipo de bolsa de estudo de caráter internacional e não oferta disciplinas em língua inglesa. Mesmo assim, os professores vêm sendo estimulados a realizarem outras ações como pós-doutorado no exterior para aprimorarem ainda mais as técnicas de coleta e análise de dados e o aperfeiçoamento em língua inglesa, já que para o coordenador, o não domínio dessa língua pode ser considerado um obstáculo para a internacionalização. Nesse sentido, ainda segundo o coordenador do curso, a internacionalização:

Não traz nenhum risco, e sim gera e mantém no programa um ambiente internacional, que não deve ser traduzido apenas por ações pontuais, efêmeras e circunstanciais, mas sim por ações contínuas e estruturadas por meio de planos estratégicos bem definidos.

Dessa forma, segundo ele, uma das razões para esse curso se internacionalizar seria o “aumento na qualidade das produções científicas e conseqüentemente a formação de recursos humanos”. Para isso, uma estratégia que vem sendo estimulada é a realização de doutoramento no exterior por parte dos professores para que assim, eles possam ter acesso aos benefícios advindos desse processo.

4.2.3 Pós-Graduação em Engenharia Agrícola (Área - Ciências Agrárias I)

A aprovação pela Capes do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola ocorreu em 17 de dezembro de 2010 e, a primeira turma ingressou no curso em agosto de 2011. A finalidade desse mestrado é capacitar recursos humanos e formar profissionais capacitados para assumir atividades de pesquisa e docência, por meio de formação científica e cultural ampla, de forma a contribuir efetivamente para o desenvolvimento regional e do país, a fim de qualificar profissionais pautados nos princípios da “conservação e preservação dos recursos naturais renováveis, produzindo tecnologias inovadoras compatíveis com o desenvolvimento regional e direcionado ao agronegócio” (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2015).

A contratação de um número representativo de doutores na área de atuação em Engenharia Agrícola de instituições como, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFET), fez também com que essa comunidade científica vislumbrasse a potencial possibilidade de implantação desse curso.

Diante dessas parcerias, segundo informação disponível na Plataforma Sucupira (2015):

[...] o curso espera atingir o nível de excelência nas linhas de pesquisa, de maneira que cada vez mais possa ser reconhecido tanto nacionalmente quanto internacionalmente, com perspectivas de ampliar parcerias de trabalho para docentes e discentes e de divulgar a produção científica por meio da publicação em periódicos indexados e índice de impacto elevado e artigos para publicação em revistas. Para isso, o Curso de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola da Univasf está trabalhando no sentido de aumentar a quantidade e a qualidade das publicações científicas, com estímulo pela tradução dos trabalhos para a língua inglesa.

No que tange a avaliação trienal 2013 da Capes, a área de Ciências Agrárias I, na qual esse curso faz parte, tem experimentado uma grande expansão ao longo dos últimos anos, levando em consideração o número de cursos, alunos titulados e artigos científicos publicados em periódicos com alto fator de impacto. A avaliação é feita de acordo com os indicadores da Capes, verificando se apresentam qualidade equivalente a de centros internacionais de excelência, registrada pela participação relevante e de impacto, contemplando os desafios internacionais da área na produção do conhecimento.

Em relação à importância e a razão para a internacionalização, a coordenadora Sílvia Helena Nogueira Turco falou que:

[...] poderia promover o curso para um conceito melhor, elevando o seu nível através de projetos entre grupos de pesquisa do mestrado e grupos de pesquisas internacionais, intercâmbio de estudantes e pesquisadores, fato que certamente proporcionaria mais conhecimento internacional de pesquisas desenvolvidas no âmbito da Univasf, trazendo mais recursos financeiros para o mestrado e formação de recursos humanos qualificados.

Sendo assim, algumas ações na esfera internacional já vêm sendo evidenciadas através da publicação em revistas A1, A2 e B1 que estão vinculadas a divulgação internacional e a participação do site *Researchgate*. O desenvolvimento de projetos conjuntos em parceria com instituições estrangeiras por meio do trabalho de alguns pesquisadores da Embrapa e o recebimento de bolsas para atividades internacionais também fazem parte de algumas ações presentes nesse curso. Destaca-se ainda que alguns docentes mantenham contato com universidades internacionais nos Estados Unidos e Espanha, o que gerou um convênio firmado com a Universidade de Davis na Califórnia, EUA.

Segundo a coordenadora, esse processo de internacionalização pode ser benéfico por permitir:

[...] impacto no conhecimento desenvolvido no mestrado, possibilidades de ex-alunos fazerem seu doutorado em outros países e ainda maior captação de recursos para as pesquisas que estão sendo desenvolvidas, não havendo assim nenhum risco nesse processo. Porém o apoio governamental e institucional se tornam obstáculos para o alcance desses benefícios.

Nesse sentido, alguns empecilhos foram encontrados nesse curso e podem dificultar uma melhor absorção dessa dimensão internacional, tais como: a falta de políticas de internacionalização, a falta de intercâmbio entre docentes e discentes de/para instituições internacionais, a falta de participação em grupos de pesquisa em parceria com instituições estrangeiras, a falta de recursos financeiros, a falta de participação em comitês organizadores de congresso e de corpo editorial de periódicos internacionais e a não oferta de disciplinas ministradas em língua inglesa.

Nas considerações e definições sobre internacionalização/inserção internacional apresentada na avaliação trienal 2013 da Capes, na Área de Ciências Agrárias I, a internacionalização:

Evidencia significativo crescimento internacional objetivando a busca de excelência de seus programas e visa à diversificação de ideologias e conceitos, de forma a contribuir com a qualificação do ensino, pesquisa e extensão, fortalecendo a produção e difusão do conhecimento científico na comunidade internacional (CAPES, 2014c, p 29).

O quadro a seguir apresenta os critérios estabelecidos pela Capes para a Área de Ciências Agrárias.

Quadro 16 - Critérios de internacionalização da Capes (Área - Ciências Agrárias I)

Organizadores, palestrantes, moderadores e debatedores de eventos internacionais
Publicações técnicas para organismos internacionais
Recebimento de recursos e bolsas de estudo de caráter internacional
Participações em comitês, diretorias, sociedades e programas internacionais
Participação em intercâmbios, convênios e acordos de cooperação caracterizados por reciprocidade
Oferta de disciplinas em língua estrangeira
Cooperação e fomento com instituições internacionais (cooperação formal e financiamentos do exterior) com intercâmbio de alunos e de docentes
Participação discente em atividades e em publicações no exterior
Realização, organização e participação em eventos internacionais qualificados
Presença de docentes ou discentes estrangeiros no programa
Participação em projetos e grupos de pesquisa internacionais
Publicação de artigos e revistas internacionais

Fonte: Elaborado pela autora de acordo com avaliação trienal 2013 da Capes

Vale ressaltar que vários discentes do curso de graduação em Engenharia Agrícola e Ambiental da Univasf vêm participando do Programa Ciências sem Fronteiras da Capes. Com isso, através destas experiências vivenciadas por eles, pretende-se que os mesmos integrem esse conhecimento quando ingressarem no Curso de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola da Univasf, e através de contatos gerados anteriormente com essas instituições estrangeiras, sejam feitos outros intercâmbios. Futuramente, quando todos os requisitos exigidos pela Capes

forem atendidos, pretende-se submeter uma proposta para criação de doutorado em Engenharia Agrícola.

4.2.4 Pós-Graduação em Recursos Naturais do Semiárido (Área – Farmácia)

Inicialmente discutiu-se a proposta de abertura de um mestrado que fosse específico para a área de Farmácia, pois já existia na Univasf o curso de graduação nessa área, cujos alunos poderiam ingressar posteriormente na pós-graduação. Em 2010 foi aprovada a proposta de criação do Curso de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Semiárido, iniciando o processo de seleção de alunos em 2011, com um corpo docente composto de professores dos cursos de Farmácia, Medicina Veterinária, Zootecnia e Engenharia Agrícola da Univasf.

Segundo a Univasf (2015), esse mestrado destina-se à formação de pessoal altamente qualificado para o exercício do magistério superior e desenvolvimento de atividades de pesquisa em instituições públicas e privadas, com atuação nas áreas do conhecimento relacionadas às ciências farmacêuticas, biológicas, agrárias e da saúde, gerando ciência, tecnologia e inovação para toda a região do semiárido e para o país.

Para a Capes (2015), a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade são inerentes à área de Farmácia, considerando-se que o desenvolvimento de fármacos e medicamentos é um processo complexo na qual diversas abordagens e estratégias devem ser utilizadas de acordo com a complementaridade de saberes e conhecimentos. Essa área caracteriza-se ainda pela produção de conhecimento científico e tecnológico, interligando a pesquisa básica e aplicada e incorporando tendências para uma maior inserção de caráter nacional e internacional.

Nesse sentido, alguns pontos estão sendo trabalhados para a melhoria do Curso de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Semiárido na Univasf, tais como:

- Criação de um centro de pesquisa exclusivamente para a pós-graduação, o qual poderá ser construído com recursos institucionais ou do CT-Infra;
- Aquisição de equipamentos para estudo de produtos naturais, que permitirá uma dependência cada vez menor das instituições parceiras;
- Busca de parcerias para a submissão de projetos aos editais Casadinho/PROCAD do CNPq e da Capes;
- Busca de parcerias com outras instituições a fim de submeter projetos em editais do CNPq, Facepe, Finep, Banco do Nordeste, entre outros;

- Criação de uma cultura de inovação, estimulando todos os professores a participar das oficinas e cursos oferecidos pelo Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) da Univasf;
- Aumento do número de publicações, principalmente publicações com discentes, bem como pedidos de patentes e parcerias com empresas;
- Equilíbrio na produção científica e a aprovação de projetos entre as duas linhas de pesquisa do curso; e
- Inserção internacional, maior divulgação das ações do curso em outras instituições da região (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2015).

Esse mestrado vem trabalhando nesses pontos a fim de se ajustar a essa realidade na qual se encontra inserido. A área de Farmácia cresce cada vez mais com forte inserção no contexto nacional, reforçando a necessidade de formulação de políticas em longo prazo, além de planejamento norteado pelas políticas nacionais e pelas tendências internacionais. Ainda segundo a Capes (2015), a pós-graduação na área de Farmácia se expande de forma bem-sucedida, tendo em vista ainda a sua forte inserção no âmbito internacional, de maneira que as ações de internacionalização vêm aumentando em paralelo à expansão da própria pós-graduação.

De acordo com o coordenador do curso o Prof. Jackson Roberto Guedes da Silva Almeida, a internacionalização é muito importante para:

Fortalecer as ações do programa, buscar o desenvolvimento de pesquisas em um nível mais avançado e buscar o intercâmbio de pesquisadores e estudantes. Por essa razão, a Capes a inseriu em seus critérios de avaliação como um indicador para melhoria dos cursos. Porém, não existe na Univasf uma política de internacionalização. O que existem são iniciativas isoladas de professores que estabeleceram parcerias informais e até convênios formais com algumas universidades no exterior.

De acordo com informações disponíveis na Plataforma Sucupira da Capes (2015), o Curso de Pós-Graduação em Recursos Naturais no Semiárido renovou um acordo de cooperação com a Universidade de *Bergen* na Noruega em 2012 e essa cooperação gerou o primeiro artigo publicado fruto dessa parceria. Durante o período do acordo, alguns instrumentos e equipamentos localizados nessa universidade no exterior, estiveram disponíveis e os experimentos foram realizados com a colaboração dos professores estrangeiros de diversas localidades.

Nessa perspectiva também, está sendo intermediada a assinatura de mais um convênio com Centro Nacional de Investigações Científicas (CNIC) em Havana, Cuba, e com a Universidade de Córdoba na Argentina. No caso da área de

Farmácia esses convênios devem ser celebrados apenas com fins de pesquisa científica, a fim de se evitar o risco da chamada biopirataria.

Está sendo negociada ainda a vinda do Prof. David Marrero do CNIC, para que ele possa passar 3 meses na Univasf como professor visitante. Além disso, o Dr. Mosaad Attia Abdel-Wahhab, da Universidade do Cairo no Egito também demonstrou interesse em vir para a Univasf futuramente como professor visitante.

Em 2015, o Prof. Jackson Almeida ministrou uma palestra num congresso internacional em Cuba, e desse intercâmbio, espera-se que novas parcerias possam ser implementadas no futuro. Desse modo, tendo em vista essas e outras negociações, esse curso também espera receber o primeiro estudante do exterior vindo da Universidade de Sinaloa no México para um intercâmbio de 4 meses na Univasf. Essas colaborações demonstram que as estratégias usadas estão dando certo e que as parcerias já existentes poderão ser ampliadas. Porém mesmo com essas negociações, até o momento, esse curso não recebeu efetivamente nenhum docente ou discente de uma instituição estrangeira.

Alguns docentes do curso têm atuado como consultores *ad hoc* de periódicos nacionais e internacionais, bem como de fundações de amparo à pesquisa no Brasil, participando também como revisores e membros de corpo editorial de periódicos com publicações em artigos de circulação internacional com alto fator de impacto.

Nesse contexto, de acordo ainda com o coordenador, os benefícios que o processo de internacionalização poderá trazer para esse curso como: melhoria na qualidade da pesquisa, apreensão de novos métodos e análises, melhoria na qualidade das publicações, recursos humanos qualificados, maior visibilidade ao programa e maior captação de recursos. No entanto, o Curso de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Semiárido ainda apresenta ausência de parâmetros capazes de avaliar as ações de internacionalização e suas possíveis melhorias para o curso.

Em relação às considerações e definições sobre internacionalização/inserção internacional apresentada na avaliação trienal 2013 da Capes, na Área de Farmácia, a internacionalização:

[...] tem ocorrido através de várias ações, porém ainda são grandes os desafios à ampliação da internacionalização, tais como: implantação de programas de pós-graduação transnacionais; infraestrutura para processos de seleção de estrangeiros sem a necessidade da vinda ao Brasil como estratégia de atração desses alunos, seja de países mais desenvolvidos ou

menos desenvolvidos, necessidade de qualificação de recursos humanos para as secretarias e demais serviços das universidades receptoras no Brasil, como a comunicação em inglês/espanhol, além da preparação de manual de orientação para estrangeiros e infraestrutura de moradia, bem como as demais documentações necessárias para facilitar a integração desses estrangeiros no Brasil (CAPES, 2014d, p 44).

O quadro a seguir descreve os critérios de internacionalização para a Área de Farmácia, segundo a Capes.

Quadro 17 - Critérios de internacionalização da Capes (Área - Farmácia)

Elaboração de documentos técnicos elaborados por agências internacionais
Oferta de disciplinas em língua estrangeira
Produção de artigos, revistas, livros e materiais em parceria com co-autores internacionais;
Fomento ao pós-doutoramento dos docentes dos programas de pós-graduação;
Visitas e estágios de reconhecimento de parceiros no exterior para estabelecer cooperações
Financiamento internacional para as atividades de pós-graduação
Possuir corpo editorial e editores de periódicos internacionais
Captação de recursos de órgãos de fomento internacionais
Intercâmbio de alunos com IES estrangeiras
Participação de docentes e discentes em eventos científicos de caráter internacional
Participação em projetos de pesquisa envolvendo programa de pós-graduação e grupos de pesquisa de instituições estrangeiras

Fonte: Elaborado pela autora de acordo com avaliação trienal 2013 da Capes

A colaboração com a Assessoria de Relações Internacionais (ARI) da Univasf ajudou a promover e divulgar o mestrado efetuando alguns dos critérios de internacionalização da Capes acima citados. Foram feitas apresentações das linhas de pesquisa desse curso em Portugal e contatos com outras instituições da América Latina. Dessa maneira, como estratégias de internacionalização para esse curso, a partir de 2016 outras atividades no âmbito internacional deverão ser desenvolvidas com ARI, inclusive colocar informações do site do curso em língua estrangeira

(inglês e espanhol), já que para o coordenador do curso, a ausência do domínio da outra língua pode ser considerado um obstáculo para a internacionalização.

Assim, de acordo com a Capes (2015), essas ações de internacionalização da área de Farmácia como um todo, demonstram que a sua inserção internacional tem contribuído para a projeção da produção brasileira no mundo e na liderança científica, e que em comparação a outros países, os artigos brasileiros nessa área representam um percentual muito próximo destes países, ressaltando a relevância e atualidade da pesquisa em Ciências Farmacêuticas no Brasil, a qual está diretamente relacionada à internacionalização da pós-graduação deste curso. Apesar disso, algumas ações não puderam ser visualizadas nesse curso como: participação de docentes e discentes em grupos de pesquisa em parceria com instituições estrangeiras, oferta de disciplinas em língua inglesa, recebimento de recursos de instituições ou empresas internacionais e recebimento de bolsas para estudarem em instituições no exterior.

Nesse sentido, espera-se que o Curso de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Semiárido, consiga realizar essas e outras ações de internacionalização e continuar mantendo a qualidade dos seus indicadores de produção, para que, num futuro próximo, haja um aumento da nota da Capes de 3 para 4, e assim, seja proposto a abertura de um curso de doutorado.

4.2.5 Pós-Graduação em Ciência da Saúde e Biológicas (Área – Interdisciplinar)

O Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas da Univasf abrange diversas áreas de atuação e garante a interdisciplinaridade na formação de profissionais dando origem a um espaço acadêmico que integra as Ciências Ambientais, Tecnológicas e da Saúde. A articulação dessas áreas incorpora as necessidades de toda região do semiárido, no que tange a formação de profissionais para atuar junto à população sertaneja no enfrentamento das transformações ambientais, buscando soluções práticas para reduzir o impacto negativo desses eventos na vida diária da população (UNIVASF 2015).

Diante dessa realidade, a demanda por linhas de pesquisa em torno dessa temática é relativamente grande na região, pois “em várias situações as tecnologias necessárias não existem, em outros são insuficientes e precisam ser revisadas”. Razão na qual é necessário aprimorar o curso, visando uma ampla

atuação dos profissionais nas questões direcionadas a região, aptos ao ensino, pesquisa e extensão e, principalmente por evitar migração para outras regiões na busca de qualificação, enfraquecendo a mão de obra qualificada local (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2015).

Essa interdisciplinaridade vem apresentando a maior taxa de crescimento na Capes porque propicia a pós-graduação brasileira acompanhar a tendência mundial de aumento de grupos de pesquisa e programas acadêmicos com foco em questões mais complexas. Desse modo, a importância da introdução de uma área Interdisciplinar no contexto da pós-graduação, decorre da necessidade de se dar conta de novos problemas que emergem no mundo contemporâneo, de diferentes naturezas e com variados níveis de complexidade.

A ideia da criação do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas surgiu da necessidade de inserir a Univasf nos debates atuais sobre novos paradigmas da ciência e da própria visão de universidade, e ainda de alguns pontos críticos enfrentados pela região do semiárido por profissionais da saúde e áreas afins, tais como:

- A integração dos saberes e a necessidade do diálogo multidisciplinar entre as áreas da saúde, ambiente, humanas e das tecnologias;
- A formação de recursos humanos qualificados na área interdisciplinar que atenda as ciências ambientais, tecnologia e saúde;
- A necessidade de cursos *stricto sensu* na área da Saúde e Biológicas, tendo em vista as dificuldades que enfrentam tanto a comunidade acadêmica quanto o profissional para localizar e ingressar em programas na região e na própria Univasf; e
- A promoção da abertura para o enfrentamento de novas perspectivas teórico-metodológicas da pesquisa, ensino, extensão e inovação que conduzam para além do paradigma predominante na ciência tradicional, nas novas e atuais propostas da área interdisciplinar, incluindo-se aí a necessária inserção social da produção científica e tecnológica assim gerada (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2015).

De acordo com a Capes (2015), a atuação dessa área deve ser entendida como importante para o sistema de pós-graduação nacional, na medida em que serve como elo de entrada de um número expressivo de universidades em atividades de pesquisa e ensino pós-graduado, contribuindo para o aprimoramento de seu corpo docente e oferecendo oportunidades de formação avançada em recursos humanos nas várias regiões do território nacional.

Sendo assim, a Univasf contempla um ambiente satisfatório para o desenvolvimento desse curso, por oferecer uma composição docente que possibilita criar e manter em funcionamento o programa, permitindo a formação de profissionais qualificados, com reais possibilidades de

[...] expandir a pesquisa científica e os projetos de extensão nas diversas áreas que o programa contempla, e também promover a inserção dos egressos no mercado de trabalho e assim contribuir com a melhoria da saúde, do ambiente e da produção tecnológica na macrorregião do semiárido nordestino (bem como em outras regiões) (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2015).

A Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas tem algumas metas para o planejamento futuro, especialmente para o período de 2015-2018 que incluem:

- Atingir qualidade na produção do curso para obter a nota 4 na avaliação da Capes;
- Implantar o doutorado, possibilitando a fixação da mão de obra qualificada pelos orientadores da região e permitindo a evolução regional ou pelo menos a diminuição da desigualdade no fazer ciência entre as regiões nacionais;
- Realizar eventos científicos buscando cada vez mais a integração entre os docentes e discentes dos cursos de pós-graduação da região, bem como a maior participação dos estudantes de graduação dos diversos cursos das universidades locais e regionais.
- Implantar a modalidade do ensino a distância facilitando a participação e interatividade com maior frequência dos docentes distantes do Estado e do país;
- Promover o intercâmbio interinstitucional e entre os cursos de pós-graduação da área Interdisciplinar; e
- Fomentar a internacionalização com fins de maior instrumentalização dos docentes e discentes e maior qualidade na formação dos recursos humanos objetivados pelo curso. Para isso, diversas universidades já estão conveniadas com a Univasf, e a partir disso, contatos serão realizados para solidificar essa meta (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2015).

No que tange à inserção internacional, essa pode ser característica de programas de pós-graduação reconhecidos na Capes em qualquer área, dependendo de suas especificidades. Contudo, os esforços em prol da internacionalização da pós-graduação brasileira vêm sendo paulatinamente intensificados na área Interdisciplinar e começam a ser evidenciados nas notas atribuídas aos programas a esta vinculados. Dessa maneira, avalia-se as perspectivas deste curso com vistas a seu desenvolvimento, contemplando os

desafios da área na produção e aplicação do conhecimento com padrão de excelência de centros internacionais.

Para a coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas, Profa. Márcia Bento Moreira, a internacionalização é muito importante:

[...] uma vez que este é um dos itens que são avaliados pela Capes. Porém, mesmo diante do conhecimento em relação aos critérios de internacionalização da Capes, esse indicador ainda não tem contribuído efetivamente, tendo em vista que nosso curso é muito novo e não possui políticas próprias de internacionalização. Na realidade esse curso apenas promove ações isoladas de internacionalização até que as políticas sejam criadas e implantadas, porém essas ações são bastante representativas e de suma importância para o nosso curso tendo os docentes e a administração da Univasf como principais catalisadores desse processo.

Dentre as ações desenvolvidas nesse sentido por esse curso destacam-se: participação de professores em centros de pesquisa estrangeiros (Canadá, Estados Unidos e Londres); produção intelectual em cooperação com pesquisadores estrangeiros; participação em projetos de cooperação internacional; participação de docentes e discentes em eventos científicos de caráter internacional e participação de docentes como palestrantes e em conferências no exterior. É importante ressaltar que esse curso já recebeu docente de instituição estrangeira, inclusive como palestrante, já enviou professor para o exterior, desenvolve projetos conjuntos em parceria com algumas instituições internacionais, recebe bolsa de estágio pós-doutoral e escrevem e publicam artigos e periódicos de circulação internacional. Além disso, alguns docentes já ministram aulas em língua inglesa, porém não na sua totalidade. No entanto, não há informações de que docentes e discentes participam de grupos de pesquisa em parceria com instituições estrangeiras e nem que participam de comitês organizadores de congressos e de corpo editorial de periódicos internacionais.

De acordo com as considerações e definições sobre internacionalização/inserção internacional apresentada na avaliação trienal 2013 da Capes, na Área Interdisciplinar, a internacionalização:

[...] começa a ser evidenciada nas notas atribuídas aos programas os estes vinculados. Os programas já consolidados se equiparam a centros interdisciplinares internacionais de excelência. Há ainda programas em associação com instituições estrangeiras e tem ainda registrado forte demanda em doutorados sanduíche e pós-doutorados nos Estados Unidos e Europa (CAPES, 2014e, p 81).

Quadro 18 - Critérios de internacionalização da Capes (Área - Interdisciplinar)

Participação de docentes como visitantes em programas de IES ou centros de pesquisa estrangeiros
Produção intelectual em cooperação com pesquisadores estrangeiros
Participação em comitês e diretorias de associações científicas internacionais
Colaborações técnico-científicas com agências de governo e empresas internacionais
Intercâmbios de docentes e discentes no âmbito internacional
Oferta de disciplinas em língua estrangeira
Realização de acordos e convênios internacionais
Mobilidade discente e docente entre instituições estrangeiras
Participação em comitês técnicos, projetos e grupos de pesquisa internacionais
Orientação de alunos de origem estrangeira
Recebimento de recursos de órgãos de fomento internacionais

Fonte: Elaborado pela autora de acordo com avaliação trienal 2013 da Capes

Em atendimento as próximas metas para internacionalização do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas da Univasf, contatos com universidades estrangeiras através da cooperação e acordos internacionais, podem ser mantidos para maior promoção de intercâmbio entre discentes e docentes. Assim, a principal razão que têm levado esse curso a se internacionalizar é a sua maior visibilidade, além do intuito do desenvolvimento e consolidação do mesmo. De acordo com a coordenadora, essa inserção internacional, facilitaria a implantação do doutorado e promoveria assim nossa missão: de “promover formação interdisciplinar de recursos humanos capazes de gerir, interpretar e agir, permitindo a consolidação de competências e habilidades para a compreensão da realidade”. Desse modo, um programa com inserção internacional e reconhecido pela Capes poderá atingir as melhores notas, uma vez que este apresente desempenho equivalente ao de centros internacionais de excelência.

4.2.6 Pós-Graduação em Ciências Veterinárias no Semiárido (Área - Medicina Veterinária)

O Curso de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias do Semiárido teve seu início em fevereiro de 2013, e a matrícula da sua primeira turma de mestrandos ocorreu em agosto de 2013. Seu objetivo é

[...] formar mestres qualificados para atuarem na área de clínica, saúde pública, biotecnologia, manejo e conservação de animais silvestres, produção ou reprodução animal, com capacidade crítica para o ensino, a pesquisa, as tendências tecnológicas de aprimoramento e inovação, e o desenvolvimento sustentável no semiárido (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2015).

Segundo as informações disponíveis ainda na Plataforma Sucupira (2015) este curso propicia uma maior abrangência na formação daqueles que desejam se inserir nas áreas relacionadas à saúde, morfofisiologia e biotecnologia animal, visto que na região do semiárido, ainda é limitado o número de cursos de pós-graduação com este enfoque. Além disso, proporciona a implantação de novas linhas de pesquisa no âmbito institucional e ampliação do intercâmbio entre esta e outras Instituições de Ensino Superior e de pesquisa no Brasil e fora dele. Em relação às perspectivas, a aquisição de equipamentos para o curso através do Edital Pró-Equipamentos da Capes, auxiliará a implantação de técnicas mais avançadas de diagnóstico e pesquisa e a captação de recursos para projetos em diferentes órgãos de fomento, contribuindo assim para uma melhoria na qualidade dos trabalhos e publicações.

No entanto, mesmo se tratando de um curso relativamente novo,

[...] alguns docentes permanentes também atuam no ensino de graduação em diferentes cursos, com comprovada experiência em orientação e/ou coorientação de alunos de pós-graduação e em outros programas já consolidados com dissertações e teses defendidas. Os pesquisadores apresentam ainda comprovada produção científica, tendo angariado financiamentos junto a diferentes agências de fomento, incluindo dois docentes bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2015).

Dentre as atividades realizadas pelos discentes, destacam-se a publicação de artigos em periódicos especializados, resumos em anais de eventos científicos, participação como ouvintes ou palestrantes em eventos científicos regionais, nacionais e internacionais. Os docentes estão empenhados no cumprimento das metas estipuladas no início do curso, visando à obtenção de nota

4 no conceito da Capes, e conseqüentemente, na solicitação de implementação de um curso de doutorado. A produção científica dos docentes, assim como outros indicadores, está sendo estimulada nesse curso a fim de alcançar os objetivos propostos desde o seu início. Desse modo, uma das condições para que o mestrando defenda a dissertação é que ele tenha submetido artigo científico em periódico qualificado na área. Com isto, espera-se que a produção científica dos docentes e discentes apresente um crescimento quantitativo e qualitativo tanto no cenário nacional quanto internacional.

Para a coordenadora do curso Profa. Maria Helena Tavares de Matos esse cenário internacional:

[...] é importante para dar mais visibilidade às pesquisas e a produção científica. Assim, a coordenação tem motivado os professores a fazer pós-doutorado no exterior e realizar visitas técnicas a laboratórios, conhecer e manter contato com pesquisadores de outros países.

Outro fator que merece destaque, é que os discentes têm sido estimulados a frequentar cursos de línguas estrangeiras, e já há laboratório em que os mestrandos apresentam seminário todos escritos em inglês.

A cooperação internacional da Pós-Graduação em Ciências Veterinárias no Semiárido ainda está em fase de expansão com alguns professores estabelecendo parcerias entre pesquisadores de outros países, como: Universidade Complutense de Madrid, *Memorial Sloan Kettering Institute*, *Free University of Brussels*, MIT, *Ohio State University* e *Memorial Sloan-Kettering Institute* nos Estados Unidos e Universidade Livre de Bruxelas na Bélgica. Essas parcerias possibilitarão intercâmbio de estudantes, pesquisadores e de técnicas entre os laboratórios, estimulando ainda mais esse curso a realizar trocas, com o objetivo ainda de consolidar centros de excelência em ensino e pesquisa de padrão internacional. Alguns docentes desse curso já desenvolvem projetos conjuntos em parceria com as instituições acima, sendo que alguns deles também já receberam bolsa de pós-doutorado no exterior e têm participado de grupos de pesquisa e comitês organizadores de congressos e de corpo editorial de periódicos internacionais, além de publicarem em artigos e periódicos de circulação internacional.

De acordo com as considerações e definições sobre internacionalização/inserção internacional apresentada na avaliação trienal 2013 da Capes, na Área de Medicina Veterinária,

[...] é evidenciada pela inserção da produção intelectual em veículos de divulgação de acesso internacional. Este processo ocorre em diferentes níveis, desde uma parceria visando à consolidação do programa até uma contribuição bilateral entre centros de excelência. Além disso, o processo pode ocorrer também pela formação de parcerias visando consolidar centros ainda emergentes (CAPES, 2014f, p. 28)

O quadro a seguir contém referências sobre os critérios de internacionalização da Área de Medicina Veterinária segundo os padrões estabelecidos pela Capes.

**Quadro 19 - Critérios de internacionalização da Capes
(Área - Medicina Veterinária)**

Realização de doutorado sanduíche e estágios pós-doutoral
Participação em intercâmbios e convênios de cooperação caracterizados por reciprocidade
Cooperação e fomento de instituições internacionais (cooperação formal e financiamentos do exterior) com intercâmbio de alunos e de docentes
Participação discente em atividades e em publicações no exterior
Realização, organização e participação em eventos internacionais qualificados
Produção científica destacada no cenário internacional (avaliar o veículo e a proporção da produção internacional): Avaliação pelo fator de impacto médio das publicações
Presença de docentes ou discentes estrangeiros no programa
Participação em projetos e grupos de pesquisa internacionais
Realização de convênios, acordos e parcerias internacionais

Fonte: Elaborado pela autora de acordo com avaliação trienal 2013 da Capes

Dentre as principais razões do processo de internacionalização para esse mestrado, a coordenadora destaca o aumento da visibilidade da produção científica

dos pesquisadores/curso e intercâmbio de estudantes e pesquisadores. Ela lembrou que o curso ainda está em fase inicial do processo de internacionalização, mas acredita que esse processo contribuirá com a melhoria do conceito do curso. No entanto, até o momento, esse curso não enviou nem recebeu docente e discente de outros países e a dificuldade da língua estrangeira e da captação de recursos tem se tornado um obstáculo que precisa ser superado.

4.2.7 Pós-Graduação em Agronomia - Produção Vegetal (Área - Ciências Agrárias I)

O Curso de Pós-Graduação em Agronomia - Produção Vegetal da Univasf também é bastante jovem, mas já apresenta um corpo docente consolidado e comprometido com as atividades de pesquisa e orientação de estudantes.

Esse curso visa,

[...] fomentar a capacitação de recursos humanos por meio de qualificação técnico-científica e profissional especializada na área de Produção Vegetal, formando pesquisadores para atuar em instituições de ensino, pesquisa, extensão ou no agronegócio, principalmente do trópico semiárido e abrangências, promovendo a produção de tecnologias inovadoras compatíveis com o desenvolvimento regional e direcionadas a sistemas sustentáveis de produção (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2015).

Seu corpo docente também é bastante jovem, porém com maturidade científica para as atividades de pesquisa e pós-graduação, o que pode ser comprovado pela experiência na formação de recursos humanos, produção intelectual e captação de recursos. Com exceção dos pesquisadores da Embrapa Semiárido atuantes nesse curso, todos os docentes ministram disciplinas na graduação em Engenharia Agrônômica ou cursos afins, e a grande maioria orienta trabalhos de conclusão em cursos de graduação na Univasf. Além disso, desenvolvem projetos de pesquisa voltados à resolução de problemas que incidem sobre a atividade agrícola regional ou a sustentabilidade do bioma caatinga, através do uso adequado e integrado dos recursos naturais (UNIVASF 2015).

Esse curso possui 2 bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq e 1 bolsista de desenvolvimento tecnológico e industrial também do CNPq, e a captação de bolsas de estudos, especialmente da Facepe pelos docentes tem sido uma característica positiva, visto que desde o seu início, esse curso tem sido

contemplado em todos os editais da Univasf. Dessa forma, espera-se consolidar ainda mais as suas atividades de pesquisa e orientação de dissertações, expandir o quadro de docentes e efetuar o planejamento com vistas à criação do curso de doutorado.

No que diz respeito à internacionalização, a coordenadora do curso a Prof. Francine Hiromi Ishikawa informa que, “não existem políticas de internacionalização definidas nesse curso”. No entanto, para alcançar bons resultados, esforços vêm sendo realizados neste sentido, sendo que, 5 docentes desse curso receberam bolsa para doutorado sanduíche em instituições no exterior e já participam de comitês organizadores de congressos e de corpo editorial de periódicos internacionais.

O programa procura ainda, segundo a coordenadora, efetivar alguns indicadores propostos pela Capes, como:

- Produção científica destacada no cenário internacional (veículo de divulgação e proporção da produção internacional);
- Avaliação pelo fator de impacto médio das publicações, colaborações internacionais (editoria);
- Participação discente em atividades e em publicações no exterior; e
- Participação de docentes em corpo editorial de revistas internacionais.

Em relação às informações da Plataforma Sucupira (2015) referente a intercâmbios internacionais de docentes e discentes, informa-se que, por se tratar de um curso muito jovem, no momento algumas ações de internacionalização não se aplicam. Outros aspectos no âmbito internacional relacionados a esse mestrado também não foram encontrados, como desenvolvimento de projetos conjuntos e participação de grupos em parceria com instituições estrangeiras, recebimento de recursos, oferta de disciplinas em língua inglesa, dentre outros.

Porém de acordo com a Profa. Francine, a inserção internacional é muito importante para qualquer curso de pós-graduação, pois “abre as portas para novas oportunidades, além de dar maior visibilidade para curso, e conseqüentemente melhoria do conceito buscando a excelência”. Estratégias vêm sendo desenvolvidas para melhorar o desempenho do curso, presando por “publicação em periódicos de alto impacto, participação de corpo editorial de revistas internacionais e participação em eventos internacionais”. No entanto, todos esses esforços esbarram em dois

obstáculos: a falta de recurso para a participação em eventos e a falta de fluência na língua estrangeira por parte de alguns docentes.

Por fim, as considerações e definições sobre internacionalização/inserção internacional apresentada na avaliação trienal 2013 da Capes, são iguais as já apresentadas acima sobre o curso de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola, já esses 2 cursos fazem parte da mesma Área de Ciências Agrárias I da Capes.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

As universidades como centros de ensino e pesquisa estão atentas às novas modalidades de ensino, principalmente àquelas que exploram a “potencialidades do intercâmbio de pessoas, experiências e informações como estratégia para a inserção da instituição no cenário internacional” (MARRARA; RODRIGUES, 2009, p. 123).

Tendo em vista a busca pela excelência, os cursos de pós-graduação desenvolvem padrões internos de ensino que visam aumentar a capacidade de resolver problemas de interesse tanto da comunidade local, quanto da nacional e, conseqüentemente mundial. Assim, nasce a preocupação em alcançar parâmetros internacionais, tendo como precedentes o alcance de notas concedidas pela Capes, mediante o cumprimento dos critérios por ela estabelecidos, objetivando, segundo Marrara (2007, p. 256), a ampliação do “reconhecimento das IES e do programa bem avaliado, além de lhes permitir o acesso a certos recursos financeiros”.

Diante disso, a finalidade deste capítulo é apresentar uma análise geral dos resultados obtidos na pesquisa de campo, após o levantamento do referencial teórico, da construção da matriz de análise e da aplicação das entrevistas semiestruturadas com os respondentes da dimensão institucional e técnica. Os indicadores levantados na matriz de análise em relação aos cursos de pós-graduação da Univasf encontravam-se intrinsecamente apoiados na revisão de literatura, nos critérios de internacionalização da Capes, no modelo de Knight (1994) círculo da internacionalização, e em outras informações consideradas importantes para o levantamento de questões adicionais, a saber:

Dimensão institucional - Reitor, Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação e Assessor de Relações Internacionais: (i) Setores envolvidos no processo de internacionalização; (ii) Existência de ações de internacionalização; (iii) Existência de indicadores para avaliar as ações de internacionalização; (iv) Comissões/comitês e assessorias; (v) Acordos, contratos, convênios e parcerias internacionais; e (vi) Principais razões, estratégias, benefícios, riscos e obstáculos para a efetivação do processo de internacionalização.

Dimensão técnica - Coordenadores dos cursos de pós-graduação: (i) Docentes e discentes estrangeiros recebidos; (ii) Docentes e discentes do curso enviados ao exterior; (iii) Projetos e grupos de pesquisa com instituições

estrangeiras; (iv) Existência de comitês organizadores de congressos e corpo editorial de periódicos internacionais; (v) Publicações de artigos, periódicos e revistas no âmbito internacional; (vi) Oferta de disciplinas em língua estrangeira; (vii) Principais razões, estratégias, benefícios, riscos e obstáculos para a efetivação do processo de internacionalização; (viii) Recebimento de bolsa de doutorado pleno, doutorado sanduíche ou estágio pós-doutoral para estudarem em instituições no exterior; e (ix) Existência de captação de recursos de órgãos de fomento internacionais.

5.1 CRITÉRIOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA CAPES

As informações relacionadas aos critérios de internacionalização da Capes foram disponibilizadas pelos informantes-chave dos cursos de pós-graduação da Univasf, tanto da dimensão institucional quanto da dimensão técnica. Esses critérios foram disponibilizados na avaliação trienal da Capes, realizada em 2013, de acordo com cada área de conhecimento específica, afim de que a análise dos dados coletados pudesse trazer uma compreensão mais detalhada dos resultados obtidos na pesquisa de campo. Porém, é importante salientar que outras questões foram anteriormente levantadas para uma melhor contextualização desse tema, no que diz respeito à importância da internacionalização, suas políticas dentro dos cursos, as ações que vêm sendo desenvolvidas, dentre outras.

O resultado dos critérios de internacionalização da Capes considerados comuns a todos os cursos de pós-graduação da Univasf e seus respectivos resultados de acordo com a coleta de dados obtida anteriormente, bem como posterior análise de cada indicador foi disponibilizado de maneira resumida em um quadro abaixo.

As informações destacam com um X os critérios de internacionalização da Capes que estão sendo executados através de ações desenvolvidas pelos cursos de pós-graduação da Univasf, de acordo com suas áreas específicas para posterior análise dos dados, de acordo com cada critério específico.

Quadro 20 - Resultado dos critérios de internacionalização da Capes

Cursos		Ciência dos Materiais	Ciência Animal	Engenharia Agrícola	Recursos Naturais do Semiárido	Ciência da Saúde e Biológicas	Medicina Veterinária no Semiárido	Agronomia - Produção Vegetal
1	Receber docentes e discentes de instituições estrangeiras	X	X			X		
2	Enviar docentes e discentes para instituições no exterior	X	X		X	X		
3	Possuir acordos, contratos e convênios em parceria com instituições internacionais	X	X	X	X	X	X	
4	Desenvolver projetos conjuntos em parceria com instituições estrangeiras	X	X	X	X	X	X	
5	Participar de grupos de pesquisa em parceria com instituições estrangeiras	X	X				X	
6	Receber recursos financeiros de órgãos de fomento internacionais							
7	Participar de comitês organizadores de congressos e corpo editorial de periódicos internacionais	X	X		X		X	X
8	Escrever e publicar artigos em periódicos e revistas no âmbito internacional	X	X	X	X	X	X	X
9	Ministrar aulas em língua inglesa					X		
10	Receber de bolsa de pesquisa, estágios, missões, doutorado pleno, doutorado sanduiche e/ou estágio pós-doutoral de caráter internacional	X		X		X	X	X

Fonte: Elaborado pela autora com base nos critérios de internacionalização da Capes

Critério 1 - Receber docentes e discentes de instituições estrangeiras:

Quando um docente ou discente vivencia outra realidade, eles entram em contato com pessoas e culturas diferentes desenvolvendo um pensamento mais crítico. Assim, os cursos de pós-graduação da Univasf têm realizado esforços nesse sentido, inclusive fazendo a seleção de discentes estrangeiros para ingressarem no programa, como é o caso do Curso de Pós-Graduação em Ciência dos Materiais. Porém o recebimento desses estrangeiros, tanto de docentes quanto de discentes, ainda tem ocorrido de maneira bastante tímida. Alguns docentes vindos do exterior já atuaram na Univasf como professores visitantes para auxiliar nas atividades desenvolvidas em alguns cursos de pós-graduação, apresentaram palestras em eventos científicos e fizeram visitas técnicas à instituição. Todavia, na maioria dos casos, os cursos de pós-graduação da Univasf esbarram na falta de recursos financeiros tanto de órgãos de fomento estaduais, nacionais, e principalmente internacionais para custearem as despesas com passagens, diárias e estadia desses estrangeiros.

Outro fator de impedimento é a ausência de domínio da língua inglesa por parte dos docentes e discentes dos cursos de pós-graduação que, embora solicite e articule a visita de estrangeiros, na chegada deles, esses docentes e discentes não conseguem articular uma comunicação, resultando na solicitação de terceiros de outros setores que dominam a língua para intermediar a conversa, comprometendo significativamente as relações interpessoais e conseqüentemente as profissionais. Para isso, a ARI da Univasf vem atuando em relação ao apoio necessário quando a instituição recebe qualquer estrangeiro para conhecer a universidade e desenvolver qualquer tipo de parceria. No que diz respeito às pessoas que atuam na ARI (assessor e seus assistentes), foi informado que os mesmos possuem fluência na língua inglesa e que muitas vezes são solicitados para dar esse apoio quando a instituição recebe esses estrangeiros vindos de outros países.

Critério 2 - Enviar docentes e discentes para instituições no exterior:

Os docentes dos cursos de pós-graduação da Univasf são enviados ao exterior para apresentarem trabalhos, participarem de eventos científicos internacionais, visitas, pesquisas, congressos, palestras e até mesmo para

conseguirem uma melhor qualificação profissional quando da realização de um mestrado, doutorado ou pós-doutorado, seja por um período mais longo ou apenas de curta duração. Para isso, a maioria desses professores recebem bolsas disponibilizadas pelo governo através das agências de fomento estaduais como Facepe e Fapesb e das agências nacionais como Capes e CNPq, prioritariamente, na qual vêm atuando em diversas ações de cooperação internacional para os cursos de pós-graduação das universidades brasileiras. Essas iniciativas têm como objetivo inserir as universidades no contexto internacional para que elas possam desenvolver políticas e estratégias para a formação de pessoal qualificado nas atividades de pesquisa e pós-graduação.

Também existem esforços sendo realizados para enviar discentes ao exterior por meio de editais específicos dessas agências, contando com o auxílio de bolsas para custeio de toda estadia e estudos. Nesse sentido, a Capes tem um papel decisivo através da formação de recursos humanos por meio da criação de bolsas de estudo e programas, estabelecendo parcerias com organismos internacionais e desenvolvendo atividades de intercâmbio internacional, na busca da excelência para os cursos de pós-graduação através de acordos bilaterais e parcerias binacionais.

Vale ressaltar que o programa Ciência sem Fronteiras da Capes vem conseguindo enviar um número considerável de discentes das IES a fim de realizarem intercâmbio em diversos países do mundo, e inclusive com o suporte necessário até o término das atividades. Esse programa prevê ainda a utilização de bolsas para que alunos de graduação e pós-graduação possam realizar estágio no exterior com a finalidade de manter contato com sistemas educacionais competitivos. O CNPq também vem promovendo a cooperação internacional mediante a concessão de bolsas de estudos nas modalidades de especialização, doutorado, doutorado-sanduíche e pós-doutorado.

Segundo a ARI, o envio de docentes da Univasf para instituições no exterior, tende a ocorrer com mais frequência por meio da participação em congressos internacionais para participação em reuniões de trabalho em cooperações existentes. Já o envio de discentes ocorre mais através de programas de fomento à mobilidade estudantil internacional, externos à Univasf, como é o caso do programa Ciência sem Fronteiras da Capes e do programa do *Erasmus Mundus*, da Comissão Europeia. Vale ressaltar que esses programas possuem orçamentos

próprios e recebem inscrições de candidatos através de chamadas e editais públicos via portais específicos. Porém, vale salientar que os cursos de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola, medicina Veterinária no Semiárido e Agronomia-Produção Vegetal ainda não realizam esse critério.

Critério 3 - Possuir acordos, contratos e convênios em parceria com instituições internacionais:

Todos os cursos de pós-graduação da Univasf estabelecem acordos, contratos ou convênios com instituições internacionais. Por se tratar de um curso bastante jovem (2014), apenas o Curso de Pós-Graduação em Agronomia - Produção Vegetal ainda não possui nenhum acordo, contrato ou convênio em parceria com instituições internacionais, porém, negociações e contatos já estão sendo feitos nesse sentido.

A ARI vem atuando diretamente em toda logística que envolve essas ações de maneira formalizada, sendo identificado um grande número de acordos e convênios ainda vigentes e outros que estão em fase de renovação. Porém em muitos casos, essas ações tendem a acontecer de maneira informal por parte de alguns professores e setores, resultando na descontinuidade das negociações que ocasiona o encerramento dos trabalhos. Atualmente a Univasf mantém contatos e acordos formais de cooperação em processo de construção com 11 universidades estrangeiras, e vem negociando a formalização com mais 8 universidades, e nessa perspectiva já mantém acordos vigentes com 3 institutos de pesquisa.

Critério 4 - Desenvolver projetos conjuntos em parceria com instituições estrangeiras:

Todos os cursos de pós-graduação também desenvolvem projetos conjuntos em parceria com instituições estrangeiras de acordo com as suas áreas de conhecimento. Todavia, apenas o Curso de Pós-Graduação em Agronomia - Produção Vegetal ainda não desenvolve projetos conjuntos em parceria com instituições estrangeiras.

Professores permanentes da Embrapa que atuam em alguns cursos de pós-graduação, já desenvolvem projetos com essas instituições através de contatos

e parcerias de trabalhos estabelecidos anteriormente e o Curso de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Semiárido teve o primeiro artigo publicado tendo em vista o fruto dessa parceria internacional. Destarte, é preciso estar atento às especificidades de cada área e aos temas que estão sendo analisados para o desenvolvimento desses projetos de cooperação internacional, já que os cursos de pós-graduação da Univasf têm bastante interesse na realidade local, diferentemente de outras instituições estrangeiras, fazendo com que a parceria em questão dependa bastante da área de conhecimento de cada curso.

Critério 5 - Participar de grupos de pesquisa em parceria com instituições estrangeiras:

Apenas os Cursos de Pós-Graduação em Ciência dos Materiais, Ciência Animal e Medicina Veterinária no Semiárido participam de grupos de pesquisa em parceria com instituições estrangeiras, já que essa participação depende das especificidades de cada área de conhecimento e dos temas que estão sendo analisados.

Percebeu-se que grande parte dos docentes do Curso de Pós-Graduação em Ciência dos Materiais que fizeram pós-doutorado no exterior, ainda mantém colaboração com os centros na qual estiveram inseridos, inclusive através desses grupos de pesquisa, aspecto que se configura por se tratar de uma área voltada às ciências exatas que favorece ainda mais essas parcerias, já que existem outras áreas que possuem dificuldade nesse sentido. Assim, é importante ressaltar que a maioria dos grupos de pesquisa da Univasf trata de aspectos mais relacionados ao semiárido nordestino, o que não coincide com outras questões estudadas em outros grupos de pesquisa no exterior, fato também visualizado em relação ao desenvolvimento de projetos conjunto citados anteriormente.

Critério 6 - Receber recursos financeiros de órgãos de fomento internacionais:

Foi constatado que nenhum curso de pós-graduação da Univasf recebe recursos financeiros de órgãos de fomento internacionais. O que tem ocorrido é a viabilização desses recursos por parte dos órgãos de fomento estaduais como

Facepe e Fapesb e nacionais, principalmente Capes e CNPq, que possuem cotas de financiamento para atividades de cooperação internacional em diversas modalidades.

A ARI destacou que numa articulação feita diretamente pelo Núcleo Gestor do Idioma sem Fronteiras (IsF) com o MEC, o Governo Federal em 2015 anunciou uma ação orçamentária diretamente inserida nas matrizes das Universidades Federais para custeio e investimento em ações de internacionalização. No entanto, ainda não há captação de recursos diretamente da ARI, mas sim a articulação dessa assessoria para fontes de financiamento junto a agências de fomento no Brasil e no exterior.

Espera-se que, com a consolidação e maior visualização das atividades de cooperação internacional que vêm sendo desenvolvidas pelos cursos de pós-graduação da Univasf, os setores responsáveis e docentes dos programas possam angariar esforços para conseguir esses recursos, já que os programas mais consolidados estão inseridos nas universidades nas quais há forte investimento financeiro e gerencial em atividades de internacionalização.

Critério 7 - Participar de comitês organizadores de congressos e corpo editorial de periódicos internacionais:

Foi constatado que a maior parte dos cursos de pós-graduação possui docentes participando de comitês organizadores de congressos e de corpo editorial de periódicos internacionais. Apenas os Cursos de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola e Ciências da Saúde e Biológicas não participam. Essas informações se deram mediante as respostas das entrevistas e posterior confirmação na Plataforma Sucupira da Capes.

Critério 8 - Escrever e publicar artigos em periódicos e revistas no âmbito internacional:

Todos os cursos de pós-graduação da Univasf informaram que seus docentes escrevem e publicam artigos em periódicos e revistas no âmbito internacional, inclusive com alto fator de impacto. Nesse sentido, faz-se necessário o conhecimento em língua inglesa, já que a maioria dessas publicações são

divulgadas nessa língua, considerada a mais utilizada no cenário mundial, principalmente nas atividades acadêmicas.

De acordo com os regimentos dos cursos de pós-graduação, os discentes precisam apresentar proficiência em língua inglesa até o término do curso, através de um exame feito em instituição credenciada para esse fim ou até mesmo pela própria universidade. Para isso, é importante que os docentes e discentes estejam aprimorando ainda mais essa habilidade e que a Univasf dê o suporte institucional necessário para que isso aconteça.

Iniciativas nesse sentido podem ser visualizadas através dos cursos de capacitação em língua inglesa promovidos pela Univasf e fornecidos para toda comunidade acadêmica (docentes, discentes, TAE's) por meio da Secretaria de Gestão e Pessoas (SGP) e da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) que vem promovendo cursos extensionistas de idiomas em diversas línguas estrangeiras com bastante aceitação da comunidade interna e externa.

Critério 9 - Ministrar aulas em língua inglesa:

Apenas o Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas informou que alguns professores ministram aulas em língua inglesa, porém não na sua totalidade devido à ausência de domínio dessa língua por parte dos demais, fator que também pode ser visualizado pelos outros cursos. Porém, como informado anteriormente, a Univasf vem disponibilizando cursos de capacitação em língua inglesa dentro da própria instituição, cabendo a cada um a responsabilidade pela sua própria capacitação profissional, seja na instituição ou fora dela.

Critério 10 - Receber de bolsa de pesquisa, estágios, missões, doutorado pleno, doutorado sanduíche e/ou estágio pós-doutoral de caráter internacional:

A maioria dos cursos informou que já recebeu ou recebe algum tipo de bolsa de caráter internacional, principalmente de pós-doutorado. Apenas o Curso de Pós-Graduação em Ciência Animal e Recursos Naturais do Semiárido não receberam.

A realização dessa capacitação no exterior por parte do corpo docente tem contribuído para a criação de vínculos entre a Univasf e as demais instituições

estrangeiras, na qual muitos desses professores após receberem essas bolsas e retornarem as suas instituições de origem, continuam mantendo contato com os professores da sua área no exterior, facilitando assim a realização de parcerias, convênios, grupos de pesquisa, projetos conjuntos, etc.

5.2 CÍRCULO DA INTERNACIONALIZAÇÃO

Alguns modelos tentam explicar o processo de internacionalização com o objetivo de demonstrar a importância de uma política que exerça força no direcionamento institucional visando alcançar os parâmetros delineados pelos órgãos responsáveis para que a IES sejam consideradas internacionalizadas. Nesse sentido, a versão modificada do modelo de Knight (1994) denominado círculo da internacionalização, serviu de base para algumas análises nesse estudo, pois ofereceu uma visão mais ampla de todo o processo de internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf, levando em consideração a análise do contexto interno e externo da instituição, os cuidados para a implementação de políticas e programas, a integração entre ensino, pesquisa e extensão, dentre outros aspectos. Desse modo, será apresentado a seguir o resultado da pesquisa feita durante a coleta de dados para analisar a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf com base no modelo proposto.

(1) Análise do contexto - analisar contexto externo e interno (documentos das políticas e declarações):

O contexto externo refere-se às demandas da globalização por meio das pressões advindas de organismos internacionais. Quanto ao contexto interno, pode ser considerado as demandas dos órgãos de fomento, principalmente da Capes, através dos seus critérios de internacionalização impostos aos cursos de pós-graduação das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras e ainda alguns setores da própria universidade que tratam da questão internacional, como: Reitoria, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação e principalmente a Assessoria de Relações Internacionais da Univasf que atua mais especificamente nessa área.

Tendo em vista o contexto externo, a globalização tem sido notada de maneira mais presente na área educacional, por conta da influência dos organismos

internacionais, que impõe medidas e reformas para ajustar os países em desenvolvimento. Essa influência é visualizada principalmente na educação superior, dentro das universidades, na qual têm buscado se adequar a essa nova realidade, e para os cursos de pós-graduação da Univasf não seria diferente. Assim, os atores envolvidos nesse processo têm se posicionado de forma positiva em relação a esse contexto, tentando encontrar caminhos para que a produção da ciência não fique subordinada apenas aos países do Norte, mas sim, reforçando o papel da regionalização do conhecimento, tão presente nos cursos de pós-graduação da Univasf.

Com relação ao contexto interno, embora exista um discurso de que a internacionalização é uma prioridade na instituição, não existem políticas efetivas para que esse processo aconteça, e isso pode ser considerado um grande obstáculo nesse processo. Não há um plano estratégico com as razões, motivações e estratégias devidamente articuladas entre a Univasf e seus respectivos cursos de pós-graduação. O que existe são algumas ações isoladas, desenvolvidas por parte do corpo docente, principalmente com base nos critérios de internacionalização da Capes, pois se trata do organismo responsável por avaliar os cursos de pós-graduação das IES brasileiras, exercendo grande pressão para a melhoria na qualidade dos cursos e conseqüentemente nas notas dos programas. Para isso, a Capes disponibiliza alguns editais, programas e bolsas no âmbito internacional para que as instituições não fiquem de fora desse processo.

(2) Consciência - necessidades, propósitos e benefícios da internacionalização para estudantes, professores, funcionários e sociedade:

Os setores envolvidos nesse processo têm consciência dos benefícios advindos da internacionalização na instituição, porém não há uma cultura voltada para essas questões, pois como foi dito anteriormente, não existe política efetiva para que esse processo se desenvolva e algumas ações elencadas nos critérios de internacionalização da Capes também ainda não são desenvolvidas por alguns cursos. As que existem, são iniciativas empreendidas pela própria ARI e de alguns professores que já mantem contato com pesquisadores no exterior, por causa de intercâmbios, qualificação e visitas realizadas por eles, ou através da participação em projetos e grupos de pesquisa em parceria com essas instituições. Dessa forma,

a necessidade de maior envolvimento por parte dos docentes, discentes e servidores é notório, ou seja, da comunidade acadêmica como um todo.

Os resultados da pesquisa de campo demonstram que essa consciência tem bastante relação com as razões e motivações da internacionalização por parte dos cursos de pós-graduação da Univasf, conforme destacado pelos respondentes da dimensão institucional e técnica, tais como: atuação conjunta entre as instituições envolvidas, parcerias entre pesquisadores e seus grupos de pesquisa no exterior, melhoria na qualidade do curso, qualificação do corpo docente, acesso a novas tecnologias, melhoria no conceito dos cursos, formação de recursos humanos e melhoria na qualidade das publicações.

Para a ARI, as razões para a internacionalização que movem as instituições no país tem relação com: resposta às iniciativas de fomento do Governo Federal, anseio pela projeção internacional da instituição, acesso a oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional da comunidade acadêmica e maior contribuição para formação de uma imagem positiva da região do Vale do São Francisco no âmbito nacional e internacional.

No entanto, existem diferenças em relação as razões e motivações para a internacionalização quando se analisa as ações dos cursos de graduação e dos cursos de pós-graduação, e até mesmo dentro dos próprios cursos de pós-graduação devido às diferentes áreas de conhecimento. Para isso, é importante conhecer as especificidades de cada curso, pois diferentes propósitos podem levar a resultados divergentes. É necessário também que as instituições e os atores envolvidos tenham com clareza quanto as razões e os benefícios da internacionalização na construção de uma política que atenda aos objetivos institucionais previamente estabelecidos por toda comunidade acadêmica, contribuindo para o amadurecimento científico da instituição como um todo.

Sendo assim, vários também podem ser os benefícios advindos desse processo, nos quais foram identificados pelos respondentes: maior visibilidade aos programas, melhoria na qualidade do curso e conseqüentemente na nota atribuída pela Capes, maior acesso a grupos internacionais, aprimoramento da língua inglesa e das técnicas de análise de dados, maior captação de recursos e intercâmbio de docentes e discentes, além de outros ganhos. Outro benefício estaria relacionado a melhor avaliação da instituição junto a órgãos competentes no Brasil e no exterior, decorrente dos vínculos de cooperação estabelecidos, do incremento da produção

acadêmica internacional de pesquisadores e estudantes, e da natural atualização dos conteúdos programáticos curriculares.

Nessa perspectiva, foi constatado ainda que mesmo diante dos benefícios mencionados acima, podem existir riscos inerentes ao processo de internacionalização, porém, conforme mencionado pela maioria dos respondentes, esses riscos são quase inexistentes, já que os seus benefícios superam as ameaças dele decorrentes. Assim, é importante ainda não deixar de lado os aspectos regionais tão presentes nos cursos de pós-graduação da Univasf, em detrimento de estudos que tratem mais especificamente de temas voltados para os interesses internacionais, o que acarretaria em um grande risco nesse processo.

(3) Comprometimento - da administração, governos, professores, funcionários e estudantes:

Mesmo com a ausência de uma política de internacionalização na Univasf, os atores envolvidos demonstraram comprometimento em dar encaminhamento as ações e programas que vêm sendo desenvolvidos voltados à esfera internacional.

A Assessoria de Relações Internacionais vem atuando como setor responsável por administrar todas as ações de caráter internacional, desenvolvidas tanto pelos cursos de pós-graduação quanto de graduação. Seu objetivo é propor e fomentar as políticas de internacionalização da Univasf, facilitando seu processo de execução através de suporte técnico, acadêmico e administrativo às atividades de cooperação internacional. Os cursos de pós-graduação da Univasf também têm se mostrado comprometidos com esse processo no sentido de melhorar seus conceitos junto a Capes, e com isso criar um curso de doutorado na instituição em suas respectivas áreas de conhecimento, já que até o presente momento não há nenhum doutorado na Univasf. Para isso, vêm realizando diversas ações a fim de se adequarem a essa nova realidade, de acordo com os critérios de internacionalização estabelecidos pela Capes por meio da sua avaliação.

(4) Planejamento - identificar necessidades e recursos, propósitos e objetivos, prioridades e estratégias:

Assessoria de Relações Internacionais da Univasf realiza o planejamento de algumas ações a serem realizadas durante o ano para toda comunidade acadêmica em relação às atividades de caráter internacional. Porém, notou-se a ausência de um planejamento mais articulado para os cursos de pós-graduação, já que cada um deles apresenta as suas razões e motivações para estarem inseridos no processo de internacionalização, e isso tem estreita relação com a área de conhecimento específica dos mesmos.

Em relação aos recursos, identificou-se que a maioria dos cursos não recebe nenhum apoio financeiro de instituições ou empresas internacionais, mas sim de órgãos de fomento nacionais e estaduais que vêm atuando na criação de programas de bolsas, editais, projetos e outras questões de âmbito internacional. Porém, mesmo diante da falta mais de recursos específicos para esse fim, algumas estratégias mais pontuais vêm sendo adotadas no sentido de superar essas dificuldades para que o aspecto internacional venha a fazer parte cotidianamente das ações desenvolvidas pelos docentes e discentes dos cursos, a saber: seleção de discentes estrangeiros, estímulo para que os professores realizem estágio pós-doutoral no exterior, publicação de artigos e periódicos em inglês, incentivo à participação em eventos científicos internacionais, dentre outros.

No entanto, algumas condições desfavoráveis dentro das estratégias relacionadas acima residem na ausência de um planejamento prévio de todo o processo de internacionalização na Univasf de maneira formalizada e institucionalizada e respondendo as necessidades de cada curso em relação às suas particularidades. A falta dessas estratégias pode acarretar em um grande obstáculo no processo de internacionalização.

O programa Vale sem Fronteiras criado pela ARI traz as ações de internacionalização para a Univasf no período de 2016 a 2019, incluindo workshops anuais para tratar desse tema. Essas ações podem ser consideradas estratégias importantes para as atividades institucionais de caráter internacional.

(5) Operacionalização - atividades acadêmicas e serviços, fatores organizacionais e princípios-guia:

A Capes tem um papel muito importante na operacionalização desse processo já que financia projetos e viabiliza a promoção de bolsas e programas de

caráter internacional, bem como a sua avaliação por meio dos seus indicadores que estabelecem os critérios de internacionalização para os cursos de pós-graduação das universidades brasileiras, exigindo um grau de inserção internacional que pode influenciar na atribuição das notas aferidas aos programas.

Na Univasf, a operacionalização das ações de internacionalização dos cursos de pós-graduação encontra-se mais voltada na atuação do corpo docente dos próprios cursos e por meio da Assessoria de Relações Internacionais da Univasf (ARI). No entanto, nesse último, não há um quantitativo de servidores suficiente para atender a todas as demandas recebidas no âmbito internacional, por isso, faz-se necessário a criação de um escritório dentro da ARI para operacionalizar melhor essas demandas de natureza internacional para a definição de estratégias para o Vale do São Francisco, no âmbito acadêmico, comercial e governamental.

Os docentes e servidores da Univasf que atuam na operacionalização dessas ações de maneira direta ou indireta, precisam estar qualificados para tratar de questões internacionais que necessitem principalmente da utilização da língua inglesa nas articulações de acordos, convênios, visitas, dentre outros.

Diante dessa realidade, alguns obstáculos como: a falta de recursos financeiros, a falta de recursos humanos, resistência no processo por parte de alguns professores, a ausência do domínio da língua inglesa e maior apoio governamental, podem dificultar toda a operacionalização dessas atividades impedindo que o pleno andamento do processo de internacionalização dos cursos de pós-graduação não aconteça de maneira eficaz. Outro obstáculo identificado é o ceticismo da comunidade acadêmica com a necessidade de ações programáticas de internacionalização universitária. Sendo assim, a ausência de uma política de internacionalização devidamente formalizada e institucionalizada é considerada o maior obstáculo nesse processo, já que definiria mais claramente as ações, direcionaria melhor os recursos financeiros e contribuiria para uma melhor operacionalização desse processo nas diversas áreas do conhecimento.

(6) Implementação - implementação de programas e estratégias organizacionais:

Não foram identificadas políticas e programas de internacionalização formalmente institucionalizados na Univasf durante o processo de coleta de dados. A

ausência dessa dimensão internacional faz com que a elaboração e implementação dessas políticas e programas não tenham o direcionamento e apoio necessário.

Dessa maneira, a criação da própria ARI pode ser considerada uma estratégia organizacional de internacionalização por parte da alta administração da Univasf na qual concentra grande maioria das atividades desenvolvidas na instituição em relação aos aspectos internacionais. Porém, mais programas e estratégias organizacionais devem ser estimulados para a devida efetivação desse processo.

(7) Revisão - avaliar e melhorar a qualidade e impacto das iniciativas e progresso da estratégia:

Não foi encontrada nenhuma iniciativa que correspondesse a avaliação das ações realizadas de caráter internacional por parte da Univasf e dos seus respectivos cursos de pós-graduação, levando em conta que ainda não existem políticas de internacionalização devidamente institucionalizadas. Ainda por serem bastante escassas e pontuais, essas ações de internacionalização desenvolvidas pelos cursos de pós-graduação também não são suficientemente fortes para caracterizar indicadores.

Porém, com o andamento do programa Vale sem Fronteiras, pode-se considerar a criação de potenciais indicadores, como: número de membros da comunidade acadêmica diagnosticados em seu nível de proficiência em inglês; número de candidatos inscritos em programas de mobilidade estudantil internacional (graduandos e pós-graduandos); número de servidores afastados para mobilidade acadêmica internacional (participações em congressos e reuniões de trabalho); número de convênios e acordos de cooperação internacionais da Univasf; número de mini *workshops* realizados via teleconferências; número de artigos publicados em parcerias com instituições estrangeiras; e número de inscritos nos *workshops* anuais de internacionalização da Univasf. Nesse sentido, a ARI está empreendendo esforços a fim de analisar os resultados do que vêm sendo desenvolvido até o presente momento, para posterior publicação de material informativo com a criação desses indicadores, de acordo com a execução das ações em curso.

(8) Reforço - desenvolver iniciativas, reconhecimento e recompensas para professores, funcionários e participação de estudantes:

Não há iniciativas para promover o reconhecimento ou recompensas para os atores envolvidos no processo de internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf. O que existe é uma parceria em utilizar as experiências vivenciadas pelos professores e estudantes egressos de intercâmbios internacionais para contribuir no desenvolvimento de ações que necessitem do apoio e do conhecimento dos mesmos, por meio do programa Vale sem Fronteiras da ARI.

(9) Efeito de integração - impactos no ensino, pesquisa e serviços:

A internacionalização pode trazer impactos no ensino, pesquisa e serviços, porém, esse efeito de integração na Univasf ainda é bastante incipiente tendo em vista que esse é um processo complexo e de longo prazo. Em relação aos cursos de pós-graduação da Univasf, a internacionalização poderá propiciar uma melhoria na qualidade dos cursos e conseqüentemente no conceito dos mesmos. Dessa maneira, essa integração tem sido um desafio, pois requer uma participação mais ativa dos setores responsáveis, um maior entendimento desse ambiente internacional, uma melhor comunicação e cooperação entre os atores envolvidos e uma compreensão mais aprofundada das diferenças multiculturais entre os povos para que o saber internacional esteja presente nas funções primordiais da universidade de maneira plena.

Diante do que foi exposto, a análise revela que internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf apresenta inúmeras fragilidades em todas as etapas do processo. Esse resultado sugere que o tema internacionalização para muitas instituições é encarado como um fim em si mesmo, ou seja, não há uma política formalmente institucionalizada de acordo com a missão e objetivos da instituição. Esse entendimento restrito impulsiona apenas a execução de ações desenvolvidas de maneira isolada por parte de professores e setores que atuam como principais catalisadores desse processo na Univasf.

6. CONCLUSÃO

Este capítulo pretende sintetizar os resultados alcançados a partir da pesquisa de campo apresentada no capítulo anterior, em razão do debate teórico sobre o processo de internacionalização da educação superior. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo central: analisar como ocorre a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf. Nesse sentido, foi feita uma pesquisa qualitativa mediante estudo de caso, abordando a seguinte questão de partida: como ocorre a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf? Para essa resposta, constatou que a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf ocorre na sua grande maioria em concordância com os pressupostos sugeridos para essa pesquisa.

Concluiu-se que a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf ocorre na sua grande maioria em concordância com os seguintes pressupostos: i) As políticas de internacionalização são informais, e não com base em um planejamento estratégico por parte da instituição; ii) O processo de internacionalização ocorre principalmente a partir de ações individuais por parte do corpo docente e iii) As demandas de internacionalização são influenciadas principalmente pelas políticas nacionais de pós-graduação.

Mesmo com a descrição de diversas ações desenvolvidas pelos cursos de pós-graduação da Univasf durante toda a pesquisa, a internacionalização nessa instituição pode ser considerada ainda bastante incipiente, já que não existe uma política formalmente institucionalizada e um melhor planejamento estratégico por parte da instituição que trate mais especificamente desse tema e precisa ser caracterizado por ações contínuas, baseadas em estratégias definidas tanto pelos programas de pós-graduação quanto pela instituição como um todo. Alguns cursos apresentaram mais ações de internacionalização do que outros, devido a sua área de conhecimento mais voltada para questões de caráter internacional e devido ao tempo de criação dos mesmos.

A construção de um planejamento estratégico precisa estar alinhada à missão, propósito, valores e objetivos institucionais para que os cursos de pós-graduação da Univasf possam se adequar a essa nova realidade. Faz-se necessário construir uma política que contribua para o amadurecimento científico da instituição, a fim de se conseguir um padrão de universidade com prestígio acadêmico

internacional. No entanto, nenhuma proposta para uma política de internacionalização que atenda aos objetivos institucionais previamente estabelecidos por toda comunidade acadêmica terá chance de prosperar sem a efetiva participação de todos os envolvidos diretamente nesse processo.

A operacionalização dessas ações encontra-se mais voltada na atuação do corpo docente dos próprios cursos de pós-graduação de maneira individualizada e por meio da Assessoria de Relações Internacionais (ARI). Todavia, a promoção, consolidação e expansão dessas ações poderão intermediar um maior número de parcerias que ajudem no crescimento dos cursos e no desenvolvimento de estratégias mais direcionadas a essa temática. A ARI tem um papel fundamental nesse processo, pois vem atuando na maioria das ações de caráter internacional na Univasf, principalmente no que tange à formalização de convênios e acordos de cooperação técnica com universidades estrangeiras em diversos países, visando uniformizar procedimentos e documentação para proceder às avaliações e aprimoramentos necessários. Com a criação dessa assessoria, tornou-se possível ainda proporcionar a elaboração de editais para participação de acadêmicos em ações e instituições internacionais conveniadas e a participação da Univasf em consórcios e acordos com o intuito de firmar parcerias com diversas instituições internacionais.

Em relação à Univasf, constatou-se que as ações de internacionalização vêm ocorrendo mais frequentemente em resposta às demandas dos órgãos de fomento estaduais, como Facepe e Fapesb, mas principalmente pelos órgãos de fomento nacionais, como Capes e CNPq. Essas agências vêm desempenhando um papel fundamental dentro das instituições, através da formação de recursos humanos e intercâmbio de conhecimentos e informações técnicas entre pesquisadores e grupos de pesquisa no âmbito internacional. No entanto, a Capes possui um papel de destaque nesse processo de inserção internacional, de maneira que os respondentes também apontaram essa instituição como um catalisador relevante para o processo de internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf, já que se trata do órgão responsável pela avaliação dos mesmos, por meio dos seus critérios, atribuindo-lhes nota para melhor conceituá-los.

Este cenário serviu de pano de fundo para identificar que, antes de qualquer coisa, é importante saber quais sejam as razões, motivações, estratégias e benefícios institucionais para a internacionalização, bem como, estar ciente dos

riscos e obstáculos advindos desse processo. Desse modo, é necessário que as instituições e os atores envolvidos tenham clareza desses aspectos para a construção de uma política que atenda aos objetivos institucionais previamente estabelecidos por toda comunidade acadêmica, contribuindo para o amadurecimento científico da instituição como um todo. Entretanto, é preciso se atentar para as diferenças que podem existir em relação às razões e motivações para a internacionalização quando se analisa as ações dos cursos de graduação e dos cursos de pós-graduação, e até mesmo dentro dos próprios cursos de pós-graduação devido às especificidades das suas áreas de conhecimento, fato que foi constatado durante a pesquisa.

Os resultados concluíram ainda que essa ausência de uma política de internacionalização devidamente formalizada e institucionalizada foi considerada o maior obstáculo nesse processo, já que definiria mais claramente as ações, direcionaria melhor os recursos financeiros e contribuiria para uma melhor operacionalização e para o desenvolvimento de diferentes estratégias de caráter internacional. Os desafios e fragilidades encontrados nesse processo tem relação direta com a motivação de todos os atores envolvidos, sendo necessária a implantação de uma cultura institucional entre os servidores como um todo, no que tange ao processo de internacionalização. Para isso, essa internacionalização deve ser caracterizada por ações contínuas que dependem do estabelecimento de objetivos institucionais, e conseqüentemente da tomada de decisões administrativas, financeiras e acadêmicas entre os diversos setores da instituição mais diretamente envolvidos nesse processo. Em relação à análise dos critérios de internacionalização da Capes e ao modelo de Knight (1994) círculo da internacionalização, concluiu-se também que os aspectos levantados apontaram inúmeras fragilidades no processo de internacionalização relacionadas às questões organizacionais dessa instituição.

Diante desse contexto, as informações adquiridas sinalizam que a internacionalização da educação superior constitui um dever para as universidades brasileiras, principalmente no que tange aos cursos de pós-graduação. Desse modo, faz-se necessário que as universidades ofereçam experiências internacionais visando à melhoria dos cursos e alinhando sempre os objetivos regionais e nacionais aos objetivos internacionais. Para isso, as instituições devem estar cientes da sua função e preparadas para encarar os novos desafios que o processo de

internacionalização traz consigo. Internacionalizar requer planejamento e investimento para que seja criada uma estrutura de apoio às atividades relacionadas às questões internacionais, a fim de possibilitar as instituições se tornarem visíveis e respeitadas para competirem no mercado educacional internacional. Para isso, é necessário haver maior vontade política, por meio de objetivos claramente definidos e estratégias para a realização de ações com efetiva cooperação internacional. Sem isso, pode se constatar a inexistência de um processo de internacionalização.

Ao finalizar este trabalho, espera-se o florescimento de novos estudos sobre a questão da internacionalização da educação superior brasileira, em especial no sentido da realização de um mergulho mais profundo sobre as barreiras existentes para a cooperação internacional, bem como no exame detalhado das eventuais fragilidades dos processos de internacionalização. Por fim, mesmo diante das informações apresentadas, é importante destacar que essa pesquisa não contemplou todas as variáveis que podem ser encontradas para o processo de internacionalização, de maneira que pesquisas futuras possam ser realizadas nesse sentido. A ausência de publicações que abordam com clareza os caminhos para o processo de internacionalização das Instituições de Ensino Superior, deve ser um fator de estímulo para posteriores pesquisas no sentido de dar um maior direcionamento para a atuação de toda comunidade acadêmica nas universidades brasileiras.

Nesse contexto, espera-se que os resultados dessa pesquisa possa auxiliar para a redução do hiato na literatura sobre internacionalização da educação superior, principalmente em relação às universidades situadas em países em desenvolvimento, como o Brasil. Com isso, sugere-se uma pesquisa mais aprofundada sobre esse tema, visando à ampliação do conhecimento sobre a internacionalização da educação superior para estudos futuros que tratem mais efetivamente desse assunto. Um debate maior sobre o tema da internacionalização da educação superior poderá fornecer ainda elementos para identificação desse processo nas IES, bem como os métodos que poderão ser utilizados pelos cursos de pós-graduação de qualquer instituição.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Andréa. **Estratégias educativas de internacionalização**: uma revisão da literatura sociológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.35, n.1, p. 067-079, jan./abr. 2009.

ASSESSORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS. **Metodologia de sistematização dos esforços para realização de convênios e acordos internacionais - 2016 a 2019**. UNIVASF, 2015. Disponível em: <www.univasf.edu.br> Acesso em: 12 jan., 2016.

BALBACHEVSKY, Elizabeth. **A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida**. 2014. Disponível em: <portais.ufg.br/up/67/o/Pos-Graduacao_Brasil_2.pdf> Acesso em: 20 jan. 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BITTAR, Mariluce; OLIVEIRA, João Ferreira de; MOROSINI, Marília (Org.). **Educação Superior no Brasil - 10 Anos Pós-LDB**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. 348 p.: il. – (Coleção Inep 70 anos, v. 2).

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ministério da Educação. **Ciência sem Fronteiras**. Brasília, DF: CAPES, 2015. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/home>> Acesso em: 20 dez., 2015.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ministério da Educação. **Documento de Área 2013: Materiais**. Brasília: Capes, 2014a. 44 p.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ministério da Educação. **Documento de Área 2013: Zootecnia/Recursos Pesqueiros**. Brasília: Capes, 2014b. 34 p.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ministério da Educação. **Documento de Área 2013: Ciências Agrárias I**. Brasília: Capes, 2014c. 32 p.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ministério da Educação. **Documento de Área 2013: Farmácia**. Brasília: Capes, 2014d. 47 p.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ministério da Educação. **Documento de Área 2013: Interdisciplinar**. Brasília: Capes, 2014e. 85 p.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ministério da Educação. **Documento de Área 2013: Medicina Veterinária**. Brasília: Capes, 2014f. 31 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Avaliação da pós-graduação**. Brasília, DF: CAPES, 2015. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao>> Acesso em: 12 jan., 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-Graduação - PNPG 2011-2020**. Coordenação de Pessoal de Nível Superior. - Brasília, DF: CAPES, 2010. Disponível em: <<https://capes.gov.br/images/stories/download/Livros-PNPG-Volu>> Acesso em: 20 jan., 2016.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **Cooperação Internacional**. Brasília, DF: CNPq, 2015. Disponível em: <<http://cnpq.br/apresentacao-cooperacao-internacional>> Acesso em: 20 dez., 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Cooperação Internacional**. Brasília, DF: CAPES, 2015. Disponível em: <www.capes.gov.br/cooperacao-internacional> Acesso em: 20 dez., 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Definição dos Cursos de Pós-Graduação Parecer nº 977**. 1965. Disponível em: <www.capes.gov.br/.../avaliacao/avaliacao-n/Parecer-977-1965.pdf> Acesso em: 24 jan., 2016.

CAPES. **Avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação**. 2014. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao>> Acesso em: 10 mar. 2015.

CHRISTINO, Adriana Maria. **Internacionalização do ensino superior**: estudo de caso em cursos de Administração de instituições públicas de ensino superior. 2013. 243 f. Dissertação (Mestrado em Administração) Curso de Internacionalização do Ensino Superior, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

DE WIT, H. The Dynamics of International Student Circulation in a Global Context. **Global Perspectives on Higher Education**, v.11, 2008.

DUARTE, Roberto Gonzalez; LIMA JÚNIOR, Antônio Ferreira de; BATISTA, Raquel Viana Lessa. **O processo de internacionalização das instituições de ensino superior**: o caso das Pontifícias Universidades Católicas de Minas Gerais e do Paraná. E&G Economia e Gestão, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 1-178, 1. sem. 2007.

GOERGEN, Pedro. A internacionalização dos programas de pós-graduação. **Revista Espaço Pedagógico**, v.19, n. 2, Passo Fundo, p. 247-257, jul/dez, 2012.

HAWAWINI, G. **The internationalization of higher education institutions**: a critical review and a radical proposal. Singapore: ISEAD, 2011.

JORNAL DA UNICAMP. **Salto nos últimos dois anos consolida internacionalização da Unicamp**: Indicadores revelam que projeto vem, de maneira contínua e consistente, experimentando avanços. Campinas. ANO 2012 – Edição Nº

550. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/ju/550/salto-nos-ultimos-dois-anos-consolida-internacionalizacao-da-unicamp>> Acesso em: 10 mai. 2015.

KNIGHT, J. **Internationalization: Elements and checkpoints**. Ottawa, Canada: Canadian Bureau for International Education, 1994 _____. Internationalization of higher education:

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches and rationales. **Journal of Studies in International Education**, Toronto, p. 5-31, 2004.

KNIGHT, J.; DE WIT, H. **Internationalization of Higher Education in Latin America: The International Dimension**. Washington: World Bank, 2005.

KNIGHT, Jane. **Cinco verdades a respeito da internacionalização**. 2012. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/cinco-verdades-a-respeito-da-internacionalizacao>> Acesso em: 01 mar. 2016.

KRAWCZYK, Nora Rut. **As políticas de internacionalização das universidades no Brasil: o caso da regionalização no Mercosul**. *Jornal de Políticas Públicas Educacionais*. nº 4. Julho-Dezembro, 2008. p. 41-52.

LAUS, Sonia Pereira. **A internacionalização da educação superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2012. 331f. Tese (Doutorado em Administração) Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MARRARA, Thiago. **Internacionalização da pós-graduação: objetivos, formas e avaliação**. *RBPJ, Brasília*, v. 4, n. 8, p. 245-262, dezembro, 2007.

MARIANI, Alessandro Wasum; PÊGO-FERNANDES, Paulo Manuel; SAMANO, Marcos Naoyuki. Internacionalização das Universidades: a necessidade de navegar em águas estrangeiras. **Periódico São Paulo Medical Journal**. Vol 131, edição nº 1, de janeiro e fevereiro, 2013.

MÉA, Liliâne GontanTimm Della; SCHUCH JUNIOR, Vitor Francisco; GOMES, Clandia Maffini. A autoavaliação da demanda por internacionalização dos programas de pós-graduação: um estudo de caso da universidade Federal de Santa Maria. 2011. **Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul. II Congresso Internacional IGLU, 11**. Florianópolis, 2011.

MIURA, I. K. **O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo em três áreas de conhecimento**. 2006. 381 p. Tese (Livre Docência) Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

MOROSINI, Marília Costa. **Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior - Conceitos e práticas**. *Educar*, Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006. Editora UFPR.

MUELLER, Cristina Verônica. **O processo de internacionalização do ensino superior**: um estudo de caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013. 178 f. Dissertação (Mestrado em Administração) Curso de Pós-Graduação em Relações Internacionais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/78147/000895950.pdf?sequence=1>> Acesso em: 10 mai. 2015.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL PDI 2009 - 2014. **Princípios Filosóficos e Técnico-Methodológicos**. Universidade Federal do Vale do São Francisco. Pró-Reitoria de Planejamento e Administração. 2009. Disponível em: <http://www.pdi.univasf.edu.br/images/documentospdf/PDIUNIVASF2009_14.pdf> Acesso em: 24 jan., 2016.

PLATAFORMA SUCUPIRA. **Avaliação trienal 2013 da Capes**. 2015. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/login.jsf>> Acesso em: 24 jan., 2016.

ROSA, Leonardo Osvaldo Barchini. **Cooperação acadêmica internacional**: um estudo da atuação da Capes. 2008. 140 f. Dissertação. Instituto de Ciências, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

RUF. **Ranking Universitário**. Folha de São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://ruf.folha.uol.com.br/2015/>> Acesso em: 4 mar., 2016.

SANTOS, Cássio Miranda dos. **Os primeiros passos da pós-graduação no Brasil**: a questão da dependência. Ensaio: anla. Pol. Públ. Edu., Rio de Janeiro, v. 10, n. 37, p. 479-492, out./dez. 2002.

SANTOS, Margarete dos. **O processo de internacionalização no ensino técnico de nível médio**: O estudo de caso do Centro Paula Souza e SENAI-SP. 2015. 145 f. Dissertação. Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

STALLIVIERI, Luciane. **O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior**. 2014. Disponível em: <glu.paginas.ufsc.br/files/2014/08/SLIDES-LUCIANE.pdf> Acesso em: 12 fev. 2015.

SOUTO, Álvaro José de; REINERT, José Nilson. **Cooperação Internacional Interuniversitária**: O caso da UFSC. IV Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul. Florianópolis, dezembro, 2004.

THERBORN. G. **Globalização e desigualdades: questões de conceituação e esclarecimento**. Sociologias. Porto Alegre, v. 3, n. 6, p. 122-169, jul/dez., 2001.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Visão Institucional**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/a-unicamp>> Acesso em: 4 mar., 2016.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Internacionalização**. 2015. Disponível em: <<http://www.prpg.usp.br/index.php/pt-br/internacionalizacao/internacionalizacao>> Acesso em: 4 mar., 2016.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Internacionalização**. 2015. Disponível em: <<http://www.usp.br/internationaloffice/index.php/institucional/acoes-de-fomento-a-internacionalizacao/>> Acesso em: 4 mar., 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Internacionalização**. Disponível em: <<https://www2.ufmg.br/acessoainformacao/Institucional>> Acesso em: 4 mar., 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Internacionalização**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/dri/diretoria/comite-de-internacionalizacao/>> Acesso em: 4 mar., 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Internacionalização**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/dri/tag/seminario-de-internacionalizacao/>> Acesso em: 4 mar., 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Convênios internacionais**. Disponível em: <<https://www.ufrj.br/setor-de-conv-nios-e-rela-es-internacionais-scri>> Acesso em: 4 mar., 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Acordos de cooperação**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/relinter/portugues/menugeral/acordos-de-cooperacao>> Acesso em: 4 mar., 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Apresentação**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/apresentacao>> Acesso em: 4 mar., 2016.

VELHO, L. “Políticas governamentais e motivações para aproximar pesquisa acadêmica e setor produtivo.” In: VELLOSO, J.(org.). **O ensino superior e o Mercosul**. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

APÊNDICE A - Protocolo de Estudo de Caso

1 - Projeto de pesquisa

Internacionalização da educação superior: estudo de caso dos cursos de pós-graduação da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

2 - Objetivos do Estudo

a) Objetivo Geral

Analisar como ocorre a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf.

b) Objetivos Específicos

a) Identificar as razões, motivações, estratégias e benefícios da internacionalização;

b) Apresentar os riscos e obstáculos da internacionalização;

c) Descrever as ações de internacionalização que estão sendo executadas pelos cursos de pós-graduação da Univasf;

d) Analisar o processo de internacionalização com base nos critérios de internacionalização da Capes e no modelo de Knight (1994).

3 - Procedimentos Metodológicos

Pesquisa qualitativa de natureza exploratória descritiva com o emprego do método do estudo de caso.

4 - Organização Estudada

Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf.

5 - Unidades de Análise

Internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf.

6 - Técnicas de Pesquisa

Emprego do método do estudo de caso por meio dos princípios:

Princípio de múltiplas fontes de evidências - através da análise documental, observação direta e entrevistas semiestruturadas; Princípio da criação de uma base de dados do estudo de caso - através do registro para posterior disponibilização de todas as evidências referente ao estudo de caso em questão; e Princípio da manutenção de uma cadeia de evidências - no sentido de melhorar a fidedignidade desse estudo para aqueles que futuramente irão observar as evidências obtidas e relacioná-las com as conclusões.

7 - Instrumentos de Coleta de Dados

Análise de documentos internos e externos; análise documental, observação direta e entrevistas semiestruturadas com base nos pressupostos teóricos, nos critérios de internacionalização da Capes e no modelo de Knight (1994).

8 - Procedimentos de Campo

Recolhimento dos documentos e dados necessários à pesquisa; o agendamento prévio das entrevistas e transcrição das informações coletadas; e observação direta do ambiente na qual os respondentes estão envolvidos.

9 - Questões para levantamento de documentos, observação direta, roteiro de entrevistas

Caracterização da universidade pesquisada por meio da dimensão institucional (Reitor, Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, e Assessor de Relações Internacionais) e dimensão técnica (coordenadores dos cursos de pós-graduação da Univasf), no sentido de analisar como ocorre a internacionalização dos cursos de pós-graduação dessa instituição.

Aplicação do referencial teórico sobre o processo de internacionalização da educação superior confrontando com os critérios de internacionalização estabelecidos pela Capes e o modelo de Knight (1994).

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com o Reitor da Univasf

Nome: _____

Data: _____ Período de gestão: _____

- 1) Como o Senhor avalia o processo de internacionalização da educação superior?
- 2) Existe alguma política de internacionalização institucionalmente formalizada na Univasf? Caso positivo, como ocorreu o processo de implementação dessa política e quando ela foi definida?
- 3) Quais os setores/atores envolvidos?
- 4) Essa política representa uma prioridade para a Univasf? Por que?
- 5) Quais são as principais ações de internacionalização que são desenvolvidas para contribuir no processo de internacionalização da Univasf?
- 6) Quais cursos/programas promovem mais ações de internacionalização na Univasf? graduação ou pós-graduação?
- 7) O Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI da Univasf contempla a questão da internacionalização?
- 8) Existe alguma comissão/comitê/assessoria para tratar dos assuntos de internacionalização na Univasf?
- 9) A Univasf dispõe de qualificação de recursos humanos para atuar nas secretarias, colegiados e departamentos no âmbito das questões de internacionalização?
- 10) A Univasf oferece cursos de pós-graduação e material didático em língua estrangeira?
- 11) As ações de internacionalização ocorrem no âmbito de acordos, convênios, contratos ou parcerias com instituições estrangeiras?
- 12) Existem indicadores para avaliar as ações de internacionalização que são desenvolvidas na Univasf?
- 13) Quais são as principais razões que têm levado a Univasf a se internacionalizar?
- 14) Quais estratégias estão sendo utilizadas para aprimorar processo de internacionalização da Univasf?

- 15) Em sua opinião, quais os benefícios desse processo de internacionalização para a Univasf?
- 16) Existem riscos decorrentes desse processo de internacionalização?
- 17) Existe algum obstáculo ao processo de internacionalização da Univasf?
- 18) O Senhor (a) gostaria de acrescentar algo que não foi mencionado nas perguntas sobre o tema em questão?

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista com o Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Univasf

Nome: _____

Data: _____ Período de gestão: _____

- 1) Qual o papel dessa pró-reitoria no processo de internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf?
- 2) Como essa pró-reitoria auxilia os cursos de pós-graduação em relação às ações de internacionalização?
- 3) Como essa pró-reitoria avalia o papel dos órgãos de fomento no processo internacionalização?
- 4) Essa pró-reitoria faz algum acompanhamento dos cursos de pós-graduação em pesquisas, publicações de artigos e revistas, cooperações e intercâmbios no âmbito internacional?
- 5) O Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI da Univasf contempla a questão da internacionalização?
- 6) Em sua opinião, quais são os principais catalisadores do processo de internacionalização da Univasf: docentes, discentes ou a própria administração?
- 7) A Univasf capta recursos de instituições, empresas ou órgãos de fomento internacionais?
- 8) Há alguma resistência ao processo de internacionalização por parte da administração, coordenação dos cursos de pós-graduação, docentes ou discentes?
- 9) As ações de internacionalização ocorrem no âmbito de acordos, convênios, contratos ou parcerias com instituições estrangeiras?
- 10) Existem indicadores para avaliar as ações de internacionalização que são desenvolvidas na Univasf?
- 11) Quais são as principais razões que têm levado a Univasf a se internacionalizar?
- 12) Quais estratégias estão sendo utilizadas para aprimorar processo de internacionalização da Univasf?

- 13) Em sua opinião, quais os benefícios desse processo de internacionalização para a Univasf?
- 14) Existem riscos decorrentes desse processo de internacionalização?
- 15) Existe algum obstáculo ao processo de internacionalização da Univasf?
- 16) Quais as metas dessa pró-reitoria para trabalhar a questão da internacionalização dos cursos de pós-graduação nos próximos anos?
- 17) O Senhor (a) gostaria de acrescentar algo que não foi mencionado nas perguntas sobre o tema em questão?

APÊNDICE D - Roteiro de entrevista com o Assessor de Relações Internacionais da Univasf

Nome: _____

Data: _____ Período de gestão: _____

- 1) Como surgiu a Assessoria de Relações Internacionais na Univasf e com que objetivo?
- 2) Essa assessoria possui recursos humanos capacitados em língua estrangeira para tratar das questões de internacionalização?
- 3) Quais são as principais ações de internacionalização promovidas por essa assessoria?
- 4) Essa assessoria possui orçamento próprio para tratar das questões de internacionalização?
- 5) Essa assessoria capta recursos de instituições, empresas ou órgãos de fomento internacionais?
- 6) Quais cursos/programas promovem mais ações de internacionalização na Univasf? graduação ou pós-graduação?
- 7) Como o Senhor avalia o papel dos órgãos de fomento no processo de internacionalização?
- 8) Quais são os principais catalisadores do processo de internacionalização dessa instituição: docentes, discentes ou a própria administração da Univasf?
- 9) Qual o número de convênios e acordos de cooperação com universidades estrangeiras?
- 10) Como se dá a questão da mobilidade de docentes e discentes no âmbito internacional?
- 11) Existem indicadores para avaliar as ações de internacionalização que são desenvolvidas na Univasf?
- 12) Quais são as principais razões que têm levado a Univasf a se internacionalizar?
- 13) Quais estratégias estão sendo utilizadas para aprimorar processo de internacionalização da Univasf?
- 14) Em sua opinião, quais os benefícios desse processo de internacionalização para a Univasf?

- 15) Existem riscos decorrentes desse processo de internacionalização?
- 16) Existe algum obstáculo ao processo de internacionalização da Univasf?
- 17) Quais as metas dessa pró-reitoria para trabalhar a questão da internacionalização dos cursos de pós-graduação nos próximos anos?
- 18) O Senhor (a) gostaria de acrescentar algo que não foi mencionado nas perguntas sobre o tema em questão?

APÊNDICE E - Roteiro de entrevista com os Coordenadores dos Cursos de Pós-Graduação da Univasf

Nome: _____

Data: _____ Período de gestão: _____

Curso de Pós-Graduação: _____

Conceito do curso na Capes: _____ Início do curso: _____

- 1) Qual a importância da internacionalização para esse curso de pós-graduação?
- 2) Esse curso possui políticas próprias de internacionalização?
- 3) Quais ações de internacionalização têm sido desenvolvidas nesse curso para se adequarem aos critérios de internacionalização da Capes?
- 4) Esse curso recebe docentes e discentes de instituições internacionais?
- 5) Esse curso envia docentes e discentes para instituições no exterior?
- 6) Esse curso possui acordos, contratos e convênios em parceria com instituições estrangeiras?
- 7) Quais são os principais catalisadores do processo de internacionalização desse curso: docentes, discentes ou a própria administração da Univasf?
- 8) Os docentes e discentes desse curso desenvolvem projetos conjuntos em parceria com instituições estrangeiras?
- 9) Os docentes e discentes desse curso participam de grupos de pesquisa em parceria com instituições estrangeiras?
- 10) Esse curso recebe recursos de instituições ou empresas internacionais?
- 11) Os docentes desse curso participam de comitês organizadores de congressos e de corpo editorial de periódicos internacionais?
- 12) Os docentes desse curso escrevem e publicam artigos em periódicos e revistas de circulação internacional?
- 13) Os docentes desse curso ministram aulas em língua estrangeira?

- 14) Os docentes desse curso receberam ou recebem bolsa de doutorado pleno, doutorado sanduíche ou estágio pós-doutoral para estudarem em instituições no exterior?
- 15) Quais são as principais razões que têm levado esse curso a se internacionalizar?
- 16) Quais estratégias estão sendo utilizadas para aprimorar processo de internacionalização desse curso?
- 17) Em sua opinião, quais os benefícios do processo de internacionalização?
- 18) Existem riscos decorrentes desse processo de internacionalização?
- 19) Existe algum obstáculo ao processo de internacionalização desse curso?